



· **UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

· **ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

· **DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

· **Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis):**

· Da História e Memória do Lugar à sua Salvaguarda e Valorização

· **(VOLUME I)**

· **Rita Andreia Carapinha da Silva**

· Orientação: Prof.^a Dr.^a Antónia Fialho Conde

· **Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural**

· Área de especialização: *Património Artístico e História de Arte*

· Dissertação

· Évora, 2016



· **UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

· **ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

· **DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

· **Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis):**

· Da História e Memória do Lugar à sua Salvaguarda e Valorização

· **(Volume I)**

· **Rita Andreia Carapinha da Silva**

· Orientação: Prof.^a Dr.^a Antónia Fialho Conde

· **Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural**

· Área de especialização: *Património Artístico e História de Arte*

· Dissertação

· Évora, 2016

Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis):

Da história e memória do lugar à sua salvaguarda e valorização

RESUMO

A Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens constituiu-se como o principal centro de romaria e peregrinação do concelho de Avis.

No seu auge, nos inícios do século XX, as festividades ocuparam as primeiras páginas de jornais locais e distritais e abarcavam eventos como torneios de futebol, fanfarras, distribuição de enxovais a crianças carenciadas, entre outros, organizados pela Confraria com o mesmo nome, o que espelha a importância do culto.

Porém, a construção da barragem do Maranhão, na década de 50 do século XX, veio isolar o local, aumentando as distâncias do mesmo à vila e aldeias mais próximas, diminuindo consequentemente a afluência de peregrinos e colocando o local em perigo do ponto de vista material e imaterial.

Neste sentido, é imperativo que seja feito o seu levantamento histórico, arquitetónico, cultural e patrimonial, e que se lancem as bases para uma proposta de salvaguarda do património, em termos materiais e imateriais.

Palavras-chave: Avis, Arte Popular, Património, Salvaguarda, Valorização, Nossa Senhora Mãe dos Homens

Church of Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis):

From the history and memory of the place to its safeguarding and enhancement

ABSTRACT

The Church of Nossa Senhora Mãe dos Homens was established as the main pilgrimage center of the municipality of Avis.

At its peak, in the early twentieth century, its festivities occupied the front pages of local and districtal newspapers and events such as football tournaments, fanfares, distribution of textiles to children in need, among others, were organized by the Confraternity of the same name, which reflects the importance of this investigation.

However, the construction of the Dam of Maranhão, in the 50's of the twentieth century, came to isolate the site, increasing the distances to the nearby villages, thereby decreasing the influx of pilgrims and putting the local in danger from a material and immaterial point of view.

Therefore, a historical, architectural and cultural survey of this site is imperative, as well as a proposal to the material and immaterial safeguard of this heritage.

Key-words: Avis, Folk Art, Heritage, Safeguard, Enhancement, Nossa Senhora Mãe dos Homens

AGRADECIMENTOS

Esta etapa da minha vida pessoal e académica não teria sido possível sem um conjunto de pessoas, às quais expresso o meu sentido agradecimento:

A minha primeira palavra de agradecimento é dirigida à Professora Antónia Fialho Conde, pela sua excepcional disponibilidade, pelas suas sugestões, revisões e correções mas sobretudo pela paciência, incentivo e confiança, não só na fase da investigação mas ao longo de todo o percurso académico, fazendo de si muito mais que uma orientadora;

O meu especial apreço a todo o corpo docente do Mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, sem exceção, que contribuíram para que chegasse até aqui, pela transmissão de conhecimentos que me proporcionaram a escolha, estruturação e elaboração desta dissertação;

À Professora Fernanda Olival e ao Professor André Carneiro, o meu agradecimento pelas sugestões dispensadas, pela disponibilidade que sempre me mostraram e pelos sábios conselhos;

Ao Município de Avis, especialmente à Dr.^a Marta Alexandre e ao Excelentíssimo Presidente da União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão, Jorge Borlinhas, por todo o apoio, mas também a todos os avisenses e/ou romeiros de Nossa Senhora Mãe dos Homens que mostraram o seu interesse na concretização deste projeto e nele participaram direta ou indiretamente;

Ainda, à Dr.^a Paula Freire, pelos anos de aprendizagens que me proporcionaram um outro olhar da realidade patrimonial;

Ao Eng.^o Francisco de Almeida Garrett e sua esposa, D. Teresa de Almeida Garrett, pela facilitação dos acessos ao local;

Ao Padre Pacheco, da paróquia de Avis, pela amabilidade e auxílio prestado;

Finalmente:

Aos meus pais, obrigada por tudo, principalmente por me darem força para continuar e tornar os meus sonhos realidade;

Ao Márcio, meu porto de abrigo, agradeço a paciência, a sua contagiante serenidade e o apoio incondicional;

À Elsa Vila, por tudo (e mais alguma coisa);

À Joana Silva, Laura Largueiras, Ana Santos e Teresa Canas, minhas confidentes;

À restante família e amigos, que de alguma forma deram o seu contributo;

À Julieta, minha fiel companheira, ininterruptamente ao meu lado.

ÍNDICE

VOLUME I

	Página
RESUMO	i
ABSTRACT	ii
AGRADECIMENTOS	iii
ABREVIATURAS	viii
INTRODUÇÃO	
PROBLEMÁTICA	1
OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO	2
ESTADO DE ARTE	4
METODOLOGIA	10
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1: AVIS, UMA VILA SINGULAR	
1.1. - AVIS: UM ATRATIVO AO POVOAMENTO	13
1.2. - O SURGIMENTO DA ORDEM DE AVIS	14
1.3. - A ORDEM MILITAR DE AVIS E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	16
1.3.1. - O espaço urbano	16
1.3.2. - O espaço rural	18
1.3.3. - As divisões administrativo-religiosas da Ordem de Avis	19
1.4. - OS TESTEMUNHOS PATRIMONIAIS DA ADMINISTRAÇÃO RELIGIOSA DA ORDEM NO CONCELHO DE AVIS	21
CAPÍTULO 2: A IGREJA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: DA HISTÓRIA DO LUGAR AO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO E IMATERIAL	
2.1. - DA ERMIDA DE S. MIGUEL À IGREJA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA	26
2.2. - DESCRIÇÃO E EVOLUÇÃO ARQUITETÓNICA	30
2.2.1. - A Igreja	30
2.2.2. - Património arquitetónico	35

2.2.3. - Património integrado	38
2.3. - CONFRARIA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS	40
2.3.1. - Confrarias: contextualização	40
2.3.2. - A Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens	43
2.3.3. - Os bens da Confraria	49
CAPÍTULO 3: DIMENSÃO POPULAR DO CULTO: DIVERSIDADE DE MANIFESTAÇÕES	
3.1. - A DIMENSÃO LENDÁRIA DO <i>LOCUS</i>	54
3.2. - MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E DE FÉ	56
3.3. - FESTIVIDADES E PRÁTICAS ROMEIRAS EM NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS	63
CAPÍTULO 4: SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO RELIGIOSO DO CONCELHO DE AVIS: UMA PROPOSTA INTEGRADA	71
4.1. - PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NO LOCAL	75
4.1.1. - Turismo rural	75
4.1.2. - Habitação social	82
4.2. - VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURAL	83
4.2.1. - Centro Interpretativo de Nossa Senhora Mãe dos Homens	83
4.2.2. - Rota das Igrejas de Nossa Senhora Mãe dos Homens	84
4.2.3. - Rota das Igrejas do concelho de Avis	86
CONCLUSÃO	90
BIBLIOGRAFIA	94
ÍNDICE DE CARTAZES	
Cartaz 1 - Peregrinação a Nossa Senhora Mãe dos Homens, 2015	68
ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS	
Fotografia 1 - Fachada da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens	33
Fotografia 2 - Face sul da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens	33

Fotografia 3 - Face nascente e face norte da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens	34
Fotografia 4 - Lateral norte da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens	34

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Planta da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens	32
Imagem 2 - Gráfico de metodologia de ação para intervenções no património	72

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de Portugal com a localização do concelho de Avis	13
Mapa 2 - Concelho de Avis	13
Mapa 3 - Planta topográfica de Avis	16
Mapa 4 - Domínios das Ordens Militares Religiosas portuguesas	18
Mapa 5 - Igrejas integrantes na lenda de fundação das ermidas do concelho de Avis	55
Mapa 6 - Rota das Igrejas de Nossa Senhora Mãe dos Homens	85
Mapa 7 - Rota das Igrejas do concelho de Avis	86
Mapa 8 - Mapa da rota automóvel das Igrejas do concelho de Avis com a distância fixada	87

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Lista do Património Religioso do Concelho de Avis	23
Tabela 2 - Domínios do Património Cultural Imaterial	74

VOLUME II

ANEXOS

ANEXO I - GLOSSÁRIO	iii
ANEXO II - DOCUMENTOS DA CONFRARIA	ix
ANEXO III - INVENTÁRIO DOS EX-VOTOS: FITAS SACRAMENTAIS	xciv
ANEXO IV - INVENTÁRIO DOS EX-VOTOS: PINTURA DE	

MILAGRES	cclxx
ANEXO V - TRATAMENTO DE DADOS (TABELAS)	cclxxxix
ANEXO VI - LEGISLAÇÃO NACIONAL	ccci
ANEXO VII - LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL	ccclv
ANEXO VIII - FOTOGRAFIAS: NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS	ccclxxxiv
ANEXO IX - FOTOGRAFIAS: PATRIMÓNIO RELIGIOSO DO CONCELHO DE AVIS	cdxxv
ANEXO X- ICONOGRAFIA	cdxliii
ANEXO XI - MODELO DE REQUERIMENTO INICIAL DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS	cdxlv
ANEXO XII - MAPAS	cdxlix
ANEXO XIII - CARTAZES	cdliv

ABREVIATURAS

AHCMA - Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Avis

Alt. - Altura

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Cap. - Capítulo

CIOA - Centro Interpretativo da Ordem de Avis

CMA - Câmara Municipal de Avis

Comp. - Comprimento

DGPC - Direção Geral do Património Cultural

Ed. - Edição

ex. - Exemplo

IMA - Igreja Matriz de Avis

INAG - Instituto da Água (atual Agência Portuguesa do Ambiente)

Inv. - Inventário

Larg. - Largura

N^a - Nossa

Pe. - Padre

PENT - Plano Estratégico Nacional de Turismo

Prof. - Profundidade

P. - Página(s)

S. - São, Santo

Séc. - Século(s)

Sr.^a - Senhora

Vol. - Volume

Vols. - Volumes

Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Avis):
Da História e Memória do Lugar à sua Salvaguarda e Valorização

"Procurar a essência ou a 'verdade' das coisas e dos lugares e termos a pretensão de as ter atingido é veleidade demasiada. Arrogância essa quem julga ter entendido o tempo e o espírito dos vestígios com que se confronta. E, no entanto, temos que agir, porque o vazio é bem pior... Porque não podemos fugir ao remorso quando contribuímos para tudo desagregar ou mesmo destruir. Ficaria apenas um "buraco negro" onde ninguém se quer perder. Um gosto demasiado acre na boca e um sopro no coração."

Maria Filomena Barata

(In "Algumas reflexões sobre Património", Estudos de Património, nº3, 2002, p. 105)

INTRODUÇÃO

PROBLEMÁTICA

Avis, situada geograficamente no norte alentejano, foi desde os tempos pré-históricos um lugar de preferência. Da romanização à arabização, passando pela marcante presença secular de uma Ordem religioso-militar, a Ordem de São Bento de Avis, muitos foram os testemunhos deixados neste concelho, sobretudo a nível de património religioso.

Em todo o concelho denota-se um número considerável de edifícios religiosos, das mais diversas cronologias e influências, dos mais ricos aos mais pobres em termos arquitetónicos e artísticos, mas ainda assim todos eles testemunhos da tradição e culto das gentes, constituindo-se não só enquanto património arquitetónico e religioso, mas dotados também de uma componente patrimonial imaterial.

Dentro desta panóplia de edifícios religiosos, conta-se o local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, pertencente à União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão, concelho de Avis, objeto de estudo da presente dissertação de mestrado. Este local de culto assume-se com particular importância face aos demais, justificando-se a escolha do mesmo pelo facto de se tratar do principal centro de romaria e peregrinação do concelho de Avis ainda hoje ativo; porém, em risco.

O seu carácter religioso está muito enraizado, sendo palco de romarias desde o século XVIII, época em que se terá formado a Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, cujos *Estatutos* foram confirmados em 1778, que assumia o culto festivo desta padroeira e a animação do local¹, dando às celebrações um novo panorama, com muitas atividades aquando das festividades, que atraíam mais peregrinos, associando-se à fama da santa milagreira. A sua crescente dimensão romeira fez-se sentir em jornais locais e distritais², que chegaram a atribuir honras de primeira página às festas de Nossa Senhora Mãe dos Homens³.

A envolvente paisagística e geográfica da ermida, com abundância de água, que fertilizava as terras, com montado de sobro e azinho que garantia sombras e alimento para gado, entre outros fatores, como a proximidade da freguesia de Avis e de Santo António de

¹ GOMES, 1996-1997, p. 614.

² Jornal *Avisense*, jornal *Distrito de Portalegre* e jornal *O Evolucionista*.

³ Jornal *O Evolucionista* de 17 de Agosto de 1916.

Alcórrego⁴, associaram ao local edifícios e estruturas habitacionais, que faziam com que famílias que ali casavam e batizavam os seus filhos, fossem permanecendo.

Porém, durante o 3º quartel do século XX, com a construção da Barragem do Maranhão, inaugurada em 1958, toda a vivacidade deste sítio de culto e de habitação esmoreceu. Esta transformação deve-se aos acessos, que se encontram agora submersos, sendo que a distância à vila, anteriormente de 5 quilómetros, aumentou exponencialmente, para cerca de 18 quilómetros⁵, alguns deles percorridos em propriedades privadas⁶. Neste sentido, a população do pequeno aglomerado que se constituiu à volta da ermida, que poderia ter-se tornado uma aldeia, mudou-se de armas e bagagens para onde dispunha de condições de vida, a vila de Avis e a freguesia de Santo António do Alcórrego, evitando o isolamento que agora se verifica.

Hoje, ainda se encontram entre os poucos peregrinos que afluem ao local à data da celebração do culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no último domingo de Agosto, alguns naturais do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em número bastante reduzido. No entanto, contam-se poucos peregrinos novos, e esta falta de novas gentes a juntar à condição geográfica do local, isolado e limitado por propriedades privadas que se veem invadidas por desconhecidos ao permitir a passagem, põem em risco a integridade e as tradições do local, seculares. É neste sentido que esta igreja rural se insere no âmbito do mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural: trata-se de património histórico, na sua dimensão do edificado, e cultural e imaterial, no âmbito da tradição associada, possuindo ainda uma dimensão artística popular espelhada nos ex-votos.

OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO

Os principais objetivo relativamente ao estudo de caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens é a salvaguarda da tradição local e a chamada de atenção para o risco de perda de identidade, memória e património, pouco rico em detalhes arquitetónicos mas enobrecido pelo seu valor simbólico e imaterial, que corre o risco de desaparecer sem ter sido sequer divulgado. Ainda, não estando presente em nenhum inventário patrimonial consultado até à

⁴ O concelho de Avis era composto por 8 freguesias: Avis, Ervedal, Benavila, (Santo António de) Alcórrego, Maranhão, Aldeia Velha, Valongo e Figueira e Barros. Após a reorganização administrativa do território das freguesias, em 2013, passaram a ser 6, com a União das freguesias de Alcórrego e Maranhão e União de freguesias de Benavila e Valongo. No presente trabalho, sempre que possível será feita menção à nova configuração, porém, sempre que se justifique - tratando-se de especificações de uma única localidade e não do seu conjunto - serão abordadas individualmente, apesar do novo mapa das freguesias.

⁵ Ver Anexo XII, Mapa 9.

⁶ Agravava-se mais a distância atendendo aos meios de transporte da época em questão.

data desta investigação, serve a presente para lançar as bases dessa mesma inventariação. De igual forma se lançam as bases para a localização de velhas capelas e ermidas arruinadas ou arrasadas, no concelho e fora dele, passíveis de recuperação por motivos de interesse histórico, arquitetónico ou arqueológico.

Pretende-se, em suma, alertar e sensibilizar a população para os riscos de perda de identidade e memória em que os locais incorrem, um risco muitas vezes irreversível, abrindo horizontes para questões relacionadas com património, história, cultura e etnografia.

Não obstante os esforços que se vêm a desenvolver no concelho de Avis para a preservação e valorização do património⁷, há ainda muito caminho a percorrer devido à vastidão de património que o concelho possui, mas sobretudo no sentido de envolver a população autóctone nesses mesmos projetos. Face à lei, a preservação deste legado patrimonial é responsabilidade de todos os portugueses – indivíduos, grupos, associações, detentores, gestores, estudiosos, utilizadores e fruidores. Neste sentido, é essencial reforçar a perceção de que o património pode ser um poderoso fator de distinção e de identidade individual e coletiva, bem como um eficaz fator de desenvolvimento de lugares e regiões, quando se mantém uma determinada autenticidade e intocabilidade, como é o caso de Avis. Pretende-se assim, com este processo de recolha e disseminação de informação, aumentar a consciência pública sobre a importância da salvaguarda, conservação, valorização e proteção do património e reforçar a ideia de que o património arquitetónico pode ser um fator identitário, porque “(...) o conceito atualizado de património arquitetónico já não se refere apenas às categorias monumentais clássicas, abrangendo uma diversidade de elementos, conjuntos e sítios espalhados pelo território, que estabelecem inter-relações entre si e com os seus contextos paisagísticos e ambientais, urbanos e não-urbanos, tornando-se indissociável do património imaterial com que se relaciona⁸”.

Serve ainda esta investigação para dar maior ênfase à temática dos cultos populares nas agendas de investigação nacionais, uma vez que os presentes cultos e suas sedes são muitas vezes obscurecidos pela grandiosidade de igrejas, conventos e mosteiros, quando nem sempre a sua importância é menor, nomeadamente a nível local e sobretudo no que

⁷ Nos últimos anos, assistiu-se à criação de valências museológicas com uma qualidade científica considerável, como o Museu do Campo Alentejano e o Centro Interpretativo da Ordem de Avis, este último com projetos de reconstituição 3D de edifícios históricos avisenses: Igreja de Santa Luzia, Castelo de Avis, Igreja Matriz, Hospedarias e Enfermaria do Convento, Igreja do Convento, Cisterna camarária e Capela da Misericórdia. Acrescentam-se a este projeto os percursos: Convento, A Marca do Canteiro em Avis, Arte Sacra, Culto dos Mortos, Cursos e Percursos de Água: do Engenho à Necessidade e A Ordem de Avis no Concelho.

⁸ MATIAS et al, 2010, p. 10-11.

toca à dimensão dos festejos, que pelo seu âmbito rural sugerem sempre um maior destaque.

“De acordo com diversas cartas e convenções internacionais que visam a proteção do património arquitetónico, urbanístico e paisagístico, (...) a conservação, divulgação e acesso a informação atualizada (...), são consideradas atividades essenciais de suporte ao reconhecimento, identificação, estudo, compreensão e “apropriação” desses objetos patrimoniais pelos indivíduos, comunidades e organizações e, bem assim, à sua gestão, salvaguarda e valorização⁹”, justificando-se assim a pertinência do presente estudo de caso.

ESTADO DA ARTE

O "pequeno património¹⁰" tem sido desde sempre negligenciado face aos grandes monumentos. Assistimos constantemente a ações de salvaguarda de património direcionadas para as grandes catedrais, conventos, mosteiros, castelos, ou monumentos antigos, como antas e *villae* romanas. Porém, a grande mancha patrimonial não se encontra nestes símbolos da grandeza da Nação, mas sim no património menor, mais simples e testemunho da história das gentes autóctones. Há que ter em conta que *“(...) o conceito atualizado de património arquitetónico já não se refere apenas às categorias monumentais clássicas, abarcando uma diversidade de elementos, conjuntos e sítios espalhados pelo território, que estabelecem inter-relações entre si e com os seus contextos paisagísticos e ambientais, urbanos e não-urbanos, tornando-se indissociável do património imaterial com que se relaciona¹¹”, pelo que se deve zelar cada vez mais por todo o património.*

No que toca à bibliografia, também se verifica uma tendência centrípeta, convergindo nos testemunhos de maior monumentalidade, abarcando o património mais singelo enquanto consequência ou apenas em pequenos artigos temáticos onde se enquadram, como o artigo de Ana Maria Borges e Luís Marino, "A ermida de Nossa Senhora da Assunção de Messejana: Conjugação de influências num exemplar arquitectónico da 2ª metade do século XVIII", publicado no âmbito das *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, em 2001.

No caso concreto desta investigação, antes de mais, importa referir que as obras constantes na bibliografia apresentada são referências citadas e consultadas, justificando-se

⁹ MATIAS et al, 2010, p. 6.

¹⁰ Ermidas, capelas rurais, igrejas sem aparato artístico e histórico, alminhas, coretos, fontes, em suma, expressões artísticas e arquitetónicas populares.

¹¹ MATIAS et al, 2010, p. 10-11.

a não citação de algumas por, apesar de relacionadas com o tema, se não lhe adequarem os conteúdos.

Tratando-se de um estudo de caso muito localizado, para a presente investigação foi necessário recorrer a bibliografia das várias temáticas envolvidas neste estudo para construir e enquadrar o discurso. Entrando no campo da sua análise, verifica-se que é cerca das décadas de 70 e 80 do século XX que surge um interesse pela matéria da religiosidade popular, ermidas e manifestações de fé (ex-votos). Como exemplo disso, temos a produção de Albino Lapa, o *Livro de Ex-votos Portugueses*, de 1967, que se trata essencialmente de um álbum fotográfico de ex-votos do país, com particular enfoque nos ex-votos de temas marítimos, atendendo à forte ligação de Portugal ao mar, de forma a lançar as bases para um itinerário destes mesmos ex-votos. Não tendo referências diretas a Nossa Senhora Mãe dos Homens, apresenta, na sua parte introdutória, uma síntese da evolução histórica dos ex-votos, bem como um conjunto de definições para o conceito de ex-voto, de bastante utilidade e relevância. Eurico Gama e *Os Ex-votos do Senhor Jesus da Piedade de Elvas*, de 1972, apresentam uma evolução histórica da utilização de ex-votos enquanto manifestações de fé e de alguns motivos que levam à sua elaboração, balanceando na cronologia dos exemplos dados várias épocas históricas. Neste sentido, ainda que de forma intrínseca, subentende-se uma definição do ex-voto. No corpo do trabalho, o autor dedica um capítulo ao assunto dos ex-votos (tomando como exemplo o seu estudo de caso), um outro referente à técnica, e finalmente, um terceiro relativo à datação, que podem conter elementos transversais a ambos os casos, do Senhor Jesus da Piedade de Elvas e da Nossa Senhora Mãe dos Homens, pelo que se justifica a sua referência. Agostinho Araújo possui duas publicações acerca do tema: *Gratulações e Proselitismo na Pintura dos "Milagres"* e *A Pintura Popular Votiva no Século XVIII: reflexões a partir da colecção de Matosinhos*, ambas de 1979. Porém é o último que se assume como um estudo de base para a dissertação, no sentido em que toca em aspetos básicos como as dimensões padrão, o suporte e a composição dos ex-votos - ainda que do Porto em particular - que pode ajudar a compreender os exemplares de Nossa Senhora Mãe dos Homens e a melhor analisá-los. Carlos Brochado de Almeida merece destaque devido ao artigo "Religiosidade Popular e Ermidas", publicado na revista *Studium Generale: Estudos Contemporâneos*, nº6, de 1984, um artigo interessante, onde o autor tenta explicar porque é que a religiosidade popular - peregrinações, romarias, e outros festejos relacionados - se faz sentir em maior escala em âmbito rural, e o porquê do estabelecimento das ermidas nesse mesmo contexto, atendendo a um enquadramento paisagístico (*genius loci*), uma dimensão lendária ou até mesmo a uma posição estratégica de controlo dos limites das paróquias, cuja aplicabilidade ao caso

do lugar de Nossa Senhora Mãe dos Homens é óbvia. Neste âmbito, não se devem descurar os estudos de Pierre Sanchis, sobretudo a publicação *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*, publicado em 1983, pela Dom Quixote, onde o autor descreve a vivência da religiosidade popular e mostra ao leitor como se interligam as dimensões sagrada e profana das romarias, ligando as celebrações religiosas com as festividades de grande escala que se celebram nos adros das igrejas.

Como seria de esperar, as obras acima citadas tratam-se de estudos de caso ou de obras genéricas, o que faz com que muitas das suas informações não se possam adequar a este caso particular, senão as informações introdutórias. No entanto, salienta-se que, na sua maioria, apontam indicadores genéricos de análise a seguir para os ex-votos, num sentido lato, como a composição, cromatismo, material, técnica, entre outros.

No que toca à constituição de ermidas, aos seus motivos de implantação, aos motivos que as levam a constituir-se como centros de romaria e ao nascimento de tão grande devoção que culmina com a presença de ex-votos em número considerável, nada se sabe para além do que nos adianta Carlos Brochado de Almeida. Bem sabemos que os campos da religiosidade são de difícil exploração, porém, devido à sua importância a nível local, e ao facto de se tratar de um fenómeno transversal, que se verifica a nível nacional e internacional, salienta-se a falta de estudos, o que se pode traduzir pela falta de interesse nestes testemunhos tão particulares e etnográfica e patrimonialmente ricos.

Para a historiografia nacional, e também numa lógica generalista, José Mattoso dá o seu contributo com o artigo "Eremitas portugueses no século XII", publicado na revista *Lusitânia Sacra*, nº 9, em 1970-71, apesar de se tratar de um período precoce no que toca ao eremitismo na região do Alentejo, que aqui abordamos.

No campo dos cultos, destaque apenas para Sandra Costa Saldanha e para o artigo "Santa Maria, Mãe dos Homens. Difusão do culto pela imagem: arte iconográfica", publicado na revista *Invenire*, nº3, de 2011, que, apesar de ser um artigo pequeno, tem uma importância ímpar por ser, até ao momento da investigação, o único encontrado onde as origens deste culto mariano se encontram expressas, desde a localização à data, permitindo assim referir a sua origem e meios de transmissão. O presente artigo contém ainda referências e registos iconográficos da santa padroeira da igreja em estudo, mais um elemento de destaque e valorização deste pequeno artigo, que permite a comparação com a iconografia do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens e auxilia na compreensão e enquadramento da escolha e instauração do culto na igreja avisense.

A bibliografia recolhida referente ao tema das Confrarias situa-se cronologicamente em meados da década de 90 do século XX, e é constituída pelos artigos de Pedro Penteado,

"Confrarias portuguesas da Época Moderna: problemas, resultados e tendências de investigação", publicado na revista *Lusitânia Sacra*, em 1995, e de J. Gomes Pinharanda, "Confrarias, Misericórdias, Ordens Terceiras, Obras Pias e outras associações de fiéis em Portugal nos séculos XIX e XX: bibliografia institucional (contributo)", publicado na mesma revista, em 1996-1997. Estes dois estudos, um relativo à Época Moderna e outro relativo à Época Contemporânea, apresentam-se bastante completos e elucidativos no que toca à definição, explicação dos objetivos, missão, constituição e contextualização histórica do movimento de criação destas associações que marcaram, neste caso concreto, os séculos XVIII, XIX e XX. Pedro Penteado foca-se na dinâmica de ação das confrarias a nível religioso, mas também social e económico entre o século XVI a XVIII, pretendendo exprimir a importância deste tema a nível da História Religiosa, abordando as Confrarias enquanto associações devocionais, assistenciais e sociais, essenciais para se entender a dinâmica dos cultos populares; dá também enfoque à constituição interna das Confrarias, aos seus membros, e ao motivo do ingresso nestas irmandades. Chama também a atenção para a importância de outras fontes que não apenas as documentais para o estudo deste tema, como sejam quadros, medalhas, estandartes, bandeiras, opas e também os ex-votos, os testemunhos orais e fotográficos e o cancionero popular. Apesar de bastante elucidativo, este artigo baseia-se nos casos concretos das Confrarias e Irmandades de Alcobça, Fundão, Gaia e Porto, pelo que apenas é possível retirar dele elações genéricas, não podendo adaptar as suas especificidades, uma vez que nenhuma das associações de fiéis referida se consagra a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Por seu turno, Pinharanda apresenta um levantamento documental dos *Estatutos* e compromissos de algumas Confrarias, bem como bibliografia no mesmo âmbito, o que se constitui como uma valência para as agendas de investigação sobre o tema; porém, o culto a Nossa Senhora Mãe dos Homens não se encontra consignado.

Relacionado, ainda que indiretamente, com esta temática, e nomeadamente com os bens das confrarias e instituições religiosas, destaque para o artigo de Jorge Fernandes Alves, "Liberdade de consciência, liberdade de cultos: o papel da Lei de Separação do Estado das Igrejas (1911)", publicado na revista *Cultura, Espaço e Memória*, nº 3, de 2012, que auxilia na compreensão do processo de laicização do Estado, em 1911, e as implicações que esta lei teve nas instituições referidas.

Devido a uma composição elitista das Confrarias religiosas, regra geral, cabe referência a Maria Antónia de Figueiredo Pires de Almeida e à sua obra *Família e Poder no Alentejo (Elites de Avis: 1886-1941)*, publicada em 1997, que contextualiza a realidade

social avise no período áureo de Nossa Senhora Mãe dos Homens, o século XIX e primeiras metade do século XX, aproximadamente.

Acerca de Avis e sobre a presença da Ordem Militar Religiosa, capítulo introdutório e de contextualização histórica e geográfica, salienta-se Armando de Sousa Pereira e o seu artigo "Avis, viagem a uma vila medieval", publicado n'A *Cidade de Évora*, em 1998-1999, que abarca a história de Avis, desde as suas primeiras ocupações até finais do século XV, depositando particular enfoque na ocupação e influência da Ordem Militar na malha urbana e nos testemunhos que ainda hoje se verificam neste âmbito; Jorge Gaspar, com o estudo "A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média", publicado na revista *Finisterra* em 1969, serve de complemento ao primeiro.

Salientam-se também os estudos de Fernanda Olival, "As Ordens Militares na historiografia portuguesa (séculos XVI-XVIII): notas de balanço", publicado na revista *Penélope*, em 1997, e "O clero da Ordem de Avis na região alentejana (1680-1689): concursos e provimentos", no âmbito do *III Encontro sobre Ordens Militares*, de 1999, que auxiliam na compreensão do funcionamento da Ordem Militar enquanto entidade administrativa e organizadora do espaço, sobretudo rural.

A conjugação destes estudos permite traçar uma linha evolutiva acerca da ocupação de Avis até cerca de 1834, com particular destaque para os anos da implantação e domínio da Ordem de São Bento no local, e apesar de tratarem temas distintos, tocam-se em pontos que permitem uma harmoniosa ligação das partes. Salienta-se, ainda que não citada, a tese de mestrado de Emanuel Cardoso Pereira, *Concelhos e Ordens Militares na Idade Média. Relações de dependência e de confronto dos séculos XII a XIV*, de 2013, que, ainda que de forma sucinta, aborda um pouco de ambos.

Outros estudos sobre Avis se contam, porém, sem importância relevante para o estudo em questão, como a obra de Maria Clara Pereira da Costa, *A Vila de Avis Cabeça de Comarca e da Ordem. Século XVI a XVIII. Tombos, Direitos, Bens e Propriedades*, de 1982, e a publicação de Alexandre Carvalho Costa, *Avis: suas freguesias rurais: Aldeia Velha, Alcórrego, Benavila, Ervedal, Figueira e Barros, Maranhão, Valongo*, publicado em 1983. Estas duas obras tratam-se, respetivamente, de um tomo das propriedades da Ordem Militar de Avis, onde não consta o lugar de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e num estudo toponímico das freguesias do concelho de Avis.

A temática do Património ganha maior destaque no século XXI, influência da aprovação da Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro). De maior importância para a presente investigação, temos Elsa Garrett Pinho e Inês da Cunha Freitas com *Normas de Inventário. Normas Gerais. Artes Plásticas e Artes Decorativas*, de

2000; Maria João Vilhena de Carvalho e a sua obra *Normas de Inventário. Escultura. Artes Plásticas e Decorativas*, publicada em 2004; e Joaquim Oliveira Caetano e as *Normas de Inventário. Pintura. Artes Plásticas e Decorativas*, de 2007. Estas publicações serviram de base para a elaboração do inventário dos ex-votos de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Maria Filomena Barata no seu artigo "Algumas reflexões sobre Património", publicado na revista *Estudos de Património*, de 2002, tece também pertinentes considerações acerca do património, a ter em conta numa investigação deste tipo.

No campo do turismo, intrinsecamente ligado com o património e a sua valorização, salienta-se o artigo de Luís Silva, "Os impactos do turismo em espaço rural", publicado na revista *Antropologia Portuguesa*, em 2005-2006, que estuda os impactos do turismo a nível rural e a necessidade da sua valorização para o combate ao êxodo rural e à desertificação do Alentejo. Apresenta vários pontos de vista acerca do desenvolvimento rural e do impacto do turismo neste âmbito, suscitando reflexões por parte do leitor, o que o torna um artigo de fomento à investigação e como tal, de pertinência para a presente dissertação de mestrado. Neste seu artigo enuncia alguns conceitos a explorar no âmbito da mesma, como "*patrimonialização de recursos*", de uma abrangência tal que comporta em si história, cultura, agricultura, arquitetura, romarias, procissões, paisagem, entre muitos outros registos patrimoniais. Apresenta também um glossário referente aos tipos de turismo que se podem concretizar a nível rural, o que pode elucidar quanto à especificidade da oferta turística que se pretende para o sítio de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Aliado às componentes já referidas, o autor, numa linguagem simples e acessível, apresenta valores estatísticos acerca da implantação do turismo a nível rural e, ainda que não sejam necessários para a dissertação, fazem com que este artigo, somando todas as suas componentes, seja referencial para a investigação que aqui se propõe.

Numa breve análise da produção bibliográfica internacional, referir que no campo da religiosidade e dos ex-votos se destacam as produções brasileiras, enquanto que no campo do turismo, sobretudo religioso, são as publicações espanholas que imperam.

Em suma, podemos considerar que existe bibliografia que permite a fundamentação deste estudo de caso, a todos os seus níveis, mas mais particularmente em relação ao estudo das Confrarias e manifestações materiais de fé. No que toca ao estudo das ermidas e do culto a Nossa Senhora Mãe dos Homens, surgem ainda algumas interrogações, derivadas da pouca relevância do tema nas agendas de investigação e das lacunas documentais sobretudo entre o século XII e o século XVI. Salientam-se alguns estudos de caso sobre ermidas de cultos particulares, mas nenhum em relação à santa padroeira do local escolhido, o que constitui por si uma inovação nas agendas de investigação. Porém,

não se pretende que seja apenas mais um estudo de caso, mas sim uma investigação com vista à recuperação da tradição religiosa e simultaneamente laica, devolvendo ao maior centro de romaria do concelho de Avis alguma da sua anterior dignidade, bem como salvaguardar o local, registando-o para momentos futuros, impedindo a sua perda e a perda de uma identidade ainda hoje muito presente e muito prezada, mesmo em risco, aproximando de novo o local e a comunidade, sendo esta a nossa principal meta a atingir.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia utilizada, para a recolha de bibliografia foram efetuadas pesquisas generalizadas por temática em várias bibliotecas, primeiramente através das suas bases de dados online, e numa fase posterior, presencialmente. Entre estas instituições estão a Biblioteca da Universidade de Évora, a Biblioteca Pública de Évora, a Biblioteca Digital do Alentejo e a Biblioteca Nacional Digital.

Relativamente à consulta de fontes, os principais arquivos a referir são o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que disponibiliza grande parte do fundo documental relativo à Ordem Religiosa Militar de Avis *online*, o Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Avis e o fundo documental da Igreja Matriz de Avis, onde se podem encontrar os documentos tardo-modernos e contemporâneos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Foram também consultados textos jurídico-administrativos disponibilizados pelo *site* da Direção Geral de Património Cultural, nacionais e internacionais, para enquadrar devidamente a situação estudada.

Para o levantamento e estudo dos ex-votos de Nossa Senhora Mãe dos Homens foram efetuadas fichas de inventário, presentes em anexo, cujos campos nela constantes foram inspirados na base de dados *online* www.matriznet.dgpc.pt e nas Normas de Inventário disponibilizadas no mesmo endereço, mais propriamente as Normas Gerais¹², de Escultura¹³ e de Pintura¹⁴. Estas fichas de inventário permitiram uma análise dos ex-votos do local no âmbito de aferir a sua quantidade, o seu motivo, a sua tipologia, entre outros aspetos que se contam de interesse estudar. De salientar que os ex-votos constituem-se também como um suporte de informação, herança histórica e cultural da vida do local e das

¹² PINHO & FREITAS, 2000.

¹³ CARVALHO, 2004.

¹⁴ CAETANO, 2007.

gentes e "*Apesar de habitualmente serem secundarizados nas investigações, estes objetos esclarecem e ilustram aspetos fundamentais do associativismo leigo de cariz religioso.*"¹⁵".

Ao longo da investigação serão apresentados recursos visuais, como fotografias, esquemas e mapas, resultantes das recolhas documental, bibliográfica e fotográfica elaboradas, que permitem ilustrar a leitura e facilitar a interpretação dos conteúdos desenvolvidos.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Resultante do processo de recolha de informação, a estrutura seguida para a apresentação deste estudo assenta sobre os tópicos de investigação apresentados abaixo, que constituem o Volume I desta dissertação:

- Contextualização histórica da vila de Avis, com particular enfoque na sua ocupação pela Ordem de São Bento, que ali se sediou no século XIII, bem como o papel da milícia na organização e administração do espaço, levando ao surgimento de inúmeros edifícios religiosos, testemunhos do domínio da Ordem Religiosa Militar em terras avisenses, entre eles o de Nossa Senhora Mãe dos Homens, alvo do presente estudo de caso;
- Descrição da evolução histórica do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, com base na análise das primeiras referências documentais do mesmo, medievais e modernas, e as condições que levaram à mudança de culto de São Miguel para Nossa Senhora Mãe dos Homens;
- Descrição arquitetónica das estruturas do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, com a enumeração e explicitação das alterações sofridas cuja documentação permite analisar. Tratando-se de um conjunto, neste ponto haverá espaço para a análise da Igreja e seu património integrado, das habitações, e de outros elementos, como uma fonte, uma ponte e um coreto sites no lugar;
- Sabendo-se que na gestão administrativa e religiosa do local, a partir do século XVIII, com a mudança de culto para Nossa Senhora Mãe dos Homens, esteve uma Confraria, cabe a contextualização do que são estas associações e a especificação dos objetivos, missão, bens e práticas da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, parte integrante da história do local e móbil da vitalidade do mesmo durante dois séculos, XVIII e XIX, com um legado documental quase virgem, explorado em parte nesta investigação, mas com mais para revelar;

¹⁵ ALMEIDA, 1984, p. 83.

- Como centro de romaria e peregrinação, as manifestações artísticas e de fé merecem referência, englobando-se neste aspeto relativo ao património imaterial também a dimensão lendária do local, as suas festividades e práticas romeiras, das origens aos nossos dias;
- Finalmente, propomos algumas formas de salvaguardar e valorizar este património, com base nos pressupostos presentes na legislação nacional e internacional relativa ao património, de uma forma integrada, englobando os outros patrimónios avisenses: o seu património religioso e o seu património natural/paisagístico, em parte enriquecido pela Albufeira do Maranhão.

Ainda, é parte integrante desta investigação um segundo volume onde constam elementos textuais e figurativos que visam justificar, completar, melhorar e ilustrar a parte textual, o volume I. Constituem-se estes anexos por: glossário; documentos da Confraria; inventário de fitas sacramentais; inventário de pinturas de milagres; tabelas de tratamento de dados; legislação nacional e internacional; anexos fotográficos de Nossa Senhora Mãe dos Homens e do património religioso do concelho de Avis; iconografia; ficha modelo de requerimento inicial do procedimento de classificação de bens imóveis; mapas e cartazes das festividades em honra da Virgem Mãe dos Homens.

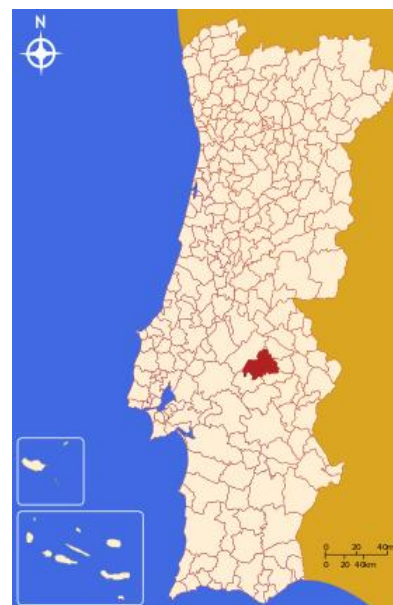
CAPÍTULO 1 - AVIS, UMA VILA SINGULAR

1.1. - AVIS: UM ATRATIVO AO POVOAMENTO

Avis é uma vila situada geograficamente no norte alentejano e beneficiária da alta bacia hidrográfica do rio Sorraia e da ribeira com o nome da vila. Sede de concelho, com 6 freguesias, a localidade goza de condições naturais proporcionadas pela sua altitude e por íngremes escarpas que se constituem como uma fortaleza natural, tornando-se desde cedo um local atrativo à fixação da população.

A presença humana no sítio remonta a tempos pré-históricos, que deixaram os seus testemunhos na envolvente da vila. Seguem-se os ocupantes da Idade do Ferro e os vestígios da Romanização, que se fez devido à proximidade das vias de comunicação entre Lisboa e Mérida. Posteriormente, terá sido ocupada por

Mapa 1



Legenda: Mapa de Portugal com a localização do concelho de Avis.

Fonte:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Avis>, consultado dia 30 de Maio de 2016.

Mapa 2



Legenda: Concelho de Avis.

Fonte: <http://pontedosor.blogspot.pt/2007/11/avisar-malta.html>, consultado dia 30 de Maio de 2016.

muçulmanos, antes dos cristãos.

"As marcas de ocupação muçulmana detectam-se nos topónimos de origem berbere que existem na região¹⁶ e na própria vila e que colocam a hipótese de uma possível fundação por comunidades agro-pastoris muçulmanas (...)"¹⁷.

A localização central e topograficamente mais elevada da mouraria e um traçado

de muralhas nas proximidades construído com as pedras dispostas em espinha de peixe - *opus spinatum* -, diferenciando-se da parte cimeira da mesma, já na horizontal, podem ser

¹⁶ Segundo PEREIRA, 1998-1999, p. 15, Benavila, uma freguesia do concelho de Avis, distante desta 5km, teria origem berbere.

¹⁷ PEREIRA, 1998-1999, p. 15.

indicadores do núcleo primitivo da povoação e da presença muçulmana¹⁸. Assim, aquando da chegada dos freires de Évora ao local, no século XIII, ter-se-á dado, possivelmente, apenas a uma mudança da soberania e não uma substituição na ocupação, assistindo-se desta forma a uma continuidade no povoamento e não a uma rutura. Porém, não deixa de ser curioso, atendendo ao ambiente em que surgiram as Ordens Militares, aliando "(...) *propósitos de perfeição religiosa aos de defesa contra os muçulmanos (...)*"¹⁹, que se tenha assistido à continuidade acima referida. Uma outra mudança terá sido a nível urbanístico, sendo que a localidade passou de aldeamento rural, com origem muçulmana ou não, a centro urbano "(...) *em virtude do poder que se instalou: o de uma ordem militar (...)*"²⁰.

1.2. - O SURGIMENTO DA ORDEM DE AVIS

"*Mercê do exemplo dos Templários e Hospitalários ou apenas em virtude de circunstâncias locais, apareceram quase ao mesmo tempo várias Milícias (...)*"²¹, cujos objetivos primordiais eram a pregação e a zelação pelos valores da fé cristã, assegurados pelas ordens monásticas que regravam os cavaleiros, e a defesa contra os muçulmanos. Na Península Ibérica, a primeira ordem a surgir é a de Calatrava, em 1158, aprovada pelo Papa Alexandre III em 1164²². Posteriormente, somaram-se-lhe a Ordem de Santiago e a de Alcântara, que à semelhança de Calatrava, eram de filiação cisterciense²³. Consolidadas, foram chamariz para a integração de núcleos locais, nomeadamente portugueses, como foi o caso da Milícia de Évora. Diz-nos Oliveira (1953, p. 54): "*Vemos os nossos reis doarem as propriedades à Milícia de Évora, e os papas a confirmarem a posse delas à Ordem de Calatrava, como se a Milícia e a Ordem fossem a mesma entidade (...)*". Porém, pensa-se que a Milícia de Évora apenas terá adotado os *Estatutos* de Calatrava para gozar dos mesmos privilégios²⁴, sendo portuguesa desde a fundação, na esfera militar e política, "(...) *inteiramente organizada, possuindo bens próprios concedidos pelos soberanos para se sustentar, intervir na defesa e conquista e contribuir para o desenvolvimento do país*

¹⁸ De notar que, em Avis, para o período medieval, não existiram, até ao tempo presente, prospeções arqueológicas sistemáticas que comprovem qualquer teoria. A utilização dos topónimos enquanto indicativos de uma ocupação moura no local devem-se à obediência ao princípio arquitetónico da "permanência de plano", que confirma que o traçado urbano se mantém relativamente estável e próximo ao seu traçado primitivo, segundo PEREIRA, 1998-1999, p. 11.

¹⁹ OLIVEIRA, 1956, p. 52.

²⁰ PEREIRA, 1998-1999, p. 32.

²¹ *Idem*, p. 52.

²² *Idem*, p. 42.

²³ *Idem*, p. 53.

²⁴ *Idem*, p. 51.

(...)"²⁵ - independente na medida do possível, pois "(...) *não há, na esfera eclesiástica, instituições com absoluta independência: todas estão integradas numa hierarquia, quando não dependam directamente da Santa Sé (...)*"²⁶.

A Ordem que viria a ser de Avis, estabeleceu-se "(...) *em Évora pouco depois da conquista da cidade em 1166, sendo por isso os seus cavaleiros denominados em Portugal freires de Évora (...)*"²⁷. Em 1211, em cumprimento da carta de doação de D. Afonso II a D. Fernão Eanes, Mestre ainda da Ordem de Évora, os freires de Évora mudam a sede da sua milícia para o território outorgado, Avis, "(...) *para que eles o possuam para sempre por direito hereditário (...)*"²⁸. Diz a lenda de fundação da vila que na escolha do local teriam auxiliado umas aves de bom augúrio – águias – que sobrevoariam o local que mais tarde se viria a chamar de Avis, palavra latina que significa exatamente "*aves*"²⁹. Porém, atendendo às suas condições orográficas, torna-se óbvio que o substrato mitológico serve apenas para embelezar e endear a milícia, anunciando "(...) *a plenitude de poder e a capacidade de mando, derivada da tradição imperial romana (...)*"³⁰. A escolha do local terá sido estratégica, com sentido defensivo num quadro de Reconquista Cristã, por ser constituir, devido às suas escarpas de grandes dimensões e à ribeira de Avis, uma defesa natural, e também pela fertilidade dos solos.

O início da construção da fortificação, objetivo primordial da passagem da Ordem para estas terras além da ocupação populacional do local, intimamente ligadas, data de 1214, mas a posse efetiva só acontece em 1218, com o foral outorgado ainda por D. Afonso II. Em 1223, Avis recebe novo foral, sem registo nas chancelarias, por ser de iniciativa particular, de Martim Fernandes, então Mestre da Ordem de Avis, e se firma assim o domínio efetivo da Ordem, sobre os territórios e sobre os mouros que de dominadores passaram a submetidos.

²⁵ OLIVEIRA, 1956, p.59.

²⁶ *Idem*, p. 61.

²⁷ *Idem*, p. 51.

²⁸ *Idem*, p. 57.

²⁹ Segundo CARDOSO, 1747, p. 649, a Ordem Militar de São Bento foi "*instituída por El-Rey Dom Afonso Henriques estando em Coimbra pelos annos de 1162. Seu primeiro seminário fez em Coimbra; daqui passarão para Évora com a invocação de S. Miguel, cujo antiquíssimo templo ainda hoje permanece dentro do castello daquela cidade. De Évora mudarão os cavaleiros para um lugar alto fronteiro dos Mouros o que foy chamado Aviz, porque indo os descobridores buscando sítio para fazerem a fortaleza, acharão ali postas duas águias em huma azinheira, e como os antigos tinham estas aves favoráveis em seus augúrios, determinarão lançar os fundamentos junto do lugar donde se acharão, e daqui se tomou o nome de Aviz que em latim quer dizer Ave e a trazém os cavaleiros desta Ordem em seus sellos e pensões por divisa*".

³⁰ PEREIRA, 1998-1999, p. 12.

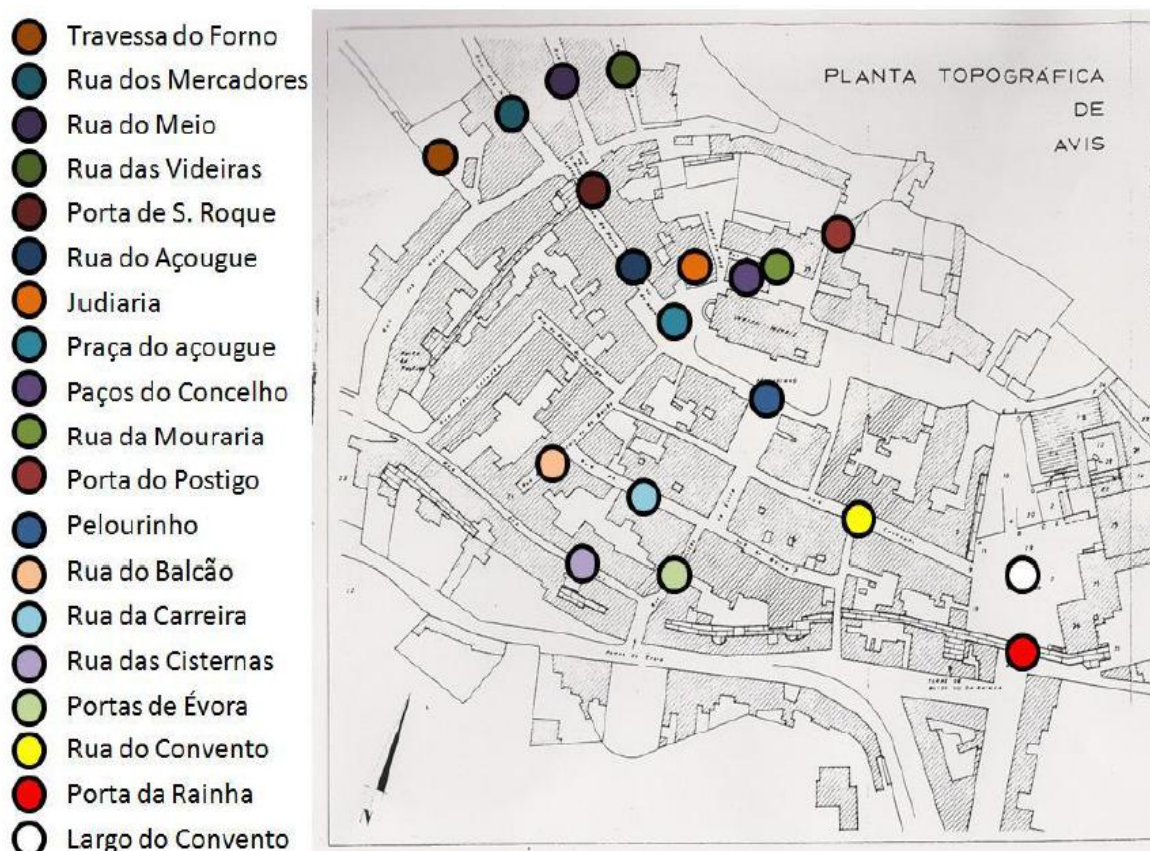
1.3. - A ORDEM MILITAR DE AVIS E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

1.3.1. - O espaço urbano

Aquando da fixação da Ordem Militar em Avis, pensa-se que ali existiria apenas um pequeno povoado berbere. Neste sentido, a construção da vila foi quase integral, o que permitiu um planeamento urbano que a distingue dos demais povoados medievais onde proliferam emaranhados de ruas. Em Avis assistimos à presença de ruas direitas, paralelas, unindo as principais portas aos principais centros - o comercial e de sociabilidade e o religioso e militar. Obedece a um rígido geometrismo³¹ que se verifica essencialmente no sul do país, derivado de antigas tradições romanas e muçulmanas e constituindo-se assim como uma "(...) herança das inovações urbanísticas romana e muçulmana, apresentando semelhanças e pontos de convergência com as demais cidades ibéricas contemporâneas

Mapa 3

(...)"³². Estamos assim perante uma vila-nova, onde se pretende um funcionalismo maior,



Legenda: Planta topográfica de Avis. Pontos de interesse destacados.

Fonte: Documentos da CMA.

³¹ GASPAR, 1969, p. 207.

³² *Idem*, p. 133.

permitindo uma mais fácil coleta de impostos, a simplificação do comércio e da administração territorial, seja civil, religiosa ou militar³³, bem como uma melhor resposta às necessidades de defesa, povoação e reanimação económica, derivados do recente e ainda instável movimento da Reconquista. Esta organização reforçava ainda a reafirmação do poder administrativo-militar e, no caso, também religioso.

A Ordem e as estruturas a si subjacentes – o paço dos mestres, a residência dos freires, o convento³⁴ e a Igreja – passaram a ser as estruturas organizadoras do espaço e um dos polos centrais³⁵ da urbe, ainda hoje visíveis, traduzindo "(...) *as modalidades e interação humanas num espaço concreto (...)*"³⁶. É precisamente a Rua do Convento, com início no Largo com o mesmo nome³⁷, que liga o centro militar e religioso da vila com o centro económico e de sociabilidade, sendo um dos principais eixos da vila. Este centro económico, situado na Praça do Açougue³⁸, indicativo da vertente comercial da mesma praça, assume uma proximidade com a porta de São Roque, ligados pela Rua do Açougue³⁹, a rua mais importante. Nesta praça, para além do açougue, encontramos também a igreja matriz e os Paços do Concelho medievais – o centro da sociabilidade. Destacamos ainda que: "*Curiosamente, tanto a mouraria como a judiaria se situavam em Avis no centro da vila, numa posição contígua a estes dois elementos (...)*"⁴⁰. A porta de São Roque faz a ligação entre a vila e o arrabalde, este último que se desenvolveu a partir do dito centro económico, talvez durante a primeira metade do século XV, enquanto sinal de recuperação demográfica relativamente à crise do século XIV, sendo composto por três ruas paralelas – Rua dos Mercadores, Rua do Meio e Rua das Videiras – e uma perpendicular, a Rua dos Muros. O crescimento do arrabalde é indicativo do desenvolvimento da vila e do extravasamento da população: "(...) *por volta de 1532 residiam no arrabalde cerca de 98 moradores, quase um terço dos habitantes de Avis (...)*"⁴¹. Apesar de fazer a ligação do núcleo urbano com o espaço rural, o arrabalde foi "(...)"

³³ GASPAR, 1967, p. 207.

³⁴ A designação correta seria mosteiro, atendendo a que a regra seguida era a de S. Bento, uma regra monástica. Porém, devido ao mito que se criou em relação ao isolamento dos mosteiros face à proximidade dos Conventos em relação às urbes, o Mosteiro de Avis foi adquirindo a denominação de Convento, enraizando-se nas tradições das gentes locais. Ainda que cientes do erro, devido a ser esta errónea denominação uma forma cultural, de identificação local, decide-se manter Convento.

³⁵ Estamos perante um centro com dois núcleos urbanos: o núcleo fortificado, onde se encontra o sistema defensivo que, no caso, é o convento da Ordem Militar, e o centro económico e de sociabilidade, estruturado a partir do primeiro.

³⁶ PEREIRA, 1998-1999, p. 12.

³⁷ De notar que quer a Rua do Convento quer o Largo do Convento são epítetos, possuindo assim outras denominações oficiais e contemporâneas, nomeadamente Rua Dr. Manuel de Arriaga e Largo Cândido dos Reis, porém, o vulgo e a tradição oral imperam.

³⁸ Largo Miguel Bombarda, atualmente.

³⁹ Rua de São Roque, atualmente.

⁴⁰ PEREIRA, 1998-1999, p. 24.

⁴¹ *Idem*, p. 26.

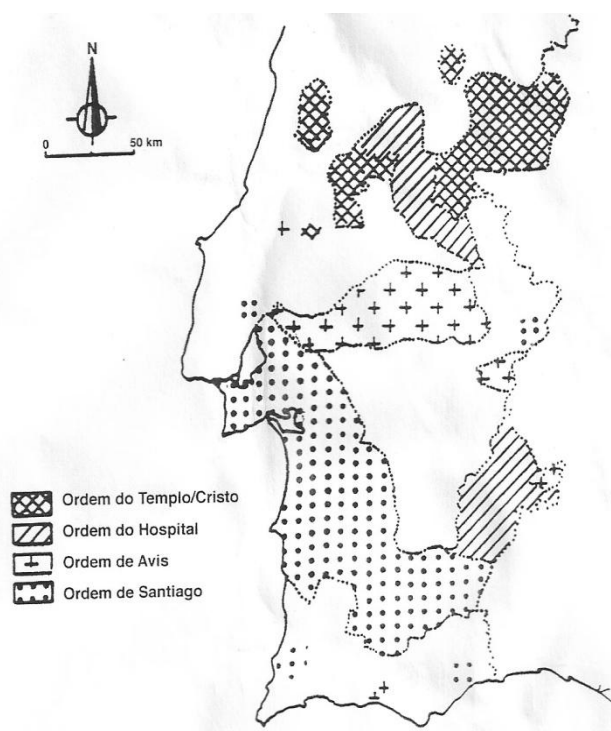
*nobre pela gente que o povoava e pelas casas que habitavam, das quais presentemente tem muitas totalmente arruinadas e nas poucas que ainda se habitam, a maior parte gente pobre (...)"*⁴².

Atualmente é ainda possível visitar e percorrer a herança urbanística medieval. Mantêm-se vivos nas gentes autóctones ecos da medievalidade em Avis contemporânea, nomeadamente na manutenção dos topónimos de origem medieval, que mesmo substituídos por outros de datação contemporânea, continuam a ter maior destaque, espelhando a importância na organização do espaço que a Ordem Militar teve e os testemunhos que legou, de longa duração.

1.3.2. - O espaço rural

A partir de finais do século XIV, a Ordem de Avis entra na órbita da Coroa, processo que foi deteriorando o significado político e a influência regional da mesma, contribuindo para a decadência da vila, agravada com o édito de expulsão das minorias étnico-religiosas em 1496, que, por sua vez, retira grande parte da importância comercial da vila, culminando com "(...) a decadência e estagnação a partir do século XVI (...)"⁴³, que se mantém até aos nossos dias através da tradição popular, com o adágio "*Avis, terra que Deus não quis*" muito presente na língua das gentes. Assim, a Ordem

Mapa 4



Legenda: Domínios das Ordens Militares Religiosas portuguesas.

Fonte: MARQUES & SERRÃO, 1996, p. 197.

⁴² PEREIRA, 1998-1999, p. 26.

⁴³ *Idem*, p. 12.

afastou-se da sua missão primordial, passando a dedicar-se apenas à fixação humana e às práticas agrícolas, "(...) *aspecto que lhe proporcionou preeminência regional pelo eficaz ordenamento do espaço que sob o seu mando se processou (...)*"⁴⁴.

Apesar de ser a sede de poder, não foi apenas a vila de Avis a ser outorgada aos freires de Évora. Foi-lhes doado um "(...) *vasto termo envolvente, um espaço desocupado ou francamente despovoado e explorado, em virtude dos condicionalismos próprios da época da Reconquista (...)*"⁴⁵. Assim, com os limites dos seus domínios em Santarém, Coruche, Évora, Elvas e Abrantes⁴⁶, "(...) *tornam-se então uma entidade senhorial latifundiária, dedicada à administração do seu vasto património (...)*"⁴⁷, "(...) *promovendo a ocupação e rentabilização agrária do seu espaço circundante através da construção e manutenção de estruturas materiais, como a fortaleza e as muralhas, moinhos, celeiros, lagares, que atraem e fixam a população (...)*"⁴⁸. Não podendo chegar a toda a extensão de território, faziam-no através das subdivisões administrativas, fossem religiosas ou laicas, a si subjugadas, onde não faltava o património religioso, através das quais se firmava o seu poder.

Espelho da influência da Ordem em ambiente rural, e sobretudo no concelho de Avis, é a frequência de topónimos relativos a motivos religiosos, que chegam até aos nossos dias. Atente-se no nome original de algumas freguesias e propriedades agrícolas do concelho de Avis: Aldeia Velha de Santa Margarida, Santo António de Alcórrego, Monte da Ordem, Cerca do Convento, Quinta de Sant'Ana, entre outros.

Neste sentido, à semelhança do que acontece em espaço urbano, podemos verificar que também em espaço rural o Convento marca ainda hoje a sua posição, testemunhando a sua ação neste meio.

1.3.3. - A organização administrativo-religiosa da Ordem de Avis

Como foi dito anteriormente, a partir do século XIV, a Ordem começa a perder importância devido ao afastamento da sua missão inicial - de defesa do território - e, a fim de angariar rendimentos, dedica-se apenas à fixação humana e práticas agrícolas, o que lhe conferiu destaque a nível regional pela eficiência na organização e administração espacial.

As Ordens Militares regiam o seu território por meio da outorga de benefícios eclesiásticos, que, a partir do século XVI, com a anexação dos mestrados à Coroa, passam

⁴⁴ PEREIRA, 1998-1999, p. 33.

⁴⁵ *Idem*, p. 33.

⁴⁶ *Idem*, p. 16.

⁴⁷ *Idem*, p. 34.

⁴⁸ *Idem*, p. 33.

a fazer-se através da Mesa da Consciência e Ordens⁴⁹, e, desde 1604, por meio de concurso⁵⁰; tratando-se de benefícios regulares, o Rei, enquanto administrador supremo da milícia, "(...) podia dá-los sem recorrer a estes formalismos (...)"⁵¹.

"A Ordem de Avis possuía pelo menos cerca de 161 benefícios referenciáveis (...)"⁵² onde se incluíam "(...) apenas as capelanias, os lugares de curas ou coadjutores, as vigararias e priorados (...)"⁵³. Apesar da maioria dos benefícios serem curatos, a Ordem possuía cerca de 38 priorados, um número considerável, "(...) aos quais se somavam as vigararias e o reitorado de Coruche (...)"⁵⁴. Estes benefícios, discrepantes em dignidade e rendimentos, uma vez que a sua dimensão e relevância não eram iguais, faziam com que "(...) os locais periféricos e/ou de difícil acesso, como algumas 'capelas de campo (...)"⁵⁵ fossem menos procurados e pretendidos, pois "(...) rendiam pouco e davam muito trabalho pelas deslocações a que obrigavam o povoamento disperso (...)"⁵⁶, e em termos de prestígio, "(...) não significava o mesmo dispor de um curato, ou de uma pequena capela no meio do campo, ou de um cargo de prior (...)"⁵⁷.

A localização dominante destes benefícios era o Alentejo, zona onde se encontrava a maior parcela de território da milícia, "(...) designadamente nas áreas do Arcebispado de Évora e Bispado de Elvas, entrecruzando-se numa rede de padroados diversos (...)"⁵⁸, e incorrendo, como seria de esperar, em contendas com estas estruturas religiosas. Agravava-se mais ainda a tensão entre ambos os poderes pelo facto de a Ordem de Avis estar "(...) isenta da jurisdição e visitas dos prelados diocesanos"⁵⁹, sendo que estes últimos "apenas deviam confirmar os clérigos que fossem apresentados nos benefícios eclesiásticos, dar ordens sacras aos freires, os santos óleos, visitar os fregueses das igrejas (os visitantes das Ordens não vigiavam o comportamento dos fiéis) e dar-lhes o sacramento da Confirmação, pois para esse efeito a Ordem largava-lhes um terço dos dízimos (...)"⁶⁰.

No entanto, a posição em que se encontravam, interior e periférica, fez com que a sua procura começasse a ser cada vez menos aliciante. Neste sentido, D. Maria I, em 1789, reforma as três ordens⁶¹ - Ordem de São Bento de Avis, Ordem de Santiago da Espada e

⁴⁹ OLIVAL, 1999, p. 188.

⁵⁰ *Idem*, p. 188.

⁵¹ *Idem*, p. 191.

⁵² *Idem*, p. 192.

⁵³ *Idem*, p. 192.

⁵⁴ *Idem*, p. 192.

⁵⁵ *Idem*, p. 200.

⁵⁶ *Idem*, p. 200.

⁵⁷ *Idem*, p. 192.

⁵⁸ *Idem*, p. 192.

⁵⁹ OLIVAL & OLIVEIRA, 2010, p. 560.

⁶⁰ *Idem*, p. 560.

⁶¹ Carta de Lei de 19 de Junho de 1789, segundo OLIVAL e OLIVEIRA, 2010, p. 559.

Ordem de Cristo -, com o objetivo de "(...) *minorar a fraca procura que tinham as de Avis e Santiago, em particular a primeira (...)*"⁶², por meio de mais benefícios no ingresso da mesma, nomeadamente, a dispensa de habilitações e a atribuição da insígnia da Ordem aos militares num sentido lato, em primeira instância, e posteriormente às altas patentes do Exército, o que "(...) *suscitou muitos pedidos de hábitos (...)*"⁶³ e terá certamente permitido a subsistência da Ordem até à sua extinção, em 1834.

1.4. - OS TESTEMUNHOS PATRIMONIAIS DA ADMINISTRAÇÃO RELIGIOSA DA ORDEM NO CONCELHO DE AVIS

Com cerca de 161 benefícios enumerados no século XVI, espalhados por todo o território da Ordem religioso-militar sediada em Avis, seria de esperar que chegassem aos nossos dias muitos testemunhos da sua forte administração religiosa. Assim é.

No que toca ao concelho de Avis, limite físico da investigação em curso, contam-se 28 edifícios religiosos, entre os existentes até aos nossos dias e os destruídos dos quais há testemunho documental e bibliográfico. Na sua grande maioria, tratam-se de construções simples sem grande aparato artístico, situadas em meio rural, de datação imprecisa dada a dificuldade de situar cronologicamente a sua fundação, e que não têm suscitado quaisquer estudos ou levantamentos arquitetónicos e históricos. Através da compilação dos dados recolhidos e apresentados na tabela que adiante se apresenta, é possível chegar a algumas conclusões⁶⁴:

- O concelho de Avis possui 28 edifícios religiosos, entre eles Igrejas Matriz, Igrejas, Capelas e Ermidas;
- Existiam 4 priorados, com sedes em Avis, Benavila, Ervedal e Figueira e Barros (à data, os dois lugares que constituem a localidade não se encontravam ainda aglutinados e o priorado teria sede em Figueira), onde se verificam ainda hoje a existência de Igrejas Matriz;
- O maior priorado, com maior número de benefícios curados, era o de Avis, com 5: Igrejas de Santo António e de São Pedro, em Alcórrego, Santa Margarida de

⁶² OLIVAL & OLIVEIRA, 2010, p. 559.

⁶³ *Idem*, p. 559.

⁶⁴ De referir que os topónimos relativos à tipologia dos edifícios religiosos são muito variáveis. O mesmo edifício pode ser apresentado enquanto igreja, capela ou ermida, dependendo da fonte que o cita; existem ainda casos em que no mesmo documento, o mesmo edifício é referido de várias formas, como acontece com a documentação de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Devido à falta de informações relativas a este património, não é possível verificar com exatidão ao que nos referimos, sendo que a listagem das capelas e ermidas aqui apresentada não é fidedigna. A tabela que se apresenta no decorrer deste tópico da investigação apresenta as fontes de onde foram retiradas as denominações a que nos referimos.

Cortona, em Aldeia Velha, Capela dos Barros em Figueira e Barros e Capela de São Domingos de Bembelide em Maranhão. Segue-se o priorado de Benavila com uma capela curada, a de São Sadurninho de Valongo. Assim, Avis exercia a sua jurisdição em 5 freguesias (Avis, Alcórrego, Aldeia Velha, Barros⁶⁵ e Maranhão), Benavila em duas (Benavila e Valongo), e Ervedal e Figueira apenas no seu território, estando assim todo o concelho abrangido;

- Contam-se cerca de 12 capelas dentro dos 28 edifícios levantados, espalhadas por todas as freguesias, à exceção de Alcórrego e Ervedal. Mais uma vez, onde abundam, é na freguesia de Avis, onde se contam 5: Santa Ana, São Sebastião, São Brás, São Mateus e Capela da Misericórdia. Segue-se o Maranhão, com duas: São Domingos de Bembelide e São Martinho de Bembelide. Em Aldeia Velha conta-se Nossa Senhora da Rabaça; em Benavila, São Domingos de Serrazola; em Figueira e Barros, a Capela de Nossa Senhora dos Barros e a Capela de São Brás; e em Valongo a Capela de São Sadurninho;
- Outra manifestação de património religioso são as ermidas, assim denominadas por se situarem em local ermo, por serem ou terem sido ermitérios, ou por terem um ermitão responsável pelo local. A construção destes monumentos terá acompanhado o movimento da Reconquista e ter-se-á implantado no território português de norte para sul, a partir do século XII⁶⁶. Na génese da fundação de um ermitério estava "(...) *um ambiente de generosidade e de empreendedorismo, ao aliarem o seu inconformismo social com o serviço ao próximo, pela hospitalidade e o trabalho da terra, quase sem garantias de subsistência (...)*"⁶⁷. Atendendo ao vasto território da Ordem de Avis e à pouca densidade populacional, talvez os edifícios religiosos aos quais ainda hoje se atribui a denominação de ermida se tenham constituído inicialmente enquanto ermitérios. São elas São Miguel de Marcolos (hoje Nossa Senhora Mãe dos Homens e objeto de estudo da presente investigação), em Alcórrego; São Sebastião, São Pedro e Nossa Senhora de Entre Águas, em Benavila; e a Ermida do Monte Alto, em Figueira e Barros;
- Finalmente, a última conclusão a que podemos chegar pela análise dos dados recolhidos, é em termos de datação. Para a maioria dos casos, por serem "capelas de campo", não existem informações documentais e/ou arquitetónicas que permitam situar os edifícios no tempo. Ainda assim, através sobretudo da análise arquitetónica das Matrizes, edifícios de maior cuidado estético, é possível

⁶⁵ Lugar constituinte da freguesia de Figueira e Barros.

⁶⁶ MATTOSO, 1970-1971, p. 15.

⁶⁷ *Idem*, p. 37.

estabelecer um intervalo temporal para o surgimento dos edifícios religiosos do concelho, que se situam maioritariamente entre o século XV e XVIII. Merecem destaque dois edifícios em particular, por se tratar do mais antigo e do mais recente: são eles, respetivamente, a Ermida de Nossa Senhora de Entre Águas em Benavila, com vestígios arquitetónicos do século IV, nomeadamente uma epígrafe tardo-romana nas traseiras do edifício⁶⁸, e a Igreja de São Simão do Maranhão, que provavelmente se tratará do aproveitamento de um antigo moinho de vento e que deverá ser a mais recente do conjunto apresentado⁶⁹.

Fecha-se o presente capítulo, tendo presente a dimensão considerável dos testemunhos religiosos edificados, sublinhando a importância da sua recuperação e levantamento histórico, arquitetónico e documental, de forma a impedir a sua perda física e imaterial, deixando lançadas aqui as bases para tal.

Tabela 1

<u>Nº.</u>	<u>Freguesia</u>	<u>Edifício Religioso</u>	<u>Estado de conservação</u>	<u>Elementos para provável datação</u>
1	Alcórrego	Igreja de Santo António ⁷⁰	Recuperada	Capela curada do priorado de Avis ⁷¹ .
2	Alcórrego	Igreja de São Pedro ⁷²	Destruída	Capela curada do priorado de Avis ⁷³ .
3	Alcórrego	Ermida de S. Miguel de Marcolos ⁷⁴	Regular	Em ruína em meados do século XVI. Mudança de culto para Nossa Senhora Mãe dos Homens em 1755 ⁷⁵ .

⁶⁸ Diz a epígrafe: "LOBESA . LOVESI . F[illia] / AN[norum] . L . H[ic] . S[ita] . EST . S[it] . T[ibi] . T[erra] . L[ewis]", que traduzido será "Lobesa, filha do Lovesi, de 50 anos, aqui está sepultada. Que a terra lhe seja leve". Este testemunho histórico valeu à Ermida uma classificação enquanto Monumento Nacional por Decreto de 16 de Junho de 1910.

⁶⁹ Uma vez que não foram conseguidas informações que corroborem esta teoria, a mesma trata-se apenas de uma hipótese a comprovar, levantada com base na análise visual do local e na ausência de referências em fontes.

⁷⁰ Referenciada em COSTA, 1868 e LOPES, 1556.

⁷¹ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁷² Referenciada em COSTA, 1868 e LOPES, 1556.

⁷³ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁷⁴ Referenciada em COSTA, 1868, p. 401: contém apenas referência à ermida de São Miguel, na herdade de "Marcelos", hoje Marcolos, sendo que a ermida de São Miguel é hoje a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, pertencente à freguesia de Alcórrego.

⁷⁵ COSME & VARANDAS, 2010.

4	Aldeia Velha	Igreja de Santa Margarida de Cortona ⁷⁶	Regular	Capela curada do Priorado de Avis ⁷⁷ .
5	Aldeia Velha	Capela de Nossa Senhora da Rabaça	Regular	
6	Avis	Capela de Santa Ana	Ruína	
7	Avis	Capela de S. Sebastião ⁷⁸	Destruída	
8	Avis	Capela de São Brás ⁷⁹	Destruída	
9	Avis	Capela de São Mateus ⁸⁰	Abandonada	Mudança do culto para Santa Luzia, mantendo-se até hoje.
10	Avis	Igreja Matriz ⁸¹	Conservada	Construída no século XV e reconstruída no século XVII. Priorado em 1812 ⁸² .
11	Avis	Igreja do Convento ⁸³	Regular	
12	Avis	Capela da Misericórdia ⁸⁴	Regular	Século XVIII.
13	Benavila	Igreja de Nossa de Entre Águas ⁸⁵	Abandonada	Fundações do século IV; edifício atual do século XV.
14	Benavila	Santa Catarina ⁸⁶	Desaparecida	
15	Benavila	Capela de São Domingos Serrazola ⁸⁷	Desaparecida	
16	Benavila	Ermida de São Sebastião ⁸⁸	Desaparecida	
17	Benavila	Ermida de São Pedro ⁸⁹	Desaparecida	
18	Benavila	Igreja Paroquial de Benavila ⁹⁰	?	Século XVII/XVIII. Priorado em 1812 ⁹¹ .

⁷⁶ Referenciada em COSTA, 1868; LOPES, 1556 e LEAL, 1875.

⁷⁷ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁷⁸ Referenciada em COSTA, 1868.

⁷⁹ *Idem.*

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ Referenciada e descrita em KEIL, 1943.

⁸² ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁸³ Referenciada e descrita em KEIL, 1943.

⁸⁴ *Idem.*

⁸⁵ Referenciada em LOPES, 1556 e descrita em KEIL, 1943. Contém nas traseiras uma lápide romana classificada como Monumento Nacional desde 1910.

⁸⁶ Referenciada em LOPES, 1556.

⁸⁷ *Idem.*

⁸⁸ *Idem.*

⁸⁹ *Idem.*

⁹⁰ Referenciada e descrita em KEIL, 1943.

⁹¹ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

19	Ervedal	Igreja Matriz de São Barnabé ⁹²	Conservada	Século XVI. Priorado em 1812 ⁹³ .
20	Ervedal	Igreja de São Sebastião ⁹⁴	Desaparecida	Século XV.
21	Figueira e Barros	Ermida do Monte Alto ⁹⁵	?	
22	Figueira e Barros	Igreja Matriz ⁹⁶	Regular	Século XVII. Priorado em 1812 (Vila de Figueira) ⁹⁷ .
23	Figueira e Barros	Capela de São Brás	?	1940
24	Figueira e Barros	Capela dos Barros (Santa Maria de Barros) ⁹⁸	?	Capela curada do Priorado de Avis ⁹⁹ .
25	Maranhão	Capela de São Domingos de Bembelide ¹⁰⁰	Regular	Capela curada do Priorado de Avis ¹⁰¹ .
26	Maranhão	Capela de São Martinho de Bembelide ¹⁰²	?	
27	Maranhão	Igreja de São Simão do Maranhão	Conservada	Aproveitamento de antigo moinho de vento. Contemporânea?
28	Valongo	Capela de São Sadurninho ¹⁰³ (hoje São Saturnino)		Capela curada do Priorado de Benavila ¹⁰⁴ .

Legenda: Lista do Património Religioso do Concelho de Avis (compilação de informações).

⁹² Referenciada e descrita em KEIL, 1943 e em COSTA, 1868.

⁹³ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁹⁴ Referenciada em KEIL, 1943.

⁹⁵ Referenciada em LOPES, 1556.

⁹⁶ Referenciada em LOPES, 1556 e descrita em KEIL, 1943.

⁹⁷ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

⁹⁸ Referenciada em LOPES, 1556.

⁹⁹ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

¹⁰⁰ Referenciada em COSTA, 1868; LOPES, 1556, e LEAL, 1875.

¹⁰¹ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

¹⁰² Referenciada em COSTA, 1868; LOPES, 1556, e LEAL, 1875.

¹⁰³ Referenciada em LOPES, 1556.

¹⁰⁴ ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

CAPÍTULO 2 - IGREJA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: DA HISTÓRIA DO LUGAR AO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO

2.1. - DA ERMIDA DE S. MIGUEL À IGREJA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Toponimicamente, a origem da freguesia de Alcórrego, onde se localiza o lugar de Nossa Senhora Mãe dos Homens, é antiga. Entre a explicação latina e a presença de um prefixo possivelmente de origem árabe, o topónimo Alcórrego terá origens aproximadas na Baixa Idade Média, senão anteriores. Segundo Pinho Leal (1873, p. 80), "*Côrrego ou corgo no antigo português significa ribeiro ou regato que corre profundo entre penedias ou pelas quebradas das serras. Aqui se lhes junta o artigo árabe al (...)*", o que confere com a orografia do terreno. Na *Grande Enciclopédia Luso Brasileira* (s.d., p. 891), é dito que "*Alcôrrego é nome revelador de influências arábicas, pela aplicação do artigo 'al' ao nome de origem latina 'córrego' (lat. corrugu), que tanto pode significar caminho estreito como curso de água de pouco avultado caudal (...)*". É ainda referido, pela mesma fonte, que "*(...) toda a mais toponímia, se existia, como certamente devia existir, foi certamente substituída por ser a da gleba, por estabelecimento de novos proprietários ou um novo acourelamento sob a égide senhorial da Ordem de Avis (...)*". O novo senhorio, a Ordem Militar, cristianizou o nome da freguesia, tornando-se Santo António de Alcórrego, como forma de afirmar o seu poder sobre as hipotéticas comunidades muçulmanas pré-existentes no local. E é sob o domínio da milícia que surgem alguns dos lugares pertencentes a esta freguesia, intimamente ligados com a exploração agrícola e a organização do espaço rural - são eles Bordalos, Covões, Monte de Cima, Monte do Olival, Monte Pires, Montinho, Parreiras, Pisão, Rabaço e Senhora Mãe dos Homens.

Sobre o lugar de Nossa Senhora Mãe dos Homens¹⁰⁵, apesar dos pequenos hiatos temporais, é possível descrever de forma muito sucinta o seu percurso histórico e dar-lhe a importância e destaque que merece pela antiguidade que possui e pelas curiosas particularidades. A primeira referência encontrada em fontes no decorrer da presente pesquisa, é de 1556: *Direitos, Bens e Propriedades da Ordem de Avis nas suas três vilas de Avis, Benavila e Benavente e seus termos*, da autoria de Jorge Lopes¹⁰⁶. Este diz que a

¹⁰⁵ Pode ser denominado de Nossa Senhora Mãe dos Homens ou apenas Senhora Mãe dos Homens.

¹⁰⁶ LOPES, 1556, p. 45.

ermida¹⁰⁷, então consagrada a São Miguel¹⁰⁸, localizada entre os vales do Cunheiro e do Tirado, em 1556, já estaria arruinada, pelo que se aponta a sua fundação para o período medieval. Em 1708, o padre António Carvalho da Costa diz o seguinte na sua *Corografia Portuguesa*: "*Fora dos muros [referindo-se ao castelo de Avis] tem estas Ermidas, S. Sebastiao no Rocio, junto à estrada de Evora, S. Brás, S. Matheus em hum lugar imminente ao rio, S. Anna distante hum quarto de legoa da Villa na estrada do Ervedal, & S. Miguel na herdade de Marcellos*¹⁰⁹ (...) "¹¹⁰. Em 1730, Francisco Xavier do Rego retoma as mesmas referências, na *Descrição geographica, chronologica, historica e critica da villa, e real Ordem de Avis*, dizendo: "*Ha mais fóra dos muros, as Ermidas de São Braz, e de S. Matheos Da parte do Norte esta situada em lugar eminente à Ribeyra, a Ermida de Santa Anna na Estrada do Ervedal; e na Herdade de Marcellos a Ermida de São Miguel* (...) "¹¹¹. Em 1758, por meio das *Memórias Paroquiais de Santo António de Alcórrego*, temos conhecimento do processo da mudança do culto:

*"No lemite desta freguezia e tirritorio della, para a parte do Poentte, está huma irmida que antiguamente hera do arcanjo Sam Miguel por estar huma imagem sua adonde se recolhiam a viver alguns irmitains em huma caza piquena unida à mesma irmida donde sahiam a pedir suas esmollas. Porém, há oito annos, pouco mais ou menos, hum monje chamado o irmam Anttonio de Sam Miguel, que ali veyo ultimamente viver, e hoje hé falecido colocou em a mesma irmida huma piquena mas perfeita imagem com o titulo da Senhora May dos Homens, à qual comcorrem com frequencia de romagem as terras circumvezinhas, principalmente, desde a Pascoa athe o fim de Setembro, celebrando nella algumas festtas aonde vay parochiar o mesmo parrocho de Santto Anttonio; e pella ermida ser piquena se eregio huma capella mayor com as esmollas dos fieis; e estando esta já acabada, com a esperansa de se lhe fazer mayor corpo da igreja, ficou a ditta capella grandementte arruinada com o terremotto do primeiro de Novembro de mil settesenttos e sincoenta e sinco; e no mesmo estado se conserva sustentada de espeques, mas com a mesma frequencia de romanjem "*¹¹².

Atendendo à data da fonte, ficamos a saber que o culto a Nossa Senhora Mãe dos Homens se iniciou nesta ermida cerca de 1750 e que aqui chegou pela mão do irmão António de São Miguel. Mas como surge este culto mariano?

¹⁰⁷ A denominação do local pode surgir como ermida, capela ou igreja, acompanhando as denominações das fontes consultadas. Num sentido lato, será denominada como igreja, por ser o termo genérico dado aos templos cristãos.

¹⁰⁸ O culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens surge apenas em meados do século XVIII.

¹⁰⁹ Hoje denomina-se Herdade de Marcolos.

¹¹⁰ COSTA, 1708, p. 600.

¹¹¹ REGO, 1730, fl.10.

¹¹² COSME & VARANDAS, 2010.

O protagonista da propagação do culto de Santa Maria Mãe dos Homens foi o franciscano Frei João de Nossa Senhora, o "*poeta de Xabregas*"¹¹³. Este "(...) *percorria as ruas da capital com uma imagem da Virgem na mão (...) e relembra que Maria, além de Mãe de Deus, é também Mãe de todos os homens (...)*"¹¹⁴. Frei João, pretendendo difundir o culto, idealiza a imagem da Senhora, cuja feitura ficou a cargo de José de Almeida, conhecido como "Romano". A imagem, em madeira de cedro com oito palmos de altura, foi paga com o patrocínio de D. João V¹¹⁵. Após esta obra, concentra-se o poeta de Xabregas na fundação de uma capela para a veneranda Virgem. Para a dita capela "(...) *contaria, de igual modo, com o contributo directo dos monarcas dos quais recebe avultadas somas ao longo dos anos (...)*"¹¹⁶. Porém, não sendo estas somas suficientes, Frei João obtém licença do patriarca para fazer "*sermões de esmolas*", pregando assim durante todo o ano de 1743, somando seguidores e também difamações e insultos¹¹⁷. A localização da capela só é fixada em 1745, na capela de Santo António, em Lisboa, "(...) *local onde, pela primeira vez, Frei João tivera a inspiração a pregar à Nossa Senhora Mãe dos Homens (...)*"¹¹⁸. O local veio a sofrer algumas intervenções, estando "(...) *ultimada a capela em Maio de 1747 (...)*"¹¹⁹, apesar da imagem se encontrar benzida desde Janeiro de 1744. Com a destruição causada pelo terramoto de 1755 na dita Igreja, foi a santa movida para uma igreja provisória "(...) *instalada pela comunidade na casa da enfermaria. Apesar de sobreviver à catástrofe, perde-se-lhe o rasto em 1834, na sequencia da extinção das ordens religiosas (...)*"¹²⁰.

Portanto, é então Frei João de Nossa Senhora "(...) *quem define o modelo para a nova representação, idealizando uma imagem de Nossa Senhora com a mão direita erguida, em atitude de abençoar, e o Menino, sobre o braço esquerdo, apontando para a Mãe. Com uma iconografia raramente identificada, a partir de meados do século XVIII, particularizam-na, de facto, estas directrizes (...)* e depressa se converte em modelo referencial por todo o país e Brasil"¹²¹.

Na segunda metade de setecentos, proliferam as capelas e as representações da Virgem Mãe dos Homens por todo o país - o caso avisense não foge à regra. No entanto, estas imagens desapareceram ou foram deslocadas do seu contexto. Os "(...) *arrolamentos*

¹¹³ SALDANHA, 2011, p. 11.

¹¹⁴ *Idem*, p. 11.

¹¹⁵ *Idem*, p. 12.

¹¹⁶ *Idem*, p. 12.

¹¹⁷ *Idem*, p. 12.

¹¹⁸ *Idem*, p. 12.

¹¹⁹ *Idem*, p. 12.

¹²⁰ *Idem*, p. 14.

¹²¹ *Idem*, p. 14.

elaborados na sequência da Lei da Separação de 1911 constituem, por norma, a sua última notícia conhecida. Por outro lado, a frequente ausência de identificação do tema, faz com que muitas permaneçam no "anonimato", confundidas com a figuração de Nossa Senhora com o Menino (...)"¹²². Será esta a causa possível para o seu desaparecimento e esmorecimento do seu culto.

Pode então concluir-se que a chegada, relativamente precoce, em 1750, da imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens à ermida de São Miguel em Santo António de Alcórrego, se deveu a uma verdadeira campanha propagandista e ao esforço do frade franciscano em fixar e promover a iconografia por meio de estampas, imagens e gravuras distribuídas por conventos e mosteiros - iconografia essa que ainda hoje se mantém. Curioso é ainda referir que o culto de São Miguel nunca foi completamente abandonado¹²³, sendo que até cerca da década de 80/90 do século XX era comum a pesagem dos pecados dos devotos¹²⁴ na balança que caracteriza o arcanjo¹²⁵.

A imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens desde logo angariou muitos romeiros para a ermida que adotou a sua designação. O número crescente de fiéis levou ao aumento da capela que, em 1755, terá sido afetada pelo terramoto, sendo reconstruída nos anos seguintes.

A fama de Santa Milagreira e a crescente afluência ao local, trouxeram a necessidade da fundação de uma Confraria em seu nome, a fim de organizar os festejos em honra da Santa e para gerir, de forma beneficente, as esmolas dos crentes, como se verá adiante.

Em suma, podemos concluir que a fundação da ermida remonta à Idade Média, havendo notícia da mesma estar arruinada em 1556. Entre o século XVI e o início do século XVIII, a mesma estaria recuperada e dada ao culto de São Miguel, proveniente da medievalidade. Em 1750, terá então passado a ser votada ao culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que se mantém até aos nossos dias. Terá sido aumentada em função da maior afluência, e conseqüentemente destruída pelo terramoto de 1755, que proporcionou a sua

¹²² SALDANHA, 2011, p. 14.

¹²³ Apesar de se constituir como um lugar da freguesia de Alcórrego, a morada do mesmo é Courela de São Miguel, em honra das suas origens.

¹²⁴ O devoto oferecia o seu peso em cereais à Confraria, neste caso, para pagamento dos seus pecados.

¹²⁵ Segundo RODRIGUES, 2010, p. 111-114, "*o anjo mais representado é o Arcanjo S. Miguel, o que combate a luta contra os anjos caídos precipitando-os no abismo, luta contra os demónios ou dragão, pesa as almas na balança, julga os condenados e até está presente como anjo da guarda. (...) A balança do arcanjo foi herdada de Cristo que como sabemos é o 'juiz' no cumprimento da tradição: no Antigo Testamento, 'Iavé' é a balança perfeita que denuncia as falsas medidas e sabe reconhecer os méritos do Justo (Jb 31:6). (...) Os crentes sempre recorreram à ajuda de S. Miguel para auxiliar na salvação das almas (...). Considerado mensageiro de Deus e de espírito guerreiro, desempenha uma função em nosso favor, além de ser o defensor do corpo e da alma nos perigos, principalmente na hora da morte. (...) Neste sentido, o povo tem por hábito pedir a S. Miguel para guiar as almas dos defuntos para o Céu".*

reconstrução, em maior dimensão, a fim de albergar os crescentes peregrinos. Quanto ao culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens, deve-se o seu surgimento ao Frei João de Xabregas, responsável pela sua criação e iconografia.

2.2. - DESCRIÇÃO E EVOLUÇÃO ARQUITETÓNICA

2.2.1. - A Igreja

O edifício religioso de Nossa Senhora Mãe dos Homens, outrora votado a São Miguel, sugere uma origem medieval.

Atendendo a esta antiguidade, muitas terão sido as alterações arquitetónicas sofridas, porém, a falta de prospeções arqueológicas e, sobretudo, do estudo da arqueologia da arquitetura não permitem apontar com clareza a evolução do edifício. Resta enumerar os vários momentos em que terá havido intervenção, com base na análise documental, o que faremos de seguida.

Sabendo-se que, em 1556¹²⁶, a igreja estaria em ruína e que, em inícios do século XVIII¹²⁷, estaria de novo ao culto, presume-se que durante o século XVII tenha sido alvo de uma reconstrução sobre a qual se desconhecem os pormenores, bem como a datação exata.

Em 1758, as *Memórias Paroquiais*¹²⁸ revelam que, em consequência da mudança do culto do local e da grande afluência de romeiros que a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens granjeou, "(...) *pella ermida ser piquena se eregio huma capella mayor com as esmollas dos fieis; e esttando já acabada, com a esperansa de se lhe fazer mayor corpo da igreja, ficou a ditta capella grandementte arruinada com o terremotto do primeiro de Novembro de mil settesenttos sincoenta e sinco e no mesmo estado se conserva sustada de espeques (...)*"¹²⁹.

O inventário dos bens da irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de 1910¹³⁰, refere que o edifício religioso se compunha de capela com sacristia e casa para venda de imagens¹³¹, e que possuía uma tribuna. Esta tribuna apenas surge neste

¹²⁶ LOPES, 1556, p. 45.

¹²⁷ COSTA, 1708, p. 600 e REGO, 1730, fl. 10.

¹²⁸ COSME & VARANDAS, 2010.

¹²⁹ *Idem*, p. 108.

¹³⁰ IMA, *Inventário dos bens móveis e immoveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910.

¹³¹ Não foi possível confirmar de que imagens se tratam, mas possivelmente seriam estampas de Nossa Senhora Mãe dos Homens, devido à referência de chapas para o efeito nos inventários dos bens da Confraria. Esta venda, provavelmente, reverteria em favor da Confraria.

documento, não se verificando referência alguma no inventário de 1929, onde constam todos os outros elementos. Possivelmente terá sido destruída, pelo homem ou pelo tempo, uma vez que estas estruturas eram normalmente de madeira, material perecível.

Em 1938, sabe-se pelo registo de correspondência expedida¹³² que a Confraria "(...) *esta ainda endividada, em vista d'um grande concerto, que tivemos de mandar fazer, para evitar que o tecto da Igreja caísse (...)*"¹³³.

É sobre as alterações estruturais da década de 50 do século XX que possuímos mais informação e documentação. Em 1957¹³⁴, são efetuadas novas obras no telhado, que implicam a subida do sino. Neste ano, é ainda colocada uma viga de cimento na sacristia, que estaria estruturalmente fragilizada, e arrancado o pavimento da igreja, originalmente de ladrilheira e laje¹³⁵, para meter tacos no altar-mor e mosaico no corpo da capela. Em 1958¹³⁶, o altar-mor, provavelmente setecentista, é pintado a óleo, fingindo os pilares, capitéis e molduras esculpidas na madeira que ali se encontram. Estas alterações são as que nos chegam e que mais se denotam no edifício, pois marcaram a estética da Igreja, e a sua decoração interna.

Atualmente, e através da planta apresentada¹³⁷, é possível verificar que a Igreja possui 4 espaços: corpo da igreja; altar-mor, orientado a nascente; casa de arrumos; e sacristia. Existe ainda uma casa anexa no exterior, com acesso independente. O acesso ao primeiro andar, à divisão dos arrumos, é feito pelo altar-mor.

Decorativa e esteticamente, é um edifício simples e despojado de quaisquer decorações, salvo o altar-mor de origem setecentista, em madeira talhada e pintado a óleo. Este possui cinco nichos, a que se somam mais dois no corpo da igreja, ladeando a arcada de acesso ao altar-mor. Possui ainda duas molduras, sem qualquer representação visível atualmente. No corpo da igreja não possui quaisquer capelas ou altares laterais; possui apenas um púlpito, sem aparato.

¹³² IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941 - 1952*, fl. 1v.

¹³³ *Idem*, fl. 1v.

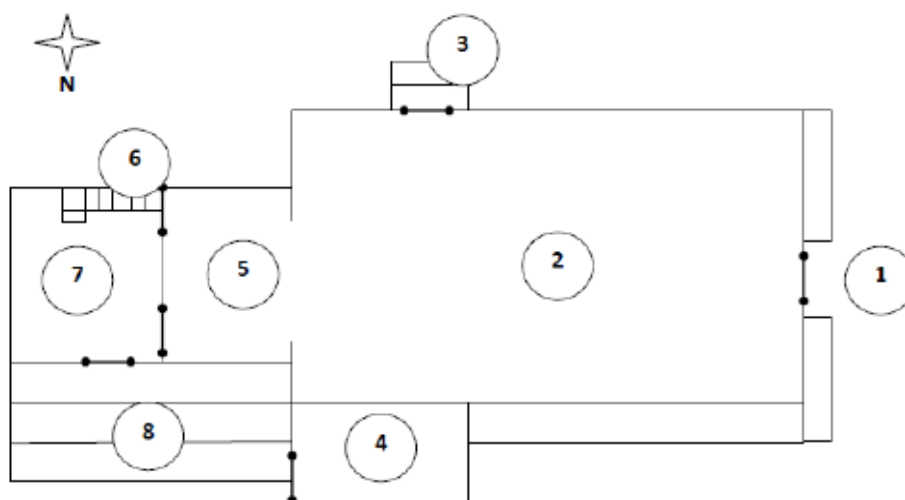
¹³⁴ IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas*, 1957.

¹³⁵ Ainda se pode verificar a existência deste pavimento na dependência de arrumos no primeiro andar, sita atrás do altar-mor e por cima da sacristia. Nesta mesma dependência denotam-se ainda pinturas murais, sem grande aparato.

¹³⁶ IMA, *Orçamento de pintura para a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 1 de Março de 1958, Livro de Facturas*, 1958.

¹³⁷ Desenho com função ilustrativa apenas, sem qualquer rigor arquitetónico, sem proporcionalidade e sem medidas, executado por Rita Silva.

Imagem 1



LEGENDA:

- 1 - Entrada principal (a Este)
- 2 . Corpo da Igreja
- 3 - Entrada Sul
- 4 - Casa anexa à capela
- 5 - Altar-mor
- 6 - Acesso ao primeiro piso (parte superior à sacristia)
- 7 - Sacristia
- 8 - Acesso à sacristia (a Norte)

Legenda: Planta da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens (meramente ilustrativa e sem rigor científico).

Autoria: Rita Silva.

No que toca às aberturas para o exterior, a Igreja possui 3 acessos: a porta principal, a oeste; uma porta secundária, a sul; e a porta da sacristia, a norte. Todos os acessos possuem degraus, em maior número no acesso norte. Na frontaria da Igreja ladeiam a porta dois janelões com grades e um olhal ao centro da fachada. No altar-mor existem duas janelas a sul e outras duas a norte, em simetria. Ainda, no primeiro andar verifica-se a existência de uma janela, a norte, e um pequeno olhal, a sul. É curioso verificar que o corpo da Igreja, ainda que de maior dimensão, apresenta menor número de aberturas que a cabeceira da mesma, onde, para além das janelas existentes, se podem verificar outras que

outrora existiram e se encontram agora fechadas, restando a sua moldura; seriam pequenos olhais floreados. A simplicidade

das janelas da fachada quando comparadas com as da cabeceira do edifício, bem como a diferença de cotas de altitude entre ambas as partes da Igreja, podem sugerir uma pré-existência do conjunto formado pelo altar-mor, sacristia e arrumos, ou a submissão de uma nave demasiado pequena ao aumento da capacidade do edifício.

Fotografia 1



Legenda: Fachada da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Orientada a poente.

Fotografia: Rita Silva (2016)

Porém, nada pode ser confirmado sem que se façam estudos prévios, nomeadamente na área da arqueologia da arquitetura.

Fotografia 2



Legenda: Face sul da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Fotografia: Rita Silva (2016).

vértice um cruzeiro em mármore. Presume-se, devido à existência de um segundo elemento deslocalizado e deteriorado, que seriam simétricos, localizando-se um a cada extremidade. Terá sido deslocado provavelmente em consequência das constantes obras no telhado e da subida da sineira.

No exterior, a fachada, a nascente, acompanha toda a altura do edifício de duas águas e termina de forma triangular, com a sineira constituindo o vértice. As faces laterais não possuem qualquer ornamento para além de um elemento decorativo e utilitário: um poial de alvenaria¹³⁸ a norte e oeste, que servia de apoio ao romeiros e peregrinos. Atente-se para a traseira do edifício, onde podemos ver no

¹³⁸ Limitando o largo da Igreja e protegendo de uma pequena escarpa, a sul, existe outra estrutura semelhante.

Trata-se assim de um monumento que serve a simplicidade que nele impera, material e imaterialmente.

Fotografia 3



Legenda: Face nascente e face norte da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Atente-se para o cruzeiro na lateral poente e no embelezamento das janelas na cabeceira do edifício religioso, com a cota de altitude intermédia. A cota mais alta pertence à nave da Igreja e a cota mais baixa à divisão de arrumos.

Fotografia: Rita Silva (2016).

Fotografia 4



Legenda: Lateral norte da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Pormenor de poial.

Fotografia: Rita Silva (2016).

2.2.2. - Património arquitetónico

A atratividade do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens e a crescente afluência de peregrinos, levaram desde cedo a que se construíssem habitações e/ou abrigos, com as mais variadas funções.

A primeira referência a construções em Nossa Senhora Mãe dos Homens data de 1857, e diz respeito a uma casa que servia de Teatro de Comédias¹³⁹.

Em 1888¹⁴⁰, surge a menção da existência de uma cadeia no local, que não foi possível localizar, pela inexistência de fontes documentais e arquitetónicas¹⁴¹.

No inventário dos bens da irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de 1910¹⁴², sabemos que entre os bens da Confraria se encontravam quatro casas abarracadas para alojamento dos peregrinos, uma cavalaria e um barracão que servia de arrumos. Comparando-se estes bens imóveis com os descritos no inventário de 1929¹⁴³, podemos verificar que as quatro casas abarracas dão lugar a seis casas térreas e passam a existir duas cavalariças, sendo que uma possui um palheiro anexo.

A partir de 1942, surge o registo de arrendamento das habitações, que se foi afastando da sua missão inicial de albergar os peregrinos. Esta conversão da sua função terá tido certamente uma justificação económica, significando mais fundos para a Confraria, e utilitária, pois garantia a presença de gente no local, assegurando a sua manutenção e guarda.

Entre 1942 e 1945, contam-se, pelo registo do arrendamento das habitações da Confraria¹⁴⁴, 5 habitações e uma cavalaria. Em 1946, surge uma sexta habitação e uma segunda cavalaria, esta última suprimida de novo em 1948.

Em 1948¹⁴⁵, pretendem-se melhorar as condições de habitabilidade das casas da Confraria, fazendo divisões internas. No sentido da realização das obras desejadas, as

¹³⁹ AHCMA, *Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Livro da eleição dos irmãos da)* dos anos de 1855 a 1867.

¹⁴⁰ No Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Avis, no inventário documental, encontra-se listado o documento *Despesas (Livro de registo de) relativa aos presos e policias das cadeias de Avis, Benavila, Ervedal, Aldeia Velha, Figueira e Nossa Senhora Mãe dos Homens*, dos anos 1888 a 1898, porém, o mesmo encontra-se sinalizado como desaparecido, valendo apenas a sua menção, não tendo sido consultado.

¹⁴¹ Através da observação arquitetónica do local, a cadeia situar-se-ia, hipoteticamente, na primeira habitação na lateral da Igreja, visto que esta tinha uma dependência anexa, cujo acesso apenas se fazia pelo interior da habitação, através de uma porta reduzida, lembrando uma prisão pela privação de ligação ao exterior, apenas feito por uma pequena janela que, certamente, estaria gradeada. Este edifício pertence ao conjunto de habitações que foram demolidas, não sendo possível confirmar as hipóteses que aqui se levantam.

¹⁴² IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910.

¹⁴³ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1929.

¹⁴⁴ IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941 - 1952*.

rendas são aumentadas. Porém, e apesar do aumento, não foi possível concretizar o projeto, voltando as rendas ao seu valor anterior. Apesar de, em 1950, haver notícia da existência de algum material para as obras, apenas em 1951¹⁴⁶ se iniciam. Neste processo, uma das cavalariças foi transformada em casa de habitação, explicando o aumento do número das mesmas. Mantém-se o número de habitações fixo até 1957¹⁴⁷, ano em que se constroem mais duas habitações pela reutilização da cavalariça, a que se somam outras duas, de primeiro andar, cuja data de construção é posterior, mas desconhecida. Perfaz-se assim a totalidade de 11 casas.

Em 2012, e devido ao estado de ruína em que se encontravam, foram demolidas duas habitações que, pela sua localização, fronteiras à Igreja, seriam talvez as mais antigas. Resta o aglomerado de 9 casas, caminhando para a ruína. Destas 9 habitações, apenas 6 possuem documentos legais, o que faz com que incorram também no risco de demolição eminente.

As habitações são testemunho da arquitetura popular alentejana, da arquitetura de terra¹⁴⁸. Possuem duas divisões térreas, salvo exceção para as habitações mais recentes, que por serem de primeiro andar possuem o mesmo número de divisões, mas organizadas em rés-do-chão e primeiro andar. Estas divisões eram a cozinha e o quarto. Na cozinha é uma constante a presença da lareira, em torno da qual gira toda a vida doméstica: ali se cozinha, se aquece a água, o corpo e a mente, através das conversas de ocasião que ali se travam.

Neste caso concreto, estas habitações espelham a vivacidade que outrora teve o local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, numa época em que cada habitação albergava uma família, formando um pequeno aglomerado populacional, tornando-se dignas de menção pela sua componente material e imaterial.

Constituindo-se como um conjunto edificado, Nossa Senhora Mãe dos Homens compõe-se não só da Igreja e das habitações, mas também de outros elementos. São eles um forno de lenha, uma fonte, um coreto e um poço. Estes elementos são principalmente

¹⁴⁵ IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941 - 1952*, fl. 6.

¹⁴⁶ *Idem*, fl. 8.

¹⁴⁷ IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas*, 1957.

¹⁴⁸ Uma arquitetura típica, popular, constituída pela deposição de lajes sustentadas por terra, barro.

de carácter utilitário e, à exceção do poço, todos datam¹⁴⁹ da década de 20 do século XX¹⁵⁰.

O forno servia para cozer o pão e possibilitar a feitura de alguns cozinhados. A sua construção baseia-se numa estrutura abobadada em alvenaria, com uma pequena porta de ferro. O seu exterior reforça a estrutura interior, sendo feito na típica arquitetura de terra, rebocado e caiado. Terá tido um alpendre, em madeira, que naturalmente se perdeu. Hoje, encontra-se em ruína.

O coreto, em alvenaria, servia as necessidades das festividades em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em Agosto, e durante o ano garantia rendimento à Confraria, visto ser a parte de baixo arrendada pelo mesmo processo com que se arrendavam as habitações, ainda que por um valor menor. É de formato hexagonal e possui um gradeamento de ferro. Não possui acesso fixo, pelo que sugere que o mesmo seria feito por meio de escada amovível. Encontra-se bem conservado, ainda que não lhe seja votada utilidade exterior ou interior.

A fonte de três bicas, chamada de Nossa Senhora, aproveitava uma nascente e fornecia água aos habitantes do local. A fonte seria também de alvenaria, toda murada, de forma quadrangular com um frontão triangular rematado por meias circunferências. Denota-se um pequeno nicho onde teria estado uma imagem ou painel de azulejo, entretanto destruído pela submersão do elemento arquitetónico ou por meio de vandalismos. Possui uma inscrição numérica "13/1897", que poderá indicar uma data de fundação, porém suscita dúvidas. Em 1955, aquando da projeção da Barragem do Maranhão, verificou-se que a fonte ficaria submersa pela mesma. Nesse sentido, o Reitor da Confraria e pároco de Avis, solicitou à Direcção-Geral de Serviços Hidráulicos que a substituíssem por outra semelhante. Não tendo sido possível, apesar de esforços volvidos, a entidade governativa terá proposto a indemnização pela perda. Atendendo a que a Confraria incorria numa situação de dívida considerável, em *deficit*, esta proposta foi aceite, garantindo assim à Confraria dinheiro para "*(...) pagar as dívidas, garantir água à Ermida abrindo um poço e completar todas as obras da Igreja, beneficiando a mesma, bem como as casas pertencentes à Confraria (...)*"¹⁵¹. Esta indemnização teve o valor de 57.600\$00¹⁵² e foi outorgada em Janeiro de 1958¹⁵³.

¹⁴⁹ Será apresentada a data mais antiga constante nos documentos consultados, não podendo saber-se com exatidão se será a data de fundação.

¹⁵⁰ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1929.

¹⁵¹ IMA, *Justificação da indemnização por parte dos Serviços Hidráulicos à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas*, 1958.

¹⁵² IMA, *Fatura/recibo de indemnização recebida pela afectação dos terrenos de Senhora Mãe dos Homens pela Albufeira do Maranhão, Livro de Facturas*, 1958

Como previsto, foi então construído o poço¹⁵⁴, em substituição da fonte de Nossa Senhora, em 1957¹⁵⁵, com 3m de diâmetro e 6m de profundidade. O seu diâmetro foi grandemente tapado, deixando-se uma boca quadrangular com cerca de 1m², embelezada com um painel de azulejos com a iconografia da Virgem. A envolvente possuía canteiros de flores e bancos em cimento, transformando-se num local de lazer. Hoje, encontra-se em avançado estado de degradação.

Com a Barragem do Maranhão foram submersas também as antigas estradas empedradas e a pequena ponte de alvenaria, igualmente parte do património que constituía o aglomerado rural de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Em suma, de todo o património existente, apenas o coreto se encontra em bom estado de conservação. Devido à submersão, ao abandono ou à passagem dos tempos, todos os restantes elementos clamam por um projeto de salvaguarda e valorização.

2.2.3. - Património integrado

E porque a "(...) *História da Arquitectura não se pode fazer sem atender aos contributos epigráficos (...)*"¹⁵⁶, analisar-se-ão no presente tópico as epígrafes no local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que se constituem como património integrado e testemunhos da evolução histórica do mesmo.

¹⁵³ Saliente-se que o ano de 1958 foi, de facto, um ano rico em obras na ermida. Se analisarmos o edital para peditério aos devotos de N. Sr^a. Mãe dos Homens (IMA, *Editado para peditério aos devotos de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas*, c. de 1957/1958) verificamos que a capela se encontrava podre, esburacada e ameaçando ruínas, pelo que era necessário intervir e mesmo até inevitável. Feito o orçamento e contando com as generosas ajudas prometidas por alguns fiéis, as obras avançaram - porém, as promessas foram infundadas e a obra ficou a cargo do pároco e reitor da igreja e Confraria. É referido neste documento que o orçamento inicial foi de 14.000\$00, porém, atingiu o total de 36.336\$50 e um *deficit* final de 16.005\$25 para a Confraria liquidar, pelo que se elabora este edital, em jeito de petição, tendo apontado à margem que se receberam 18 respostas e o total de 5.295\$00 de donativo, ficando a cargo da Confraria a conta final de 10.710\$25. Se a este montante somarmos o total das obras realizadas, no valor de 32.225\$00 (IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas*, 1957), 3.500\$00 (IMA, *Orçamento de pintura para a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 1 de Março de 1958, Livro de Facturas*, 1958), 4.000\$00 (IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 24 de Abril de 1958, Livro de Facturas*, 1958) e 5.880\$00 (IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 29 de Maio de 1958, Livro de Facturas*, 1958), obtemos um total de 56.315\$25, um valor muito próximo ao da indemnização recebida, pelo que se confirma a utilização da mesma para os fins previstos. Saliente-se também que o empreiteiro com presença mais assídua no livro de faturas da Confraria é José Lopes Godinho, cuja família sempre esteve ligada à mesma associação, como foi já referido.

¹⁵⁴ Inventariado no Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos, com o número 381/12 (informação retirada de http://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.4&ccdr=Alentejo&conc=AVIS&ponto=381/12&zf=&click_x=&click_y=&tema=&tipo=Po%E7o, consultado dia 1 de Junho de 2016)

¹⁵⁵ IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas*, 1957.

¹⁵⁶ BARROCA, 2000, p. 308.

Começando pelas epígrafes existentes na Igreja, a de maior antiguidade situa-se na fachada e diz "ESTA CAXA / HE DE NS SN / RA MAI DO / S HOMES / P AS SVAS / OBRAS"¹⁵⁷. A datação apontada para esta epígrafe deriva da projeção da sua existência no Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens¹⁵⁸, de 1778. No Capítulo VI do mesmo documento é dito que "(...) no último Domingo do mês de Agosto (...) se abrirá A cacha das esmolos que terá três chaves (...)". Apesar de a caixa das esmolos não se encontrar já no local, a inscrição documenta a sua localização e existência.

Já no interior da Igreja, podemos encontrar duas epígrafes. O testemunho de 1909 diz o seguinte: "EM 13 DE JUNHO DE 1909 OS POVOS DAS 8 FREGUEZIAS / D'ESTE CONCELHO E DOS VIZINHOS VIERAM EM IMPONENTE / PEREGRINAÇÃO A ESTE SANTUARIO AGRADECER A DEUS / POR INTERMEDIO DE SUA E NOSSA MÃE NÃO TER / SIDO ESTA REGIÃO DESTRUÍDA PELO TERREMOTO DE / 23 D'ABRIL DO MESMO ANNO. / VIRGEM MÃE DOS HOMENS CONTINUA A SER NOSSA / PROTECTORA". Serve esta para sublinhar o culto à Virgem bem como para aumentar a sua fama milagreira, espelhando a devoção das gentes e a importância de toda esta mística sagrada no quotidiano das populações, que devem a sua salvação à santa, dívida paga por meio deste ex-voto, se assim se pode considerar. A epígrafe de 1958, por seu turno, auxilia na percepção da evolução do local, referindo que "FOI ESTA CAPELA / RESTAURADA COM AS / CASAS DA CONFRARIA / E CONSTRUIDO O POÇO / E A NOVA PONTE / NO ANO DE 1958", corroborando o que foi dito anteriormente acerca dos elementos arquitetónicos e sua construção.

Surge ainda um epitáfio, deslocalizado, encontrado na divisão de arrumos da Igreja, cuja datação remonta ao período moderno, possivelmente. Diz a inscrição: "HED . CAPT~/FRCO . MX / IAS . GLV~". Dada a inexistência (conhecida) de tratados de epigrafia moderna, a transcrição efetuada da respetiva deverá corresponder a "Herdeiros"¹⁵⁹ Capitão Francisco Mexias Gonçalves¹⁶⁰ e será de carácter funerário, desconhecendo-se o local da sepultura de onde terá sido extraída. Esta epígrafe¹⁶¹ é a responsável pela atribuição da existência de património arqueológico no local de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Apesar de serem frequentes as menções a um cemitério no local, o que não seria incomum, não se contam escavações arqueológicas que o possam comprovar.

¹⁵⁷ Transcrevendo: "Esta caixa é de Nossa Senhora Mãe dos Homens para as suas obras".

¹⁵⁸ AHCMA, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, de 2 de Outubro de 1778.

¹⁵⁹ A palavra "Herdeiros" pode não consignar-se exclusivamente a herdeiros de sangue mas, por exemplo, aos irmãos da Confraria.

¹⁶⁰ A abreviatura «GLV~», transcrita como "Gonçalves", pode referir-se também, pela proximidade geográfica, a Galveias, vila alentejana pertencente ao concelho de Ponte de Sôr, localizada no limite entre este e o concelho de Avis, onde também existe devoção na Virgem.

¹⁶¹ O epitáfio tem como dimensões 18x29x12 cm.

Concluindo e generalizando, o material usado nestas epígrafes é o mármore branco, dominante no Alentejo, devido à proximidade das pedreiras estremocenses e calipolenses¹⁶². Excetua-se a epígrafe relativa à caixa das esmolos, no mesmo material, mas em tons de cinza. Ainda, todas as inscrições estão escritas com letras maiúsculas, facto que se explica pela maior facilidade na escultura dos caracteres. Quanto à sua datação, temos duas epígrafes do período tardo-moderno e duas contemporâneas. As epígrafes de período moderno apresentam abreviaturas, por contração ou síncope no caso do epitáfio, e por suspensão e amputação no caso da inscrição referente à caixa das esmolos¹⁶³. As contemporâneas não possuem qualquer supressão. Quanto à tipologia, podemos observar epígrafes funerárias, de sacração e conclusão de obras e de devoção, os géneros mais comuns¹⁶⁴ e bem ilustrados neste caso concreto.

2.3. - CONFRARIA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS

2.3.1. - Confrarias: contextualização

*"As primeiras Confrarias (...) apareceram por volta do século XV em toda a Europa, mercê do incansável trabalho dos mosteiros beneditinos (...)"*¹⁶⁵. Em Portugal surgem primeiramente nas grandes cidades, estendendo-se aos poucos ao interior. A sua difusão deve-se a D. Manuel, que na sua carta régia de 14 de Março de 1499 recomenda que *"(...) em todas as cidades, vilas e lugares principais do nosso reino se estabeleçam Confrarias (...)"*¹⁶⁶.

As Confrarias, associações que promovem o culto público¹⁶⁷, constituíram-se como *"(...) uma das principais expressões orgânicas e sociológicas aceites pela Igreja para enquadrar e exprimir a vida religiosa dos leigos. Apesar de (...) adensarem as diferenças existentes na sociedade, elas tiveram um papel importante na construção da identidade dos vários grupos sociais, reforçaram os processos de integração e de coesão comunitária e multiplicaram os tempos, os espaços e as formas de sociabilidade, centradas em torno das festas e cerimónias religiosas (...)"*¹⁶⁸.

¹⁶² BARROCA, 2000, p. 133.

¹⁶³ BARROCA, 2000, p. 183.

¹⁶⁴ *Idem.*, p. 51.

¹⁶⁵ RODRIGUES, 2010, p. 66.

¹⁶⁶ *Idem.*, p. 66.

¹⁶⁷ Segundo o Artigo 1º, § 4º, das Normas Gerais das Associações de Fiéis, 2008.

¹⁶⁸ PENTEADO, 1995, p. 15.

Estas Irmandades, Confrarias ou associações de fiéis, podendo ser utilizada qualquer uma destas denominações, surgem pela necessidade de aproximação ao mundo celeste. Entre os principais motivos do ingresso de fiéis estava a garantia de "*(...) protecção divina na sua vida quotidiana e a salvação das suas almas após a morte (...)*"¹⁶⁹. Neste sentido, a principal missão da maioria das Confrarias, não sendo exceção o caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens, era "*(...) o fortalecimento da vivência do catolicismo, através da orientação doutrinal dos fiéis, da procura sacramental, do culto dos mortos, da prática da caridade e outras actividades devocionais e piedosas (...)*"¹⁷⁰.

Para além destes objetivos, outros se associam, alguns de carácter profano, incluindo as organizações de festejos em prol do santo ou santa protetora.

Devido à necessidade da dádiva de uma jóia e de frequentes contribuições, sendo por isso maioritariamente constituídas por elites locais, "*(...) as Confrarias permitiram maiores oportunidades de exercício do poder ao nível local (...)*"¹⁷¹.

No caso da sociedade avisense, "*(...) no dealbar do século XIX, encontra-se fortemente marcada pela preponderância de algumas famílias locais que encabeçavam, também elas nalguns casos, as listas das elites económicas, desde os finais do Antigo Regime (...)*"¹⁷², famílias essas que é frequente encontrarem-se nomeadas nos documentos da Confraria, como é o caso da família Godinho. Esta família era uma das mais importantes em Avis e nos concelhos vizinhos "*(...) tanto pela quantidade de descendentes como pelas alianças matrimoniais realizadas com praticamente todas as outras famílias da elite local (...)*"¹⁷³. Maria Antónia de Figueiredo Pires de Almeida (1997, p. 98) frisa esta questão: "*A família Godinho, da elite fundiária das Galveias, concelho de Ponte de Sor (nos finais de antigo regime havia vários Godinhos em Avis, os quais terão mudado a sua residência principal para o concelho vizinho, mantendo no entanto as terras neste concelho) forneceu pelo menos 3 senhoras (com o respectivo património fundiário) para casar em Avis com senhores das famílias Abreu Callado*¹⁷⁴, *Carvalho e Braga. Tal como Francisco Abreu Callado enriqueceu sobretudo com o casamento com D. Maria Madalena Godinho, também Manuel Joaquim da Costa Braga (m. 1895), ao casar com D. Arcângela Angélica Godinho, conseguiu uma ascensão económica e social tal que se tornou um dos*

¹⁶⁹ PENTEADO, 1995, p. 26.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 15.

¹⁷¹ *Idem*, p. 15.

¹⁷² Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Avis, p. 205.

¹⁷³ ALMEIDA, 1997, p. 98.

¹⁷⁴ O nome Abreu Callado ainda hoje está muito presente no concelho, tendo sido estruturada uma fundação vitivinícola com o mesmo nome, com destaque também na área da educação, com uma Escola Profissional associada, sendo um marco cultural e uma marca do concelho de Avis e sobretudo da freguesia de Benavila, onde se sedeia.

maiores proprietários do concelho de Ponte de Sor (...)"¹⁷⁵. Até meados do século XX, o nome Godinho foi presença assídua nos assuntos da Confraria.

Assim, "*Talvez à primeira vista se possa afirmar que as Confrarias permitiam um maior acesso aos sacramentos da Igreja, uma manutenção mais cuidada dos locais de culto, um aumento da devoção aos Santos e à Virgem, ou ainda um acréscimo do número de peregrinações. (...) Por outro lado, constata-se a necessidade de identificar o grupo social em que os seus membros se situavam, de forma a apurar eventuais relações entre as elites sociais e as fórmulas mais interiorizadas de religiosidade (...)*"¹⁷⁶. O ingresso do confrade era então, simultaneamente, "*(...) a procura de uma maior integração e identidade social (...)*"¹⁷⁷, de mais distinção. O uso das insígnias, medalhas, bandeiras, e "*(...) outros símbolos da sua identidade corporativa (...) fundamentais do associativismo leigo de cariz religioso (...)*"¹⁷⁸ aquando das cerimónias e festejos públicos, favoreciam e, de certa forma, consolidavam essa procura incessante de poder.

Aponta-se enquanto móbil institucional para o surgimento das Confrarias e associações de fiéis o esforço da Igreja na propaganda, divulgação e consolidação de determinados cultos¹⁷⁹ ou como forma de contrariar os argumentos protestantes¹⁸⁰. Porém, no caso avisense, não há uma "*(...) intervenção clerical (...) no sentido de controlar o aparecimento de heresias e de (...) incutir maiores níveis de interiorização devocional (...) através dos espaços e tempos de culto promovidos pela irmandades (...)*"¹⁸¹, pois trata-se de uma associação de leigos. Inicialmente estava isenta de jurisdição que não a dos visitantes régios, obedecendo apenas à Mesa da Consciência e Ordens. Aquando da extinção das Ordens Militares Religiosas, em 1834, passa a Confraria a apresentar contas e a sujeitar pedidos de alteração dos *Estatutos* à Arquidiocese de Évora; porém, não há um apertado controlo. A intervenção clerical acima referida vem a concretizar-se no início do século XX com a instauração da ditadura militar, o regime salazarista, que assume um controlo acirrado sobre a irmandade, e do ponto de vista religioso, protagonizado pela figura do pároco de Avis, que assume as funções de reitor da associação. Pode assim considerar-se que os valores comunitários e fraternais assentavam na lógica do poder estatal, ao invés do poder eclesial¹⁸². O destaque que estas instituições granjearam, a nível social, político e económico, "*(...) tornaram-nas objectos da disputa do poder temporal e*

¹⁷⁵ ALMEIDA, 1997, p. 100.

¹⁷⁶ PENTEADO, 1995, p. 27.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 27.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 20.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 34.

¹⁸⁰ *Idem*, p. 36.

¹⁸¹ *Idem*, p. 39.

¹⁸² *Idem*, p. 40.

do poder espiritual pelo seu controle"¹⁸³. Contudo, à data dos festejos, era anulado "(...) o esforço tridentino de sacralização dos espaços de culto (...)"¹⁸⁴, por meio dos "(...) excessos cometidos durante as corridas e abates de touros, as representações cénicas e as danças e cantares rítmicos, que normalmente acompanhavam estes folguedos (...)"¹⁸⁵, constituindo-se como a parte profana das festividades religiosas.

Podemos concluir que, desde a sua implementação, na Época Moderna, as Confrarias assumiram um papel relevante na solidariedade comunitária, assistência espiritual e material às populações, bem como na organização da sociedade. Permitiam a constituição de associações heterogéneas, que combatiam as desigualdades e favoreciam a sociabilidade, bem como a procura do protagonismo social.

2.3.2. - A Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens

A Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens surgiu talvez pela necessidade de gestão do local, que registava um crescendo de afluentes desde a implantação do culto da santa padroeira, em 1771, tendo os primeiros *Estatutos* confirmados em 1778¹⁸⁶, por D. Maria I na condição de perpétua administradora do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Avis. Tratam-se de *Estatutos* muito simples, com 7 artigos, sem títulos, onde se regem os princípios basilares da Confraria: as condições de admissão dos irmãos, a fixação do dia das eleições anuais, a proveniência dos rendimentos, questões de jurisdição, a definição da sua missão, organização dos festejos e um juramento de cumprimento do compromisso.

Porém, ainda que simples, lançam as bases de alguns preceitos a serem continuados, nomeadamente: a missão de auxílio no enterramento dos mortos, a caridade e a organização e composição dos festejos, os quais teriam lugar no último domingo de Agosto e teriam "(...) *procições de Roda da Igreja com a Imagem (...)*" (Cap. VI), que, de resto, ainda hoje se verifica; e o registo de autos de eleição e da receita e despesa.

Consultado um Livro de Eleição dos Irmãos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens dos anos de 1855 a 1867¹⁸⁷, permite-se concluir que, para além de conter em si os autos de eleição do Reitor, Escrivão, Tesoureiro e irmãos da Mesa da Confraria da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, compreendendo os anos entre 1855 e 1867, possui também Termos de Mesa, que nos adiantam mais do que a simples

¹⁸³ PENTEADO, 1995, p. 51.

¹⁸⁴ *Idem*, p. 38.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 38.

¹⁸⁶ AHCMA, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, de 2 de Outubro de 1778.

¹⁸⁷ AHCMA, *Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Livro da eleição dos irmãos da)* dos anos de 1855 a 1867.

confirmação das contas para futura passagem de testemunho, visto as eleições serem anuais. Por exemplo, o Termo de Mesa datado de 28 de Maio de 1857¹⁸⁸, que teve lugar na Igreja Matriz de Avis, pretende que se delibere sobre obras numa "(...) *casa que serve ou serviu de Theatro de Comedias no Patio de Nossa Senhora que esta se achava em ruina e que no tempo prezente ja (...) serve (...) de ocupação em cousas estranhas e de cabanas de porcos e por isso lhe parecia mais conveniente (...)*" a feitura de obras na mesma. Este Teatro de Comédias, já obsoleto, deveria ter destaque aquando das festividades em honra da Virgem, porém, desconhecem-se mais pormenores a seu respeito. É interessante a importância dada a esta estrutura cultural, atendendo a que a citação é de 1857, e sobretudo é de salientar a sua presença naquele local que era um monte, um aglomerado rural, que era Nossa Senhora Mãe dos Homens. Esta estrutura confirma as relações estabelecidas quanto à constituição elitista desta associação, uma vez que a preocupação cultural que se verifica não chegava por certo às camadas mais leigas da população, estas últimas responsáveis por dotar a estrutura das suas novas ocupações, censuradas pela Mesa, como confirma o extrato acima. Ainda, dentro dos Termos de Mesa, temos deliberações sobre a data e a forma como se vão efetuar os festejos e no intitulado Auto de Mesa, em vez de Termo, datado de 24 de Junho de 1864, relatam-se algumas dificuldades financeiras - ou, pelo menos, deixa transparecer essa ideia, uma vez que é dito o seguinte¹⁸⁹: "(...) *falecido o reitor que costumava contribuir para as excessivas despesas, e faltar mesmo d'esmolos, que tanto distinguirão os fieis d'outros tempos, o que hora se não vir, deliberarão que a festa se fizesse no proprio dia e na forma que o compromisso ordena no capitulo respectivo, fazendo-se face às despesas com as juntas dos Irmãos, e que quando este não chegasse, se deliberaria depois (...)*".

Sobre o restante, podemos enumerar algumas conclusões:

- As eleições eram anuais, efetuadas aquando dos festejos¹⁹⁰, em finais de Agosto, sendo maioritariamente realizados na Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens na presença do Pároco de Santo António de Alcórrego. Excetuaram-se, por motivos desconhecidos: o ano de 1858, cuja eleição foi tardia face às restantes, efetuando-se em 17 de Outubro; o de 1860 possivelmente pelos mesmos motivos, sendo levada a cabo a 15 de Setembro; e a de 1867, apesar de se inserir no intervalo de tempo

¹⁸⁸ AHCMA, *Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Livro da eleição dos irmãos da)* dos anos de 1855 a 1867, fl. 4 v.

¹⁸⁹ *Idem*, fl. 10.

¹⁹⁰ Esta informação não foi confirmada em calendário, mas faz sentido que o seja. O corpo eleito em Agosto torna-se responsável pela gestão da Confraria durante um ano e pela organização dos seus festejos no ano seguinte, findos os quais veem a sua missão cumprida, passando o testemunho. Sendo os Autos de mesa maioritariamente em Maio ou Junho, com deliberações sobre os festejos e sobre as contas, e os Autos de eleição em Agosto, presume-se que assim seja. Porém, ao longo dos anos, as datas alteram-se.

referido inicialmente. Estas excepcionais eleições tiveram lugar na Igreja Matriz de Avis, onde se situava a Mesa da Irmandade, não dispensando a presença do pároco citado;

- Os Termos e Autos de Mesa eram levados a cabo na aproximação de novas eleições, bem como das festividades, tendo estas, regra geral, lugar em Agosto, e os autos de Mesa em Maio ou Junho, dando antecedência suficiente à Irmandade para o seu planeamento e encerramento de assuntos pendentes, nomeadamente prestações de contas. Estes autos ou termos de Mesa eram levados a cabo na Igreja Matriz de Avis;
- A presença indispensável e independente da localização dos Autos de Mesa ou de eleição, do pároco de Santo António de Alcórrego, comprovam, a par de várias referências à pertença de Nossa Senhora Mãe dos Homens à freguesia de Alcórrego, a sua inserção na Paróquia de Alcórrego¹⁹¹;
- A composição do corpo eleito era constituído por elites locais, facto atestado pela presença de apelidos sonantes da região, como a família Godinho;
- Entre 1860 e 1863 não se registam Autos ou Termos de Mesa.

Confinados a um controlo estatal mais acirrado que o eclesial, são os compromissos da Irmandade alterados em conformidade com as alterações de regime que se vão verificando no decorrer dos séculos XIX e XX. Assim, em consequência da implantação de um Estado Liberal na segunda metade do século XIX, e devido também à necessidade da atualização dos primeiros *Estatutos*, surgem os *Estatutos* de 1887¹⁹², confirmados em 1890. Mais completos e com maior organização interna, repartiram os princípios básicos preconizados pelos primeiros em 40 artigos distribuídos por 10 títulos:

- Denominação e Fins da Confraria;
- Da admissão dos irmãos;
- Dos Deveres dos Irmãos;
- Da Assembleia Geral;
- Da Mesa Gerente;
- Do Presidente;
- Do Secretário;
- Do Tesoureiro;
- Da Eleição da Mesa Gerente;

¹⁹¹ Inicialmente a Confraria pertencia à Paróquia de Santo António de Alcórrego. Em 1882, foi administrativamente anexada à Paróquia de Avis. Informação retirada de <http://digitalq.adptg.arquivos.pt/details?id=1003540>, consultado dia 15 de Março de 2016.

¹⁹² IMA, *Estatutos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens do Concelho d'Aviz*, 1887.

- Disposições Transitórias.

As alterações mais significativas são a clarificação dos seus objetivos (culto religioso e auxílio de caridade (Art.º 2º)), do processo de eleição e a especificação dos direitos e deveres da Mesa Gerente, composta pelo Presidente (ou Reitor), pelo Secretário e pelo Tesoureiro. Mantém-se a jóia, agora de 100 réis (Art.º 6º), enquanto condição para entrada de irmãos, porém, sendo do sexo feminino, juntava-se a esta jóia uma autorização de ingresso assinada pelo marido (Art.º 3º, §1). As eleições mantêm-se marcadas para o último domingo de Agosto, data da festividade. Espelho da influência estatal nestas organizações, é a referência à desamortização dos bens¹⁹³ (Art.º 39º), medida associada ao Estado Liberal. Ainda, é pela primeira vez designado um fim para a missão de caridade da Confraria: o subsídio para o ensino primário da freguesia de Santo António de Alcórrego (Art.º 40º).

Aquando de mais uma mudança de regime, desta vez a Implantação da República Portuguesa, em 1910, registam-se os terceiros *Estatutos* da Irmandade, datados de 1912¹⁹⁴, e confirmados apenas em 1921. Estes seguem o modelo anterior, porém com mais detalhe e com diferenças nos títulos. Possuem 42 artigos, 10 títulos e 3 secções, a saber:

- Denominação e Fins da Confraria;
- Da Admissão dos Irmãos;
- Dos Deveres dos Irmãos;
- Dos Direitos dos Irmãos;
- Da Assembleia Geral;
- Da Mesa Gerente;
 - Secção 1: Do Presidente;
 - Secção 2: Do Secretário;
 - Secção 3: Do Tesoureiro;

¹⁹³ "A desamortização, ou seja, a alienação em hasta pública, levada a efeito pelo Estado, de bens que lhe pertenciam ou que eram propriedade de outras entidades, em Portugal desenrola-se em três etapas: venda de bens da Coroa (1798-1833); venda de bens e foros nacionais (de 1834 em diante, prolongando-se pelo século XX fora), e desamortização, propriamente dita, de bens e foros (depois de 1861).", segundo SILVEIRA, 1991, p. 585. Atendendo à datação apresentada, as desamortizações referidas incluem-se no último rol, de desamortizações num sentido geral, que engloba o património de corporações de mão morta (*Idem*, p. 586), associações religiosas sob especial proteção do monarca, como acontecia com a Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, isenta de qualquer jurisdição que não a régia, privilégio dado por D. Maria I aquando da confirmação do Compromisso da Irmandade de 1778. Apesar deste privilégio ter automaticamente cessado com a extinção das Ordens Militares, em 1834, os seus bens só terão sido desamortizados posteriormente, uma vez que o processo inicial visava o património "maior", como os conventos e mosteiros masculinos, estendendo-se este movimento, em 1861, aos "*bens dos conventos de religiosas, os das mitras, cabidos, colegiadas e seminários, sendo depois ampliado*" (*Idem*, p. 586), abrangendo as corporações acima referidas.

¹⁹⁴ IMA, *Estatutos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens erecta na sua capela na Freguesia de Alcórrego, Concelho d'Aviz*, 1912.

- Da Eleição;
- Do Culto;
- Da Beneficência;
- Disposições Gerais.

Mantêm-se a maioria dos pressupostos nos *Estatutos* anteriores, porém, registam-se algumas mudanças. No que toca ao sexo feminino, este continua a necessitar de autorização para o ingresso na Irmandade, e ficam as mulheres também impedidas por meio destes *Estatutos* de votar ou ser votadas e de propor qualquer irmão para a Confraria (Art.º 10º). O destino dos rendimentos da Confraria é previsto pelo compromisso, sendo que um terço dos rendimentos são destinados ao culto¹⁹⁵ (Art.º 39º), e os restantes dois terços para a assistência e beneficência pública, especialmente para os alunos pobres de Avis e Alcórrego (Art.º 40º).

A data das eleições, que anteriormente se realizavam no dia dos festejos, é alterada para o primeiro domingo de Junho (Art.º 14º), contudo, a Mesa Gerente apenas toma posse no primeiro domingo de Julho. Este afastamento da data dos festejos deve-se ao facto da República ter suspenso o culto religioso em 1910. Assim, a pertinência destes novos *Estatutos* pode justificar-se pela necessidade de reconhecimento das comissões culturais por parte do Ministério da Justiça, mediante "*(...) aprovação de Estatutos, mostrando o legislador uma clara preferência pelas misericórdias ou Confrarias já constituídas ou outras entidades análogas para assumirem esse novo papel.*"¹⁹⁶. Enquanto não se verificava a confirmação dos *Estatutos*, "*(...) podiam as pessoas religiosas de uma freguesia quotizar-se para o culto público, através de uma subscrição, e constituindo, por essa via, um 'agrupamento cultural transitório' (...)*"¹⁹⁷. O procedimento acima descrito é levado a cabo em 1914, constatando-se na notícia publicada n'*O Evolucionista*, nº 41 de dia 5 de Agosto: "*(...) a Confraria da Senhora Mãe dos Homens resolveu não realizar no corrente ano os festejos costumados, mas não explica porquê, para a substituir na organização da festa 'constituiu-se uma comissão d'empregados no comercio e estudantes para no próprio dia, ultimo domingo d'este mez, promover os mesmos festejos fóra da capela (...)*". No que toca ao culto, o mesmo era permitido devido à sua antiguidade e tradição, pelo que se depreende do constante no Artigo 57º do Decreto-Lei nº92 de 21 de

¹⁹⁵ O constante nos *Estatutos* vai de encontro ao Art.º 32º do Decreto-Lei nº 92 de 21 de Abril de 1911, que refere que "*As corporações que ficarem com o encargo do culto terão de aplicar, pelo menos, um terço de tudo quanto receberem para fins culturais a actos de assistência e beneficência, entregando essas importâncias às entidades competentes nos termos da legislação em vigor, ou inscrevendo-as na parte do seu orçamento relativa às despesas de carácter civil, mas com a suficiente discriminação para que facilmente se conheça a sua proveniência e destino.*"

¹⁹⁶ ALVES, 2012, p.18.

¹⁹⁷ *Idem*, p.18.

Abril de 1911: "*As cerimónias, procissões e outras manifestações exteriores de culto não poderão permitir-se senão onde e enquanto constituírem um costume inveterado da generalidade dos cidadãos da respectiva circunscrição, e deverão ser immediata e definitivamente prohibidas nas localidades onde os fiéis, ou outros individuos sem seu protesto, provocarem, por ocasião d'ellas, tumultos ou alterações da ordem publica.*".

Finalmente, em 1938¹⁹⁸, são lançados os últimos *Estatutos* conhecidos da Confraria, consequência da ascensão de Oliveira Salazar a Primeiro-Ministro e da nova Constituição de 19 de Março de 1933. Estes possuem 36 artigos, divididos entre 8 títulos, referidos seguidamente:

- Denominação e Fins da Confraria;
- Da Admissão dos Irmãos;
- Dos Direitos dos Irmãos;
- Da Mesa;
- Da Assembleia Geral;
- Das Festividades ou Culto;
- Da Nomeação do Capelão e Pessoal de Culto;
- Da Constituição da 1ª Mesa.

No que diferem os quartos *Estatutos* da Confraria dos restantes três? Atendendo à conjuntura ditatorial, há um maior cuidado e controlo religioso com a escolha dos irmãos: ficavam excluídos os que não fossem católicos, os excomungados, os pecadores que desdenham da fé, etc. (Art.º 5º e 6º); os irmãos admitidos tinham a obrigação de rezar pela Virgem semanalmente (Art.º 8º); existia uma cooperação e/ou regência pelo Direito Canónico e Ordinário Diocesano (Art.º 10º); as mulheres não são sequer referidas. Ainda, o pároco podia assumir o cargo de Reitor da Confraria. Pela primeira vez é enunciado o ermitão, que seria escolhido pelo pároco ou capelão para cuidar do local (Art.º 22º), e este último, por seu turno, era nomeado pelo Prelado da Diocese.

Estes foram os últimos *Estatutos* conhecidos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Esta terá estado em funções até à década de 60 do século XX, não sendo possível confirmar a data da sua extinção.

¹⁹⁸ IMA, *Estatutos da Confraria ou Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Freguesia de Alcórrego, Concelho d'Aviz, Arquidiocese d'Évora*, 1938.

O que se pode concluir da análise destes vários documentos, atendendo sempre a que os mesmos eram produzidos pelas próprias Irmandades, sendo posteriormente levadas à aprovação superior¹⁹⁹, é o seguinte:

- Houve uma evolução significativa de estatuto para estatuto, bem como uma adaptação ao regime político que se instaurava e que provocava a elaboração de um novo documento;
- Observa-se que os *Estatutos* de 1887 possuem muito mais detalhe que os de 1778, passando de 7 artigos para 40;
- Por seu turno, os *Estatutos* de 1912 seguem o modelo dos de 1887, adaptando-se apenas aos tempos e circunstâncias, com alterações mínimas e irrelevantes;
- Os *Estatutos* de 1938 apresentam um recuo sobretudo no que toca ao controlo eclesial, que até à data quase não se fazia sentir senão pela presença do pároco aquando das reuniões e pela submissão das contas à Arquidiocese de Évora;
- O sexo feminino vê-se a passar gradualmente de um poder de voto igualitário ao do sexo masculino, para a limitação do mesmo à autorização do marido, para um posterior papel meramente representativo, e finalmente para a ausência sequer da sua menção nos *Estatutos*;
- Quanto à designação da Igreja, sabe-se que até 1864 surge nas fontes como "Igreja"; a partir dessa data é denominada de "ermida", e pelos *Estatutos* de 1938 ficamos a saber que seria, eclesiasticamente uma capela, pela nomeação de um capelão - assim, mantém-se em aberto a categoria do edifício religioso.

2.3.3. - Os bens da Confraria

Da Confraria ou Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens temos notícia da realização de três inventários: Novembro de 1910²⁰⁰, Dezembro de 1910²⁰¹ e Fevereiro de 1929²⁰².

Entre os dois primeiros inventários citados não se registam discrepâncias nos bens existentes, por terem sido feitos com um mês de diferença. Porém, o Inventário de Novembro assume-se mais completo, contendo termo de abertura e de encerramento e a

¹⁹⁹ PENTEADO, 1995, p. 47.

²⁰⁰ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910.

²⁰¹ AHCMA, *Inventários (Livro de) da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, do ano de 1910.

²⁰² IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1929.

avaliação monetária dos bens da Confraria, que perfazem um total, entre bens imóveis e móveis, de 1.784\$48²⁰³.

Quanto aos bens inventariados de 1910, "*Os bens imóveis compreendiam a capela com a sua sacristia e uma casa anexa para venda de medidas e imagens, bem como quatro casas abarracadas para recolher e alojar os romeiros em dias de festa e uma cavaliariça destinada aos animais. Um dos barracões destinava-se a guardar as madeiras e utensílios (...)*"²⁰⁴ destinados ao arraial e praça de touros. "*Dos bens móveis o destaque vai para as imagens existentes no templo, e que seriam, ao todo 6, uma Nossa Senhora Mãe dos Homens, uma imagem de São Miguel, uma Nossa Senhora do Carmo, uma Nossa Senhora do Rosário, uma imagem de São José e outra de Santa Bárbara, todas de madeira (...)*"²⁰⁵, que já não existem no local. No que toca ao antigo culto de São Miguel, para além da presença de uma imagem sua no local, contava-se ainda com uma balança de madeira com correntes de ferro, que caracteriza o arcanjo, e que servia para pesar os pecados, como foi explicado anteriormente. Os restantes bens constituem-se maioritariamente como objetos destinados à realização do culto. Ressalva-se a referência aos quadros dos milagres, à existência de "*Duas reguas para colocação da cera das pormessas*"²⁰⁶, bem como as varas de pau do Reitor e do Tesoureiro, sitas na sacristia²⁰⁷, e os dois estandartes de Nossa Senhora Mãe dos Homens na tribuna²⁰⁸. Outros objetos curiosos se verificam, sinais dos tempos que corriam; são eles uma lâmpada de cobre, à qual se chegava com uma escada referida para o efeito²⁰⁹, "*Quatorze tochas de pau*"²¹⁰, uma tarimba de madeira²¹¹, um catavento de ferro e folha, possivelmente o que hoje se encontra na sineira, regadores, candeeiros a petróleo, louça de esmalte, enfim, uma panóplia de alfaias domésticas, sendo que tudo merecia ser inventariado. Os objetos de ouro e prata são de considerar devido ao seu valor, contando-se 13 peças, entre as quais duas coroas de prata do Menino e 5 de Nossa Senhora, três cordões de ouro, uma cruz de filigrana, um afogador de ouro e um par de brincos do mesmo material²¹². Ainda, para uso da imagem, contam-se 10 mantos, na sua maioria brancos (5, bordados a froca, a matiz e a ouro, estando estes últimos confiados a respeitáveis senhoras do concelho), seguindo-se os azuis (4, variando entre bordados a

²⁰³ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910, fl. 3v.

²⁰⁴ Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Avis, 2004, p. 203.

²⁰⁵ *Idem*, p. 203.

²⁰⁶ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910, fl. 1v.

²⁰⁷ *Idem*, fl. 2.

²⁰⁸ *Idem*, fl. 2v.

²⁰⁹ *Idem*, fl. 1v.

²¹⁰ *Idem*, fl. 2.

²¹¹ *Idem*, fl. 2.

²¹² *Idem*, fl. 3.

ouro, com rendas douradas ou prateadas, bordados a matiz ou mesmo com cravos e estrelas), e ainda um rosa²¹³; entre os materiais dos mesmos verifica-se que abundam o cetim e o damasco²¹⁴.

Quando analisado o Inventário de 1929, as principais diferenças que se contam são sobretudo no que toca aos bens imóveis. As 4 casas abarracadas deram lugar a 6 "*moradas de casas térreas*"²¹⁵, surge uma segunda cavaliariça com palheiro, um "*fôrno para coser pão*"²¹⁶, a fonte de três bicas, hoje submersa, e o coreto. Nos objetos de ouro e prata registam-se também diferenças consideráveis no decorrer dos 18 anos que separam ambos os inventários. Contam-se uma coroa de prata para o Menino e duas para a Senhora; dos três cordões de ouros que existiam, dois têm a anotação de terem sido vendidos. Na totalidade, estamos assim perante 6 peças de ourivesaria, que em 1910 perfaziam o total de 13. Quanto aos mantos, todos subsistem, tal como os santos, a balança e as alfaias religiosas e domésticas acima referidas às quais se somam mais uns quantos objetos curiosos que espelham a importância crescente do culto. São eles: bilhas de barro para água, garrafas de vinho, baldes para limpeza da igreja, um casaco e um par de calças de forçado²¹⁷, 40 lanternas de azeite e 54 tijelas de vidro colorido para o arraial, 8 esteiras, um bazar desmontável em madeira²¹⁸, uma bilha para petróleo, e até duas cafeteiras de esmalte novas²¹⁹! Estas últimas referências permitem afirmar que era do domínio da Confraria assumir a iluminação do local, bem como o fornecimento de alguma loiça para o piquenique. Atendendo à presença das esteiras, presume-se que os mordomos das festividades pernoitariam no local a fim de o vigiarem e de melhor organizarem os festejos - há que ter em conta que as distâncias, atendendo aos meios de transporte existentes à época, ainda que curtas, eram morosas, e sendo os festejos realizados em dois dias consecutivos, seria a solução mais óbvia passar a noite no local. Quanto às cafeteiras, estas foram referidas porque, como se verifica pela constância no inventário de 1929, é costume antigo e que ainda hoje se mantém, a oferta de café aos romeiros e peregrinos aquando da sua chegada ao local.

²¹³ Esta diversidade de mantos, de cores e motivos nos objetos do uso da imagem podem justificar as diferenças de representação que se verificam nas pinturas dos milagres. Ainda, as cores correspondem às mesmas das fitas sacramentais.

²¹⁴ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910, fl. 3v.

²¹⁵ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1929, fl. 1v.

²¹⁶ *Idem*, fl. 1v.

²¹⁷ *Idem*, fl. 3.

²¹⁸ *Idem*, fl. 3v.

²¹⁹ *Idem*, fl. 4.

Quanto aos bens imóveis, ainda que, em 1929, estivessem contabilizadas duas cavalariças e 6 habitações, o seu número foi variável ao longo dos anos. Em 1942, seriam 5 as habitações e uma cavalariça apenas. Em 1946, passaram a 6 habitações e duas cavalariças e, em 1951, seriam 7 as habitações e uma cavalariça²²⁰. Em 1957, o local deixa de ter cavalariças e passa a ter 9 habitações²²¹. É ainda em 1957 que a Confraria assiste à perda de um dos seus bens imóveis em detrimento da construção de um outro: a fonte de Nossa Senhora é afetada pela construção da Albufeira ou Barragem do Maranhão²²², e por impedimento de ser trasladada para outro local, foi pedida uma indemnização²²³ com vista a quitarem-se dívidas anteriores, a garantir água à ermida por meio da construção de um poço e a beneficiar-se a Igreja e os seus bens com os melhoramentos necessários, como refere o reitor Padre Joaquim Ramiro Reya²²⁴.

Na segunda metade do século XX, foram ainda acrescentadas duas outras casas, com primeiro andar, fazendo a totalidade de 11 habitações, onde se inseria a do ermitão ou ermitoa. Em 2012, assistiu-se à demolição de duas das habitações, as mais antigas possivelmente, dado a sua localização na lateral da igreja. Esta demolição foi realizada fora dos parâmetros legais, não tendo contado com o acompanhamento devido, porém, obtido autorização do detentor da propriedade, o pároco de Avis. Hoje, verificam-se assim 9 casas de habitação, em ruína.

No que toca aos bens móveis, ainda que não tivesse sido lavrado nenhum inventário atual, chama-se a atenção para o desaparecimento da balança do Arcanjo São Miguel, das alfaias religiosas e domésticas (à exceção dos candeeiros a azeite e de dois andores) e dos santos, verificando-se hoje no local apenas três imagens, todas elas com cerca de uma década: uma Nossa Senhora da Conceição, uma Santa Teresinha e um Sagrado Coração de Jesus, ofertadas porromeiros e devotos. Ainda, existem 4 quadros de milagres operados e as fitas sacramentais inventariadas na investigação. A saber, devido ao facto da mesa da Confraria estar sediada na Igreja Matriz de Avis, alguns dos bens foram deslocados, não sendo possível, à luz dos antigos e simples inventários, verificar a pertença original de alfaias religiosas a Nossa Senhora Mãe dos Homens. A imagem de Nossa Senhora Mãe

²²⁰ IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941 - 1954.*

²²¹ IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas, 1957.*

²²² IMA, *Justificação da indemnização por parte dos Serviços Hidráulicos à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas, 1958.*

²²³ IMA, *Fatura/recibo de indemnização recebida pela afectação dos terrenos de Senhora Mãe dos Homens pela Albufeira do Maranhão, Livro de Facturas, 1958.*

²²⁴ IMA, *Justificação da indemnização por parte dos Serviços Hidráulicos à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas, 1958.*

dos Homens encontrava-se também no edifício sede de paróquia até à data do seu furto, em 2013/2014.

A partir do momento da extinção da Confraria, em meados da década de 60 do século XX, assiste-se ao despojar da ermida, agravado por roubos que a sua condição de isolamento favoreceu, deixando nu aquele que fora um edifício rico. No dealbar da segunda década do século XXI, agrava-se a situação com a demolição das habitações mais antigas e com o furto da imagem padroeira do local, como já foi então referido. Nos dias que correm, sobram de Nossa Senhora Mãe dos Homens essencialmente os bens imóveis, em grande parte arruinados, à exceção da Igreja e coreto, e os bens móveis sem valor monetário. Urge assim a divulgação da história e importância do local e a sua salvaguarda e valorização, a fim de impedir que os bens que testemunham a ação da Confraria através dos séculos se percam de todo.

CAPÍTULO 3 - DIMENSÃO POPULAR DO CULTO: DIVERSIDADE DE MANIFESTAÇÕES

3.1. - DIMENSÃO LENDÁRIA DO *LOCUS*

As ermidas ou capelas rurais surgem frequentemente associadas a uma dimensão paisagística e, simultaneamente, mística, relevante para a sua implantação num determinado local. Assim, pensa-se que *"Não é por acaso que nos sítios mais deslumbrantes, ou mais aprazíveis, encontramos sistematicamente ermidas."*²²⁵. A sua localização, em altitude, de forma a vigiar e controlar a envolvente, e usufruindo de um fértil vale, são também motivos que favorecem a fixação de uma ermida, pois *"(...) as alturas e o deslumbramento paisagístico favorecem o numinoso, facilitam a possibilidade de hierofanias e podem predispor o sagrado (...)"*²²⁶.

Há quem associe a antropomorfização do natural ao culto de São Miguel²²⁷, facto curioso atendendo à localização da ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens e ao culto original que ali se realizava. Se a implantação da ermida foi escolhida em função do culto de São Miguel ou não, podendo mesmo ser um edifício de continuidade e antiguidade, não se sabe. O que é certo é que *"(...) muitas capelas de romagem têm patronos cujo culto remonta a tempos antigos, caso de S. Miguel, S. Mamede, S. Brás, etc. Não podemos também explicar isso somente pela marginalidade ou residualidade da religiosidade popular ou, como tantas vezes se lê, pela cristianização de cultos pagãos, provenientes da antiguidade (...)"*²²⁸, ou pela *"(...) hipotética aculturação (...)"*²²⁹ sem sequência cronológica verificada para o local.

A presença de *"(...) lapas ou fontes, verdeiros e arvoredos (...)"*²³⁰, permitem *"(...) um peculiar sistema de acções e de itinerários e, (...) tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se lhe associam, permitindo um conjunto de vivências que os passam a unir a esse ambiente (...)"*²³¹. No que toca às romarias, a fenomenologia do ambiente é muito importante e tudo tem um significado intrínseco: desde *"(...) a sombra onde se come e descansa, se dança ou canta, até à fonte, desde as vistas deslumbrantes aos acidentes da natureza, desde as vivências ricas e contrastantes*

²²⁵ ALMEIDA, 1984, p. 78.

²²⁶ *Idem*, p. 78.

²²⁷ *Idem*, p. 78.

²²⁸ *Idem*, p. 78.

²²⁹ *Idem*, p. 78.

²³⁰ *Idem*, p. 79.

²³¹ *Idem*, p. 79.

do humano e do divino, do sacro e do profano, do sério e lúdico, desde o encontro do eu e do meu grupo com amigos e conhecidos longínquos até ao relacionamento com desconhecidos (...)"²³².

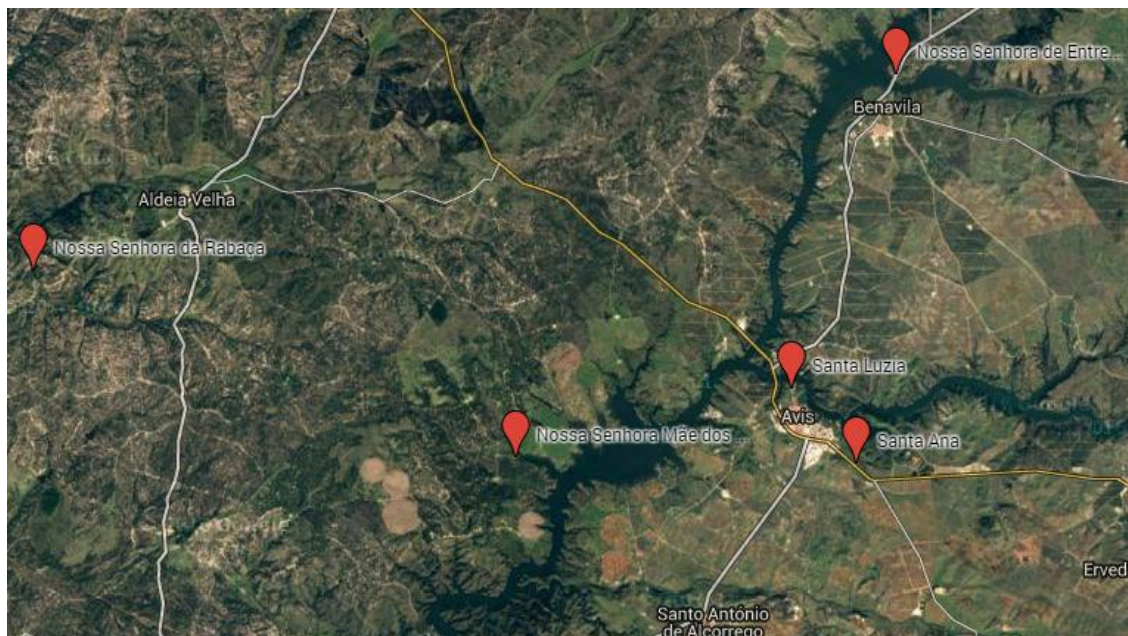
Em suma, a religiosidade popular e rural "(...) é satisfazer nostalgias de vivências em plena natureza, em explosões de liberdade festiva, colectiva e individual, segundo raízes milenares e implorar aos santos segundo as nossas próprias fórmulas (...)"²³³.

Outro fator que pode explicar a implantação das capelas rurais em montes e locais ermos, é a posição estratégica, de proteção dos campos e povoações²³⁴.

Ainda, o afastamento das paróquias favorece, não só a ambiência mística e a associação do sagrado e do profano²³⁵, mas também uma maior libertinagem, e "(...) sem dúvida que as festas e romarias mais populares, e onde encontramos as mais expressivas e notórias vivências de religiosidade popular (...) não é em igrejas catedrais ou paroquiais, mas, sistematicamente, em capelas, ermidas ou santuários (...)"²³⁶.

A associação de lendas aos locais de culto mais marginais e ermos é denominador comum, visto que a própria orografia do local favorece a imaginabilidade e o recurso ao lendário, com vista a explicar uma determinada marginalidade relativamente à paróquia.

Mapa 5



Legenda: Igrejas integrantes na lenda de fundação das ermidas do concelho de Avis. Note-se que as igrejas abarcadas pela lenda (e a sua consequente localização) são variáveis.

Fonte: Google Maps.

²³² ALMEIDA, 1984, p. 82.

²³³ *Idem*, p. 83.

²³⁴ *Idem*, p. 79.

²³⁵ SANCHIS, 2006, p. 85.

²³⁶ ALMEIDA, 1984, p. 75.

Assim, há uma componente idiossincrática nas ermidas²³⁷.

Nossa Senhora Mãe dos Homens não foge à regra, tendo na etnografia e no folclore local uma origem lendária. Dizem as gentes autóctones que há muito tempo, um senhor teve 5 filhas²³⁸. Para seu grande desgosto, todas se davam mal entre elas, e, já cansado de lhes ralhar, toma medidas e separa-as. Assim, coloca cada qual em seu monte, de onde não podiam ver as outras. Começando a sentir a falta das irmãs, todas prometem votar a sua vida a fazer o bem, afim de se voltarem a reunir um dia. E assim, eventualmente, estas se tornaram santas, deixando até hoje as suas ermidas enquanto prova da sua capacidade de resiliência. Estas irmãs seriam, hipoteticamente, Santa Luzia, Santa Ana, Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora da Rabaça e Nossa Senhora de Entre Águas.

Obviamente que se trata apenas de uma explicação popular para a localização de edifícios religiosos afastados da comunidade e em locais isolados. Porém, quando analisadas as datações das igrejas e a sua arquitetura, em nada se assemelham nem se tocam, senão na dimensão popular, não existindo entre si quaisquer elementos comuns. Ainda que sem qualquer substrato científico, tem passado esta mensagem e é comum ouvir algum romeiro de mais idade contando este conto aquando das festividades de Nossa Senhora Mãe dos Homens, olhando o horizonte. Vale pela sua dimensão imaterial e pela tradição oral que representa e que vai alimentando o imaginário da comunidade.

3.2. - MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E DE FÉ

Local de afluência desde meados do século XVIII, Nossa Senhora Mãe dos Homens apresenta algumas manifestações artísticas e de fé que merecem ser destacadas.

Em primeiro lugar, a principal manifestação de fé é a romaria²³⁹, a que se presta pela sua localização isolada²⁴⁰. O ato de peregrinar pressupõe o abandono do espaço quotidiano, "(...) *fazer uma viagem, idealmente a pé (passando por espaço não familiar e por vezes custoso), para ter a noção do encontro do espaço sagrado (...)*"²⁴¹. Uma série de rotinas podem-se seguir, divergindo de romeiro para romeiro, entre elas, saudar os santos,

²³⁷ ALMEIDA, 1984, p. 81.

²³⁸ O número e as invocações são variáveis consoante o contador da história.

²³⁹ Segundo ALMEIDA, 1984, p. 71, podemos encontrar dois tipos de romarias que se podem adequar ao caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens. "*As locais, cuja área de devoção se estende por meia dúzia de paróquias em redor da capela e são as mais numerosas; as regionais, quando o seu raio de atração não excede uma autêntica jornada, isto é, anda à volta dos 20km (...)*".

²⁴⁰ No caso, respeita o que diz SANCHIS, 2006, p.86: a romaria constitui-se como "Um caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos - imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho (...)". A caminhada para Nossa Senhora Mãe dos Homens demora cerca de 3 horas, constituindo-se por cerca de 18km, dos quais a maioria é feita em caminho rural.

²⁴¹ ALMEIDA, 1984, p. 81.

dar voltas à capela, beijar a imagem, deixar esmola, ou, no caso particular de Nossa Senhora Mãe dos Homens, tocar o sino aquando da chegada!

As promessas estão também intimamente ligadas. É comum ouvir aos romeiros que todos os anos afluem ao local em cumprimento de uma promessa feita a Nossa Senhora Mãe dos Homens. E, testemunhando a sua fama milagreira, muitas oferendas por graça concedida e pedidos satisfeitos se podem encontrar na Igreja: os ex-votos.

"O que representa ou representou pois, o ex-voto na vida do nosso povo? (...) talvez o fenómeno se possa definir, chãmente, na prova do agradecimento íntimo, muito sentido e convicto, à santa ou santo da fé de cada um, por graça recebida (...), o testemunho material dum grito aflitivo, expedido das profundezas da alma e do coração que foi ouvido na hora própria, em prece recolhida, pela salvação de um ente querido ou de si próprio (...), é o penhor da promessa realizada (...)"²⁴². Os ex-votos são testemunhos e documentos etnográficos, antropológicos e históricos, são "(...) formas de devoção significativas, constitutivas das "visitas" que os devotos realizam ao local, e fazem parte do culto ao santo. São importantes também porque nelas se expressa certa autonomia e criatividade dos devotos, formas de individualizar a sua relação com os santos (...)"²⁴³. Assumem-se como um "(...) rito inserido na vida privada - na medida em que era um gesto individual -, quanto na esfera pública - na medida em que estavam associados à peregrinação e expunham publicamente os milagres nos santuários (...)"²⁴⁴, pois para "(...) ser considerado um ex-voto, era necessária não só a encomenda do artefacto a ser oferecido, mas também a exposição em um santuário (...)"²⁴⁵.

Existem vários tipos de ex-votos, dos mais simples aos mais complexos. A título de curiosidade, alguns vultos da História de Portugal "(...) exteriorizaram, algumas vezes com magnificência, o seu reconhecimento por verem satisfeita a prece formulada (...)"²⁴⁶, construindo para isso edifícios como o Mosteiro da Batalha ou Convento de Mafra, considerados ex-votos²⁴⁷. Porém, os ex-votos a que pretendemos referir-nos neste trabalho são de um carácter mais simples, constituídos por pinturas de milagres e ex-votos de cera.

Quanto à pintura popular ou pintura de milagres, assumem-se como uma expressão de fé, sociabilidade e testemunho etnológico, merecendo por isso destaque nas

²⁴² LAPA, 1967, p. I.

²⁴³ MENEZES, 2005, p. 31.

²⁴⁴ ABREU, 2005, p. 210.

²⁴⁵ *Idem*, p. 210.

²⁴⁶ LAPA, 1967, p. VI.

²⁴⁷ Os edifícios referidos constituem-se como formas de pagamento de promessas. O Mosteiro da Batalha terá sido mandado edificar por D. João I como agradecimento à Virgem Maria pela vitória na Batalha de Aljubarrota e o Convento de Mafra, erigido a mando do rei D. João V, foi promessa feita a pedido de descendência.

investigações religiosas, não apenas pelo seu significado, mas também pelo seu conteúdo, auxiliando na observação da vida e costumes de épocas passadas.

Viajando para aspetos formais, os principais suportes destas pinturas são a madeira, a chapa metálica e a tela. Quanto à composição, não se pode apontar um modelo, porém, os "*ex-votos médicos*"²⁴⁸ obedecem frequentemente à seguinte disposição: "*(...) a cama à esquerda, com uma mesa ao lado da cabeceira e uma ou outra cadeira encostada à parede; por vezes vê-se à direita, e poucas ao centro. A cena varia também consoante o viver e as posses do ofertante (...)*"²⁴⁹, ainda, do lado oposto, "*(...) a radiosa aparição (...) do santo intercessor que foi invocado (...)*"²⁵⁰. Sendo uma expressão artística popular, a pintura de milagres faz-se acompanhar de uma legenda que "*(...) esclarece e completa o sentido da narração pictórica, revelando-se, geralmente, matéria bem valiosa (...)*"²⁵¹, sobretudo de ponto de vista etnográfico, permitindo "*(...) acompanhar as evoluções da moda no vestuário e nos penteados em todo esse espaço de tempo; o estilo do mobiliário; a natureza e variedade dos objectos de uso doméstico, das alfaias agrícolas e dos meios de transporte; os trabalhos no campo e as lides caseiras (...)*"²⁵².

A par da pintura dos milagres, "*(...) o povo recorria à cera, onde ainda hoje, sobretudo na província, se mantém a tradição dos Braços, Cabeças, Peitos, Pernas, Olhos, tranças de Cabelo, botões de camisa, evocações em mármore, etc. a entregar no dia festivo do orago, em romarias de promessa e devoção (...)*"²⁵³. É comum também fazerem-se ofertas de animais de cera pedindo a sua cura ou a salvação do rebanho, não sendo as promessas e pedidos exclusivamente relacionados com as dores humanas.

"*Os lagares de cera parecem, no entanto, ter sido pouco numerosos e/ou de reduzido impacto no edificado, já que estão omissos das sínteses sobre arquitectura popular consultadas (...)*"²⁵⁴. No decorrer desta afirmação, desconhecem-se em Avis cereiros e/ou centros e oficinas de fabrico de velas e ex-votos na região. Assim, seria a população local a fabricar as oferendas, pelo mesmo processo com que fazia as velas para consumo caseiro: "*(...) depois de espremido o mel, derretendo a cera em água fervente a fim de a libertar das principais impurezas, colhendo-a ainda líquida para a lançar em moldes (...)*"²⁵⁵. Não esquecer que também as velas podiam ser ofertadas em pagamento de promessa, o que continua ainda a ser frequente.

²⁴⁸ ARAÚJO, 1979, p. 14.

²⁴⁹ GAMA, 1972, p. 33.

²⁵⁰ ARAÚJO, 1979, p. 15.

²⁵¹ *Idem*, p. 15.

²⁵² GAMA, 1972, p. 33.

²⁵³ LAPA, 1967, p. II.

²⁵⁴ SOEIRO, 2010-2011, p. 187.

²⁵⁵ *Idem*, p. 187.

A fim de apresentar com o máximo de exatidão os ex-votos de Nossa Senhora Mãe dos Homens, foi elaborado um inventário dos mesmos, em anexo, que se subdivide em pinturas de milagres²⁵⁶ e ex-votos de cera e fitas sacramentais²⁵⁷. O tratamento dos dados recolhidos permitiu chegar a algumas conclusões que adiante se apresentam.

No Inventário de Novembro de 1910²⁵⁸, é referido que a Confraria possuía 13 quadros de milagres operados colocados na capela, um quadro de Nossa Senhora do Carmo, outro de Nossa Senhora do Rosário, a que se somam dois sobre a peregrinação de 1909; é referida ainda existência de 30 quadros dos milagres na tribuna²⁵⁹. Seria esta tribuna uma espécie de sala de milagres? No Inventário de 1929²⁶⁰, assiste-se a um decréscimo, ainda que pouco significativo, do número de pinturas dos milagres, que de um total de 43, quando somados os 13 da capela e os 30 da tribuna, são reduzidos para 40. Mantém-se a existência dos quadros acima referidos, de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário e da peregrinação de 1909. Hoje, é possível encontrar na igreja apenas 4 quadros de milagres²⁶¹, sendo um deles posterior aos inventários referidos. Qual o seu destino? Não se sabe. Possivelmente, devido à crescente deterioração, visto serem materiais perecíveis, terão sido deitados fora, facto para o qual a falta de sensibilidade para esta forma artística e devocional terá contribuído. Os que subsistem tratam-se, ao que se pode concluir da reduzida amostra analisada, de exemplares do século XIX, à exceção de um quadro datado de 1951.

Começando pelo suporte, podemos observar duas pinturas em chapa metálica, uma em madeira e a mais recente em tela, sendo que, quer no caso da chapa metálica, quer no caso da madeira, as peças caminham para um considerável estado de degradação, com presença de insetos xilófagos e de ferrugem, pelo que urge uma campanha de conservação preventiva dos mesmos, a fim de se preservar o seu testemunho.

Partindo para a composição, ao contrário do que é referido anteriormente, no caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens, dos quatro quadros que persistem, apenas um coloca o enfermo do lado esquerdo da composição, sendo que em dois deles este se apresenta do lado direito e no último, ao centro. Quanto às cores, não se contam cores dominantes. À

²⁵⁶ Anexo III - Inventário dos ex-votos: Pintura de milagres.

²⁵⁷ Anexo II - Inventário dos ex-votos: Fitas sacramentais.

²⁵⁸ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910.

²⁵⁹ De 1910 para 1929 deixa de haver menção à tribuna. Teria de facto existido ou tratar-se-ia de uma denominação errónea de alguma dependência, nomeadamente da parte posterior do altar-mor, por exemplo? Teria esta sido destruída? Seria uma espécie de "sala de milagres", pelo número considerável de pinturas referidas na dependência?

²⁶⁰ IMA, *Inventário dos bens móveis e imóveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1929.

²⁶¹ Existem mais dois, não considerados devido a encontrarem-se deslocalizados, em exposição no Centro Interpretativo da Ordem de Avis.

exceção da composição mais recente, monocromática, as pinturas são policromáticas e abundam os tons quentes (amarelo, vermelho, castanho) e as cores da iconografia da Virgem (rosa, branco e azul).

Quanto aos elementos que compõem as pinturas, para além do enfermo e da santa, de novo à exceção da pintura do século XX, que rompe com todos os cânones, são a prole, que suplica pela saúde do enfermo à santa protetora, sendo o motivo predominante para a invocação da mesma a doença. A composição pictórica do século XX apresenta um acidentado, ao centro, com a sua carroça e os cavalos, que se terão despistado, sendo o motivo acidente.

Das quatro produções, apenas três possuem legenda, incluindo o quadro mais recente. Presume-se que o quadro que não possui inscrições se assume assim despojado para garantir o anonimato do crente. O mesmo quadro não possui data, mas estima-se ser de meados do século XIX, devido às semelhanças com os seus pares de 1846 e de 1870.

No tocante à iconografia, é curioso verificar que as representações de Nossa Senhora Mãe dos Homens diferem todas entre si. Desde os elementos que a identificam às cores, assume uma forma diferente para cada composição. Pode ver-se a imagem segurando o menino, ladeada por 4 ou 5 anjos e ainda com um rosário. As suas vestes podem ser de cor rosa ou brancas, e o manto, sempre de cor azul, pode ter presentes algumas estrelas. Este desfasamento da figuração pode prender-se com um carácter amador dos pintores que levavam a cabo estas produções, desconhecendo-se qualquer oficina da zona, premissa corroborada pela falta de técnica, nomeadamente ausência de perspetiva, profundidade e parca ilusão de tridimensionalidade, que, curiosamente, se vai aperfeiçoando com o passar dos anos, sendo que a composição mais antiga, de 1846, é a mais simples, ao passo que a mais recente, de 1951, já possui estes aspetos técnicos bem definidos.

Outra conclusão a que é possível chegar pela análise das pinturas de milagres, é a proporcionalidade direta entre a representação de um número significativo de peças de mobiliário e a abastança da família que encomenda a produção. Uma vez que as composições mais detalhadas apresentam maior cuidado estético, o que era secundário para o objetivo das mesmas, sendo mais cara a produção, estamos diante "*(...) de uma forma de manifestação imagética em que os fins para os quais se destina importavam mais que os seus aspectos estéticos (...)*"²⁶². Depreende-se que as composições mais detalhadas e de maior cuidado artístico, o que aumentava o custo da produção, estariam apenas ao alcance das famílias de posses.

²⁶² ABREU, 2005, p. 197-198.

Passando agora para a análise das fitas sacramentais, e fazendo a ponte entre ambos os momentos do texto, refira-se que, grosso modo, a pintura é atribuída às classes mais altas, com posses e conhecimentos para proceder a encomendas artísticas, e que procuram destaque e afirmação social, deixando o seu nome perpetuado nas legendas das produções que mandaram fazer, ao passo que as fitas sacramentais e os ex-votos de cera, sendo mais acessíveis, são o testemunho da devoção do povo, um povo analfabeto, agrícola, que cumpre a sua promessa com vista apenas a uma vida mais saudável, a um rebanho são, ao regresso do ente querido da guerra, e não ao prestígio social.

A simplicidade das fitas sacramentais e dos ex-votos de cera, na sua maioria sem quaisquer inscrições, tem levado à sua perda e destruição, numa escala largamente maior que as pinturas dos milagres, ainda que estas granjeiem mais apreciadores, pelo que se justifica a pertinência do inventário efetuado. Tratados os dados constantes no inventário, foi possível chegar às seguintes conclusões:

- Contabilizam-se 112 fitas sacramentais, nas quais dominam as cores branca (40 fitas), azul (21 fitas) e rosa (39 fitas). Esta predominância cromática pode ser justificada com as cores da iconografia da Virgem Mãe dos Homens - porém, é uma suposição. Surgem ainda fitas amarelas (1), vermelhas (2), pretas (1), verdes (3), azuis-escuras (1) e laranja (4).
- Dominam os motivos de doença (15), doença do gado (14) e de guerra (5). A paridade do número de fitas sacramentais com motivos de doença e relativas ao gado deve-se à importância que estes animais tinham no quotidiano das populações, sendo o meio de locomoção e trabalho e o principal motor da economia familiar do século XX. Atendendo a um número considerável de ex-votos deslocalizados, quase todos relativos à Guerra do Ultramar, e aos ex-votos cujo motivo desconhecemos (23), que dominam²⁶³, os números e as conclusões apresentadas não são completamente fiáveis. Porém, "*Para ser considerado ex-voto, era necessária não só a encomenda do artefacto a ser oferecido, mas também a exposição em um santuário (...)*"²⁶⁴, pelo que se desconsideram os mesmos.
- Dentro dos ex-votos zoomorfos, domina o gado muar (6), sendo este o principal meio de locomoção e de trabalho, e por isso de importância ímpar para a economia familiar. Segue-se o gado ovino, preferencial na pastorícia da região. De referir a

²⁶³ Atendendo a que a datação conhecida dos ex-votos os situa entre a década de 20 e a década de 70 do século XX, e tendo em conta a sua localização em meio rural, há que reconhecer que o nível de literacia e alfabetização seria deficiente, contribuindo para o desconhecimento do móbil da maioria das fitas, uma vez que os devotos não saberiam escrever; a ter em conta, também, no universo do sagrado o anonimato nestas práticas ritualísticas.

²⁶⁴ ABREU, 2005, p. 210.

presença de um ex-voto de agradecimento por graça concedida a um animal de estimação, um cão, que pode ser associado também à atividade de pastorícia, como guardador de rebanhos ou mesmo como animal de companhia, com uma importância relevante no seio familiar. Existem representações de gado suíno (1), gado muar (6), gado bovino (2), gado ovino (4), um animal de estimação e três desconhecidos.

- No que toca aos ex-votos antropomórficos, é curioso verificar que não há uma enfermidade que se destaque, estando os males associados ao corpo humano todos equiparados, exceto a forma da perna, que surge em menor número. Existem representações de corpo inteiro, de braços, pernas, mãos, pés, cabeças, bustos e corpos humanos sem cabeça.
- Surge um único ex-voto orgânico: uma trança de cabelo natural oferecida junto com fita sacramental.
- Existem ainda, em associação às fitas sacramentais, fotografias de militares por quem se pediu e de devotos que viram os seus pedidos satisfeitos, sobretudo na cura de alguma enfermidade.
- A título de curiosidade, verifica-se o recurso a uma fórmula por duas vezes, que diz "*Tu que me pegas não me tires. Deixa-me sempre aos pés da Virgem*", cujo objetivo seria perpetuar a promessa através dos tempos, apelando a quem tivesse contacto com a mesma que não a retirasse, espelhando a importância do pedido na vida do crente.
- Pelo que foi possível concluir, o intervalo cronológico em que se situam as fitas sacramentais situa-se aproximadamente entre a I Guerra Mundial e a Guerra Colonial. Atendendo a que o século XX foi um século conturbado, seria de esperar que estes períodos originassem um maior número de pedidos, sobretudo por parte das mulheres, pela vinda em segurança dos entes queridos; ainda, na ausência do *pater familias*, toda a prole era mais suscetível, sobretudo a nível económico (colheitas fracas, pouco rendimento, pouco alimento para o gado, consequentes enfermidades no gado, etc.).

Apesar da simplicidade e do reduzido número de ex-votos que se verificam em Nossa Senhora Mãe dos Homens, e mesmo com escassas informações, foi possível chegar a um vasto leque de conclusões que se podem atribuir à sociabilidade da época e que inseridas em contexto dariam um bom contributo antropológico, sociológico, histórico e/ou etnográfico. Para a investigação corrente, apenas se pretende o levantamento dos exemplares e o seu rácio, de uma forma genérica; porém, lançam-se as bases e chama-se a

atenção para uma maior sensibilidade face a estes testemunhos da vivência religiosa popular, que tão ricos se assumem.

3.3. - FESTIVIDADES E PRÁTICAS ROMEIRAS EM NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS: DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS

Como já foi referido, a Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens era responsável pela organização dos festejos em honra da Virgem²⁶⁵.

No século XVIII, ordena o Compromisso da Irmandade²⁶⁶ que "(...) a festa desta nossa Irmandade se fasa no último Domingo de Agosto (...)"²⁶⁷, com vésperas solenes, pregação e procissões em volta da Igreja, acompanhada de todos os irmãos com suas opas brancas. Ainda, à data das festividades realizar-se-iam as eleições para os Mordomos do ano seguinte e para a mesa da Confraria, como atrás referimos.

No século XIX, através da análise dos autos de eleição²⁶⁸, podemos descobrir mais elementos que compunham as festividades. O Termo de Mesa datado de 28 de Maio de 1857²⁶⁹ refere um "(...) *Theatro de Comedias no Patio de Nossa Senhora (...)*". Sabe-se assim que eram feitas peças de teatro no local na época, sendo este o mais antigo registo consultado acerca das atividades culturais do local.

Entrando no século XX, sabe-se pelo jornal *Distrito de Portalegre* de 24 de Agosto de 1904²⁷⁰ que, nesse ano a festividade contou com uma visita ilustre: "*É esperado em Aviz no próximo sabbado o sr. Deputado André de Freitas com a sua esposa. Veem assistir aos festejos annuaes à Senhora Mãe dos Homens. Bem vindos sejam.*". Ainda, é acrescentada a seguinte notícia:

“Aviz. Festejos a Nossa Senhora Mãe dos Homens. A Confraria emprega todos os esforços para que no corrente anno os festejos sejam deslumbrantes. Como de costume antiquíssimo teem logar no ultimo domingo d’este mez, dia 28. Alem da festividade religiosa em que é orador o reverendo cônego Freire d’Andrade, há arraial, iluminações à veneziana e à moda do Minho, queimando-se um bello fogo prezo do acreditado pyrotechnico da Certã, David Nunes e Silva que ainda há pouco forneceu fogo para alguns festejos da capital. Pelas 4 horas da tarde haverá uma esplendida corrida de 8 bravos

²⁶⁵ Como previsto em AHCMA, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1778, no Capítulo VI.

²⁶⁶ AHCMA, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1778.

²⁶⁷ *Idem.*

²⁶⁸ AHCMA, *Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Livro da eleição dos irmãos da)*, dos anos de 1855 a 1867.

²⁶⁹ *Idem*, fl. 4v.

²⁷⁰ Citado por ALMEIDA, 1997, p. 170-171.

novilhos pertencentes ao sympathico lavrador de Benavila, senhor José Godinho d'Abreu, que os cedeu generosamente para abrilhantar os festejos. O torneio é dirigido pelo bem conhecido amator tauromachico senhor Manuel Augusto d'Azevedo, sendo desempenhado por artistas portuguezes e hespanhoes. Ouvimos que na segunda feira continuarão os festejos havendo missa por todos os romeiros que com suas dadas e esmolos concorreram para esta solemnidade e durante a missa terá logar a execução pela banda das melhores peças musicaes. Às 3 da tarde tourada por amadores e curiosos, fechando com este espectáculo, tão querido dos alemtejanos, os festejos d'este anno. A parte musical é desempenhada por um grupo d'amadores d'aqui habilmente regido pelo senhor José Barreto da Guerra Paes. Foi requisitada força militar de cavalaria e infantaria para policiar o arraial e a tourada. Tudo nos leva a crer que as festas no corrente anno serão imponentes e férteis d'attractivos”.

Através da análise deste relato de época, é possível verificar a grandiosidade e o destaque que as festas em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens atingiam. O arraial assumia-se como a principal forma de sociabilidade, enobrecido por espetáculo de pirotecnia, tourada com cavaleiros portugueses e espanhóis, que se repetia pelos dois dias dos festejos (à data, o último domingo de Agosto e a segunda-feira seguinte) e, não podia faltar, a animação musical, compondo todos estes elementos a parte profana dos festejos. Da parte sagrada fazia parte a missa, também ela abrilhantada por música, e a procissão, advinda do século XVIII.

A partir de 1911, a Confraria fica impedida da organização dos festejos devido à conjuntura da recém-implantação da República e da consequente Lei da Separação de Bens da Igreja do Estado. O Ministério da Justiça apenas reconhecia as comissões culturais mediante aprovação de *Estatutos*²⁷¹ e, enquanto não se verificava a confirmação²⁷², "(...) podiam as pessoas religiosas de uma freguesia quotizar-se para o culto público, através de uma subscrição, e constituindo, por essa via, um 'agrupamento cultural transitório' (...)"²⁷³. Assim, no jornal *O Evolucionista*, nº 41, de 5 de Agosto de 1914²⁷⁴, é referido o seguinte:

“Constituiu-se uma comissão d'empregados no comercio e estudantes para no próprio dia, ultimo domingo d'este mez, promover os mesmos festejos fóra da capela, constando de concertos por uma boa banda de musica, bazar, fogo d'artificio, corridas de foot-ball e outros jogos sportivos. Brevemente será publicado o programa dos festejos que atrae sempre àquele aprazivel lugar

²⁷¹ ALVES, 2012, p.18.

²⁷² Adequando-se à conjuntura política, social e religiosa, a Confraria lavrou novo compromisso em 1912, que só viria a ser confirmado em 1921.

²⁷³ ALVES, 2012, p.18.

²⁷⁴ Citado por ALMEIDA, 1997, p. 170-171.

enorme concorrência. Na capela haverá alguns actos religiosos revestidos da maior simplicidade”.

Ainda, no mesmo ano, *O Evolucionista*, nº 44, de 26 de Agosto²⁷⁵, dá conta, numa secção específica sobre notícias de Avis, do seguinte:

“Reina grande entusiasmo nos promotores das festas que no próximo domingo 30, teem logar no pitoresco local da Senhora Mãe dos Homens, a 5 quilometros desta vila. Alem dos números já anunciados uma equipe de rapazes de Evora disputa com um grupo de Avis diversos sports atléticos, como saltos em altura, de balanço, de vara, etc., resultando numa tarde animadíssima. Em logar duma teremos duas musicas e o fogo do ar será o melhor que ali se tem queimado. Vários grupos de raparigas espalhadas pelo arraial exhibirão danças e cantos regionais.”

Ainda que sem a presença direta da Confraria na organização da parte laica dos festejos, os mesmos realizaram-se e mantiveram o seu estatuto de referência. Substituíram-se as corridas de touros (por serem mais dispendiosas) por provas de atletismo, bazar, espetáculo de fogo de artifício, e, mais uma vez, não faltaram as animações musicais, levadas a cabo por uma banda contratada e pela voz de grupos de raparigas da região.

Dentro da mesma conjuntura política, segue-se uma outra notícia, *d’O Evolucionista* de 17 de Agosto de 1916²⁷⁶, com honras de primeira página:

“Festas em Aviz. Está constituída uma comissão para realizar vários festejos por ocasião da romaria anual à Senhora Mãe dos Homens, no domingo, 27 de Agosto; empregando-se esforços para que do programa faça parte uma corrida de novilhos, à antiga portugueza, alem dos costumados concertos por uma boa banda de musica, iluminação, bazar, fogo d’artificio e os populares bailes e descantes alemtejanos, faz-se a distribuição de enxovais a crianças pobres. Um grupo de meninas realisa ensaios para tomar parte na execução dos actos religiosos. A feira franca que no mesmo dia tem lugar no local da romaria atrahe grande concorrência de povo não só do concelho d’Aviz mas dos concelhos vizinhos, tanto mais que alem de fartas sombras a agua corre abundantemente numa fonte que há no recinto dos festejos”.

Constituída uma comissão de festas competente, voltam-se a abrilhantar os festejos em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens com o retorno de grandes atrações, entre elas as corridas de novilhos. Surge neste ano, pela primeira vez, a distribuição de enxovais a crianças desfavorecidas. Devem-se as honras de primeira página da presente notícia ao

²⁷⁵ Citado por ALMEIDA, 1997, p. 170-171.

²⁷⁶ *Idem*, p. 170-171.

facto de se realizar no mesmo dia uma Feira Franca. Mais ainda se chama a atenção para a omissão da referência à Confraria, que, por não ter os seus *Estatutos* confirmados, fica novamente ausente da organização religiosa dos festejos, cabendo os mesmos a um grupo de raparigas.

Na década de 30 do século XX, as festividades subdividem-se. Os *Estatutos* de 1938²⁷⁷ fazem menção ao dia da festividade, que se mantém no último domingo de Agosto e referem também uma missa no domingo do Espírito Santo, que seria costume da Confraria (ainda que não se encontre designado em nenhum documento consultado). Neste dia, iam à praça as casas pertencentes à Irmandade. Estes arrendamentos eram anuais e confinados a quem fosse de maior necessidade ou de confiança da Confraria. Na maioria dos casos, os arrendamentos perpetuavam-se pelos anos, registando-se com frequência os mesmos nomes. Arrendavam-se as habitações, as cavaliças e os baixos do coreto. A quantia das rendas era acordada entre os inquilinos, para que fosse igualitário e justo. As cavaliças e os baixos do coreto eram arrendados por um valor menor.

Das festividades do ano de 1938, sabemos, pelo registo de correspondência²⁷⁸, que foram realizadas na data prevista e, para as mesmas, foi solicitada a força da Guarda Nacional Republicana de Avis, Cano ou Casa Branca, devido às "(...) *peçoas avinhadas* (...) "²⁷⁹ que "(...) *perturbam as peçoas devotas e ordeiras* (...) "²⁸⁰. Como meio de pagamento deste serviço, estando a Confraria endividada, compromete-se o Reitor de lhes proporcionar meio de transporte gratuito. Neste registo são enumeradas algumas atrações das festas: jogos, arraial e barracas de tendeiros e comida, possivelmente indicadores de uma Feira Franca.

Em meados do século XX, devido, possivelmente, à condição de *deficit* em que incorria a Confraria, a comissão começou a organizar atividades, cujo lucro revertia para a Irmandade. Tornam-se então comuns as provas desportivas, como gincanas de bicicleta, provas velocipédicas, torneios de tiro aos pratos, arraiais e até um festival da juventude, que se baseava na realização de jogos populares. Eram comuns também as celebrações religiosas e os peditórios. Todas as atividades eram pagas no ato da inscrição e tinham lugar em Avis²⁸¹, no penúltimo fim de semana de Agosto, regra geral. No último domingo

²⁷⁷ IMA, *Estatutos da Confraria ou Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Freguesia de Alcórrego, Concelho d'Aviz, Arquidiocese d'Évora*, 1938.

²⁷⁸ IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941 - 1952*.

²⁷⁹ *Idem*, fl. 1v.

²⁸⁰ *Idem*, fl. 1v.

²⁸¹ De lembrar que à data já tinham sido encerradas as comportas da Barragem do Maranhão, inaugurada em 1958, o que aumentou as distâncias a Nossa Senhora Mãe dos Homens. A distância inicial de cerca de 5km

do mesmo mês, era levada a Virgem para a sua capela a fim de ali ser festejado o seu dia. Assim é no ano de 1959²⁸² e também em 1963²⁸³. Sobre as festividades de 1963, é de referir a transmissão de um programa da noite em aparelho de TV enquanto atrativo à população avisense, bem como a existência de uma quermesse, uma barraca de chá, uma tómbola e serviço de refrigerantes em Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Em 1969, a celebração não decorreu no dia costumado, realizando-se no domingo do Espírito Santo, por motivos desconhecidos. Porém, "(...) o jornal local *Avisense*, nº 65, (...) referia que naquele ano, provavelmente, seria recuperada a tradição antiga de se celebrarem as festividades no último fim de semana de Agosto."²⁸⁴

Para a década de 70 e 80 não foi possível fazer o levantamento de quaisquer registos de festividades, provavelmente devido à extinção da Confraria, durante os anos 70. Porém, neste interregno, algumas famílias não se fizeram rogadas e deram continuidade ao culto, ainda que de uma forma simplista e, sobretudo, de carácter familiar. Terão sido estes devotos a estar na origem da comissão de festas que se constituiu na década de 90. Esta nova organização pretendia retomar a visibilidade do local e reanimar o culto de forma a impedir a sua perda. Por meio de peditórios e organização de jogos, à semelhança do que fazia a Confraria nos seus últimos anos, angariavam fundos que permitiam a realização dos festejos ano após ano. Faziam parte das animações o arraial, a quermesse, venda de bebidas e jogos de cantarinhas, gincanas e malha, entre outros. Os festejos tinham início na véspera do dia em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens, prolongando-se por toda a noite, levando alguns romeiros a pernoitar no local. No dia seguinte, último domingo de Agosto, como manda a tradição secular, realizavam-se as celebrações religiosas e prosseguia-se com o piquenique pela tarde fora.

Esta organização foi desfeita durante a primeira década do século XXI e os festejos perderam de novo destaque.

foi aumentada para aproximadamente 18km, pelo que as deslocações ao local passaram a limitar-se ao dia dos festejos.

²⁸² **Cartaz desportivo das festas em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens.** [Ponte de Sôr]: Gráfica Sorensen, Lda., 1959.

²⁸³ **Solenes Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens em Avis.** [Ponte de Sôr]: Tipografia Mário de Almeida, 1963.

²⁸⁴ Plano de Pormenor de Salvaguarda do Centro Histórico da Vila de Avis, 2004, p. 204.

Peregrinação
N. Sr.^a Mãe dos Homens

AVIS 30 AGO. (DOM.) 2015

06:00 - Saída a pé, junto ao Posto da GNR
09:00 - Santa Missa na Igreja Matriz
10:00 - Saída em cortejo automóvel, da Igreja Matriz, até à Ermida de N. Sr.^a Mãe dos Homens
11:00 - Missa Dominical na Ermida
Almoço livre e tarde convívio
17:00 - Regresso até à Igreja Matriz de Avis

Organização:
COMISSÃO DE FESTAS DE N. SR.^a MÃE DOS HOMENS
Apoio:
Município de
AVIS
AGO 2015 | RUI RODRIGUES | 20EX

Legenda: Peregrinação a Nossa Senhora Mãe dos Homens, 2015.

Fonte: Município de Avis.

propriedade da Albufeira do Maranhão²⁸⁵, encontram-se vedadas, e o acesso apenas é permitido a quem seja conhecido dos proprietários, que assim salvaguardam o seu património privado.

As questões de posse do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens levantam muitas dúvidas, o que dificulta qualquer ação de salvaguarda e valorização. Pelo que foi possível aferir, os terrenos são pertença da União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão, constituindo-se Senhora Mãe dos Homens como um lugar da mesma. Porém, tendo pertencido a uma Confraria religiosa, os elementos edificados pertencem à paróquia de

²⁸⁵ Os acessos à Barragem encontram-se vedados e fechados a cadeado. Dentro destes limites encontra-se a fonte de Nossa Senhora e a ponte, ambas submersas, e também o poço, deixando Senhora Mãe dos Homens sem provisões de água.

Hoje, as festas em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens, constituem-se apenas pela romaria, celebrações religiosas e um singelo almoço, onde se encontram algumas famílias cuja persistência, fé, devoção e, sobretudo, tradição fazem permanecer.

A localização da Igreja, cuja propriedade se encontra limitada pela Barragem do Maranhão e por propriedades privadas, não favorece a afluência. As

propriedades, incluindo a

Avis, pelo que a freguesia de Alcórrego não tem jurisdição. A agravar esta situação, os marcos de propriedade foram destruídos, e existem grandes lacunas documentais quanto à efetiva condição de posse e extensão. Assim, o isolamento é cada vez maior.

A inexistência de documentação, o desinteresse, a falta de cooperação e organização e, sobretudo, o desconhecimento da importância do local, sobre o qual não tinha sido efetuada nenhuma memória até ao presente estudo, levam a uma situação de inércia por parte da população e das entidades administrativas, apesar da mobilização de esforços no sentido da legalização e abertura da propriedade, até agora infrutíferos. Espera-se assim que este estudo venha a contribuir para o despertar de consciências e para que se registem avanços positivos no estado atual do local.

Apesar das vicissitudes acima referidas, os acessos ao local de Nossa Senhora Mãe dos Homens são abertos ao público no dia das festividades, último domingo de Agosto, que, sem o deslumbre de outrora, se continuam a realizar. O número de atrações foram diminuindo, como diminuíram os romeiros e peregrinos, e passou a realizar-se no local apenas um encontro de amigos e familiares. O programa atual das festas baseia-se no seguinte:

- Partida dos peregrinos e romeiros para o local pelas 6h;
- Às 10h, saída da vila de Avis de uma caravana de viaturas rumo a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Anteriormente ao roubo da imagem, constituía este cortejo a procissão, encabeçada pela figura da Virgem Mãe dos Homens;
- Às 11h, celebração de missa e procissão em volta da igreja;
- Comeretes e beberetes pela tarde fora;
- Às 17h é rezado o terço;
- Pelas 17.30h é abandonado o local em cortejo de viaturas novamente.

Os jogos e as animações musicais são já inexistentes, à exceção de alguns cantares decorrentes dos excessos do almoço ou de um ou outro poeta popular. Mantêm-se algumas tradições, como a oferenda do café aos romeiros aquando da sua chegada, acompanhado de uma boleima, bem como o toque do sino. Esta oferenda é espontânea, e levada a cabo por familiares dos romeiros e/ou pelos mesmos, não havendo regra, perpetuando o espírito de convívio e sociabilidade, sem olhar a quaisquer danos financeiros; de certa forma, acaba por ser também uma espécie de promessa.

Em 2013, a notícia publicada pelo Semanário *Alto Alentejo*, nº 342, de 4 de Setembro, resume o espírito da celebração atual, em que reina a indignação e a nostalgia de outros tempos:

"Com saída pelo fresco das 6h, os peregrinos partiram para a Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Pelas 10h foi a vez de partirem as viaturas em cortejo e a Missa foi celebrada às 11h, seguindo-se a procissão e depois o piquenique pela tarde dentro.

Antigamente, esta velha tradição terá tido a importância de uma feira e a festa chegou a durar oito dias, ao longo dos quais não faltava a actuação de bandas de música e as touradas. Existem hoje dúvidas sobre a propriedade dos terrenos e a casa da ermita foi derrubada e outras se lhe seguirão, havendo vedações e portão eléctrico no caminho para a capela, tendo já sido negado o acesso de pessoas por esse caminho.

«Se a população não tomar as devidas cautelas - já que me parece que a Igreja anda um pouco alheada da situação - mais ano menos ano as Peregrinações a Nossa Senhora Mãe dos Homens serão apenas recordações do passado... oxalá me engane e haja quem saiba desta matéria que me tranquilize», confessa Fernando Máximo, que peregrinou a Nossa Senhora Mãe dos Homens".

Assim, podemos concluir que: *"Este local foi, durante alguns séculos, um ponto de encontro não só da irmandade, mas das famílias que se preparavam quase durante todo o ano, para as festividades de Agosto. O local era, como continua a ser, aprazível e propenso ao contacto com a natureza, especialmente no Verão dos piqueniques, das festas, dos teatros e das romarias que faziam deslocar para aquele belo vale as bestas carregadas com o farnel recheado de boas iguarias (...)"²⁸⁶, pois "As romarias, não se revestiam só de um carácter religioso, elas eram momentos importantíssimos de socialização, onde se confraternizavam e se divertiam as famílias que se deslocavam em peso, com dias de antecedência, muitas vezes, para o local (...)"²⁸⁷. Ainda que sem o destaque de outrora, mantém-se o espírito de partilha e socialização e anseia-se por dotar o local de um melhor destino que o que se avizinha, destino esse que se espera ser influenciado pela presente memória de forma positiva, obviamente!*

²⁸⁶ Plano de Pormenor de Salvaguarda do Centro Histórico da Vila de Avis, 2004, p. 203.

²⁸⁷ *Idem*, p. 204.

CAPÍTULO 4 - SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO RELIGIOSO DO CONCELHO DE AVIS: UMA PROPOSTA INTEGRADA

Maria Filomena Barata²⁸⁸ diz-nos que à "(...) democratização das sociedades correspondeu uma certa perda de ideologia e da respectiva representação historicizante ou monumentalizante das comunidades e do poder que as representa ou subjuga (...)"²⁸⁹. De facto, e, sobretudo, com o fenómeno da globalização, um fator inerente da contemporaneidade, assume-se uma entidade e cultura comum que se impõe às tradições locais e populares, levando-as a cair em desuso, e, conseqüentemente, ao perigo de perda dos seus testemunhos materiais e imateriais. Nossa Senhora Mãe dos Homens insere-se neste quadro. Com o êxodo rural, a perda de importância das tradições religiosas e também com a perda de praticantes das mesmas, o local foi-se degradando e ficando votado aos dissabores do tempo, por não ter utilidade pública²⁹⁰. Neste sentido, é necessário valorizar o local com vista a salvaguardar a sua integridade. Uma gestão efetiva pode ser benéfica em todos os sentidos, auxiliando na preservação dos testemunhos materiais e imateriais, dando a conhecer às comunidades de acolhimento e aos visitantes a sua história, permitindo o acesso intelectual mas também emocional ao património²⁹¹.

Pretende-se neste capítulo apontar vários caminhos para a elaboração de uma proposta de salvaguarda, valorização e também gestão do património em estudo. Porém, ter-se-á presente que "*O património arquitectónico, urbano ou paisagístico, assim como os elementos que o compõem, resultam de uma dialéctica entre os diferentes momentos históricos e os respectivos contextos sócio-culturais.*"²⁹² e que "*Qualquer intervenção implica decisões, escolhas e responsabilidades relacionadas com o património, entendido no seu conjunto, incluindo os elementos que embora hoje possam não ter um significado específico, poderão, contudo, tê-lo no futuro.*"²⁹³. A ter em conta também que, em Nossa Senhora Mãe dos Homens, estamos perante um monumento, segundo Françoise Choay²⁹⁴, que nos diz que "(...) o conceito de monumento (...) passa por ser: '(...) qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças' (...)". O edificado do nosso estudo de caso espelha exatamente o esforço da Confraria em preservar um culto

²⁸⁸ BARATA, 2002, p. 101.

²⁸⁹ *Idem*, p. 101.

²⁹⁰ No Art.º 5º da Carta de Veneza, 1964, é referido que: "*A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua afectação a uma função útil à sociedade (...)*".

²⁹¹ Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, 1999, Princípio 1.

²⁹² Carta de Cracóvia, 2000.

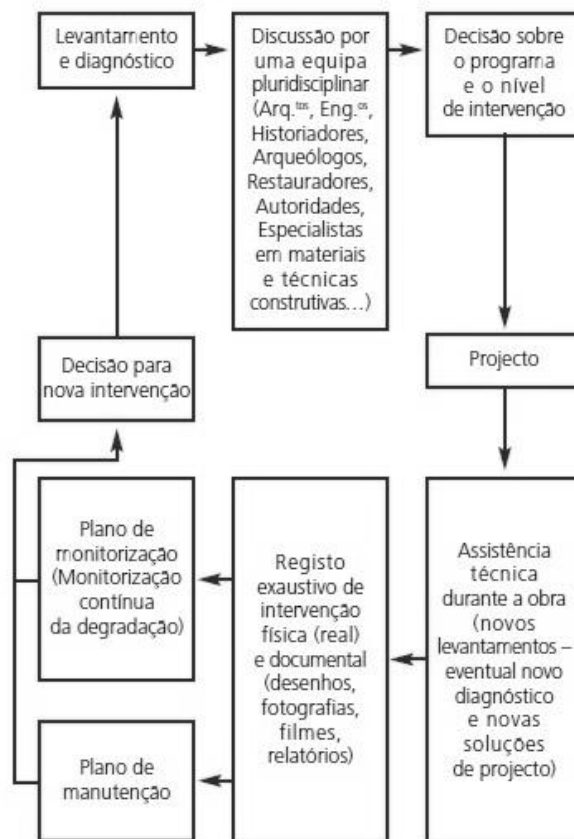
²⁹³ *Idem*.

²⁹⁴ Citada por RODRIGUES, 2010, p. 5-6.

e uma tradição religiosa secular, de cariz popular, porque afinal, "(...) o 'Património' não existe como entidade objectiva, ausente de memória."²⁹⁵.

A melhor forma de preservar a integridade de um local histórico e/ou arquitetónico é por meio de constantes manutenções ou, em linguagem patrimonial, de ações de conservação. Sobre o conceito de **Imagem 2**

conservação: tenhamos presente que se trata de uma ação que visa salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho histórico²⁹⁶, implicando a manutenção dos monumentos²⁹⁷. Tem em vista a preservação do monumento em questão, que pressupõe o controlo do meio ambiental, a manutenção, reparação, renovação e reabilitação²⁹⁸. Estas intervenções garantem a longevidade dos edifícios e impedem o agravamento do estado dos monumentos. Elas são de carácter preventivo e, se levadas a cabo com relativa frequência, previnem e evitam intervenções de maior amplitude, como sejam ações de restauro ou reconstrução²⁹⁹. No que toca à sua metodologia, e como em qualquer



Legenda: Gráfico com metodologia de ação para intervenções no património.

Fonte: BARATA, 2002, p. 8.

intervenções, uma ação de conservação deve ser previamente estudada e justificada por escrito. Os materiais e técnicas a utilizar deverão ser de carácter reversível, os trabalhos devem ser documentados na íntegra³⁰⁰ e ilustradas todas as fases com desenhos e fotografias. A conservação é uma ação que deverá ser transversal a qualquer das hipóteses de salvaguarda e valorização em Nossa Senhora Mãe dos Homens, indicadas no decorrer do presente capítulo, e que deverá ser levada a cabo com frequência, independentemente do futuro do local.

²⁹⁵ BARATA, 2002, p. 101.

²⁹⁶ Carta de Veneza, 1964, Art.º 3º.

²⁹⁷ *Idem*, Art.º 4º.

²⁹⁸ Carta de Cracóvia, 2000.

²⁹⁹ Carta do Restauro, 1972, p. 7.

³⁰⁰ Carta de Veneza, 1964, Art.º 16º e Carta do Restauro, 1972, Art.º 8º.

Outra tarefa prioritária, e que traria o reconhecimento do local em termos patrimoniais, é a sua proposta de inventário e classificação.

Segundo a Lei de Bases do Património Cultural, constituem-se como formas de proteção de bens culturais o registo patrimonial de inventário e de classificação³⁰¹. Os bens inventariados passam a gozar de proteção "(...) *com vista a evitar o seu perecimento ou degradação, a apoiar a sua conservação e a divulgar a respectiva existência.*"³⁰².

Entre 9 critérios genéricos de apreciação para o processo de inventariação de um imóvel, Nossa Senhora Mãe dos Homens pode beneficiar de 5³⁰³, apresentados de seguida:

- O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso;
- O interesse do bem como testemunho notável das vivências ou factos históricos;
- A conceção arquitetónica, urbanística e paisagística;
- A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da investigação histórica ou científica;
- As circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem.

Neste âmbito, e devido ao facto de o local de Nossa Senhora Mãe dos Homens não se encontrar referido em inventários nacionais, regionais ou locais consultados durante o decorrer desta investigação, agravando-se pela sua situação de risco, urge a necessidade de prosseguimento da sua proposta de inventário.

No que toca à classificação do conjunto edificado, este processo impede a demolição total ou parcial dos bens imóveis classificados ou em vias de classificação, sem prévia e expressa autorização do órgão competente da administração central ou municipal³⁰⁴. Avançando com este processo, propor-se-ia, pelos valores culturais, importância e tradição local, a classificação como Conjunto de Interesse Municipal. Porém, ao abrigo da Lei de Bases do Património Cultural, "*A classificação de bens culturais pertencentes a igrejas e outras comunidades religiosas incumbe exclusivamente ao Estado e às Regiões Autónomas.*"³⁰⁵. Neste sentido, a classificação passaria por Conjunto de Interesse Público, classificação esta outorgada pelo Estado.

Outra hipótese de proteção passa pelo registo no Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial. Este registo de inventariação destina-se à proteção legal de

³⁰¹ Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, Art.º 16º §2.

³⁰² *Idem*, Art.º 61º §1.

³⁰³ Segundo o Art.º 17º da Lei nº107/2001 de 8 de Setembro. Excetuam-se o carácter matricial do bem, o génio do respetivo criador e o valor estético, técnico ou material intrínseco do bem.

³⁰⁴ Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, Art.º 49º §1.

³⁰⁵ *Idem*, Art.º 94º §5.

manifestações imateriais com continuidade assegurada, mas também às tradições com risco de desaparecimento a curto ou médio prazo³⁰⁶. Analisando os domínios do Património Cultural Imaterial, podemos verificar que o caso concreto de Nossa Senhora Mãe dos Homens se pode inserir no campo das Práticas Sociais, Rituais e Eventos Festivos, pelo significado das suas festividades e práticas religiosas³⁰⁷.

No campo do Património Imaterial, este é salvaguardado apenas pela sua inventariação, e o reconhecimento da sua importância é um fator essencial para a preservação da identidade e memória coletivas.

Tabela 2

	Domínios do PCI	Exemplos
1	Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial	Formas de narrativa popular, tais como o romanceiro, contos, mitos e lendas, cancionero, adivinhas, provérbios e ditos, pregões, parlengas e rimas, alcunhas e apodos, fórmulas mágico-rituais (encantamentos, rezas, esconjuros), etc.
2	Expressões artísticas e manifestações de carácter performativo	Música popular, vocal ou instrumental, dança popular, teatro popular, etc.
3	Práticas sociais, rituais e eventos festivos	Festividades cíclicas, ritos de passagem do indivíduo (nascimento, passagem à vida adulta, casamento, morte), práticas mágico-rituais, práticas religiosas, etc.
4	Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo	Conhecimentos e práticas nas áreas da etnobotânica, tais como a farmacopeia e a medicina tradicional, ou da etnozologia, rituais agrários, meteorologia popular, entre outros tipos de saberes naturalistas populares.
5	Competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais	Conhecimentos e saberes-fazer tradicionais no âmbito de processos de aquisição ou transformação de recursos, tais como caça e coleta, agricultura, pesca e criação de animais, arquitetura popular, ofícios tradicionais, etc.

Legenda: Domínios do Património Cultural Imaterial.

Fonte: COSTA, 2004, p. 7.

³⁰⁶ COSTA, 2014, p. 6.

³⁰⁷ Tratando-se de eventos religiosos, a Comissão pede parecer à Igreja, segundo o Decreto-Lei nº 139 de 15 de Junho de 2009, Art.º 13º §2.

4.1. - PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO NO LOCAL

4.1.1. - Turismo Rural

No Art.º 5º da Carta de Veneza, de 1964, é referido que: "*A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua afectação a uma função útil à sociedade (...)*". No caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens, tratando-se de um conjunto, apenas está afeto a uma função o edifício religioso, e por isso é o único elemento preservado. As habitações, o forno e o poço degradam-se dia após dia. Assim, assegurando a sobrevivência dos monumentos, "*(...) deve ser atentamente examinada a possibilidade de novas utilizações dos antigos edifícios monumentais, quando estas não sejam incompatíveis com os interesses histórico-artísticos.*"³⁰⁸. O que se propõe então com estas novas utilizações para o caso que estudamos? Tendo em conta o meio ambiente em que se insere o local e as estruturas que possui, Nossa Senhora Mãe dos Homens podia constituir-se enquanto estância de turismo. De acordo com a legislação portuguesa, "*Turismo no espaço rural consiste no conjunto de actividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remuneração em zonas rurais.*"³⁰⁹. Estes empreendimentos "*(...) devem integrar-se de modo adequado nos locais onde se situam, por forma a preservar, recuperar e valorizar o património arquitectónico, histórico, natural e paisagístico das respectivas regiões, através do aproveitamento e manutenção de casas ou construções tradicionais (...)*"³¹⁰. Assim, arquitetonicamente, os estabelecimentos turísticos devem preservar a integridade das construções³¹¹. Porém, atendendo ao estado em que as habitações, os possíveis alojamentos, se encontram, o restauro das mesmas seria necessário. "*A redacção do projecto para o restauro de uma obra arquitectónica deverá ser precedida de um atento estudo do monumento, conduzido a partir de diversos pontos de vista (que examinem a sua situação no contexto territorial ou no tecido urbano, os aspectos tipológicos, as emergências e qualidades formais, os sistemas e características estruturais, etc.) relativamente à obra original (...). compreenderá um estudo cuidadoso e específico para verificar as condições de estabilidade. (...)*"³¹².

³⁰⁸ Carta do Restauro, 1972, p. 7.

³⁰⁹ Decreto-Lei nº 54 de 11 de Março de 2002, Art.º 1º.

³¹⁰ *Idem*, Art.º 2º §2.

³¹¹ Este facto é consolidado com o Art.º 49º do Decreto-Lei nº54 de 11 de Março de 2002 que diz: "*Os proprietários, possuidores ou legítimos detentores dos empreendimentos de turismo no espaço rural estão impedidos de: a) Alterar substancialmente a sua estrutura externa ou o seu aspecto estético exterior (...)*".

³¹² Carta do Restauro, 1972, p. 7.

Quanto a outras intervenções e melhoramentos, seria necessário:

- O reordenamento viário dos acessos - os acessos a Nossa Senhora Mãe dos Homens são caminhos rurais e, por isso, facilmente mutáveis com fatores meteorológicos e mesmo com a atividade agrícola. Coloca-se outra questão relativamente aos acessos, uma vez que Nossa Senhora Mãe dos Homens se encontra rodeada de propriedades privadas, as quais se têm que cruzar para chegar ao local. A lei não é clara no que toca a esse aspeto, referindo apenas que "*Todos têm direito à fruição dos valores e bens que integram o património cultural, como modo de desenvolvimento da personalidade através da realização cultural.*"³¹³. Por outro lado, é referido que "*A fruição pública dos bens culturais deve ser harmonizada com as exigências de funcionalidade, segurança, preservação e conservação destes.*"³¹⁴, pelo que se depreende que a melhor solução seria o mútuo entendimento entre proprietários³¹⁵, apelando ao bom senso de ambas as partes;
- O saneamento estático e higiénico dos edifícios - as habitações que serviriam de alojamento turístico foram abandonadas no início do último quartel do século XX e mantêm-se com as mesmas condições que detinham à data: com inexistência de água, facto que teria de ser contornado e atualizadas as condições de habitabilidade;
- A revisão do mobiliário urbano - dotar o local de iluminação vertical, caixotes de lixo e sinalética;
- Eletricidade - o local e as habitações não possuem instalações elétricas.

Exclui-se a renovação funcional, uma vez que a função continuaria a ser a de habitação. No que toca ao saneamento estático e higiénico, a fim de não se cometerem intervenções estruturais nas habitações, manter-se-ia o seu traçado original e a sua constituição com apenas duas divisões - sala/cozinha e quarto - e aproveitar-se-iam as habitações com apenas uma divisão (2 habitações) para ali se constituírem balneários públicos que serviriam a totalidade das casas (9, excluídas as duas habitações a renovar funcionalmente), sendo apenas estas alteradas. As habitações de duas divisões, ainda que não possuíssem instalações sanitárias, seriam dotadas com água potável, para alimentação e consumo na dependência da cozinha apenas. Assim, respeitar-se-ia o pressuposto na Carta do Restauro: "*As obras de adaptação deverão ser limitadas ao mínimo, conservando*

³¹³ Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, Art.º 7º §1.

³¹⁴ *Idem*, Art.º 7º §3.

³¹⁵ A questão da propriedade é também de referir. Tratando-se de um lugar pertencente à União de freguesias de Alcórrego, mas de estruturas pertencentes à Igreja, o procedimento ideal seria seguir o permitido no Art.º 4º §1 da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, que diz que "*(...) o Estado (...) e as autarquias locais podem celebrar com detentores particulares de bens culturais, outras entidades interessadas na preservação e valorização dos bens culturais ou empresas especializadas acordos para efeito da prossecução de interesses públicos na área do património cultural.*"

escrupulosamente as formas externas e evitando alterações sensíveis da individualidade tipológica do organismo construtivo e da sequência dos percursos internos."³¹⁶. Mantém-se assim o carácter histórico do conjunto, que *"diz respeito ao interesse que tais estabelecimentos apresentam como testemunhos de civilização do passado e como documentos de cultura urbana, (...) pois não apenas a arquitectura, mas também a estrutura urbana possui, por si própria, significado e valor."*³¹⁷. Esta recuperação dos imóveis degradados é uma das valências do turismo, sobretudo em zonas rurais, permitindo preservar o seu valor histórico³¹⁸ - dinâmica em que se inserem claramente as habitações de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Existem sete modalidades de serviço de hospedagem legalmente definidas³¹⁹, a saber: Turismo de Habitação, Turismo Rural, Agroturismo, Turismo de Aldeia, Casas de Campo, Hotéis Rurais e Parques de Campismo Rurais. Destes, podiam adequar-se a Nossa Senhora Mãe dos Homens o Turismo de Aldeia, visto tratar-se de um conjunto superior a 5 casas e espelhando a arquitetura tradicional, ou as Casas de Campo, cuja definição se assemelha.

A escolha do turismo enquanto fator de valorização de um local histórico baseia-se na crescente procura de Portugal e, sobretudo, do Alentejo como destino turístico, o que, por consequência, leva a uma crescente implementação de medidas de incentivo ao desenvolvimento rural por meio deste sector. O turismo religioso e de peregrinação, formas de turismo cultural, cada vez mais se assumem como um fenómeno de sociedade e atraem cada vez mais população, sobretudo quando aliado a outras atividades específicas e temáticas - turismo náutico, de natureza, etc. - o que acontece em Nossa Senhora Mãe dos Homens³²⁰. Ainda que de forma sazonal, o crescimento deste sector proporciona o desenvolvimento das zonas rurais, *"(...) a diversificação das actividades económicas de quem nelas reside, mediante o aproveitamento dos seus recursos endógenos (...). Estas políticas de desenvolvimento local assumem e promovem a multifuncionalidade dos campos e encaram o turismo como uma instância capaz de dinamizar a economia, gerar emprego e contribuir decisivamente para a fixação das populações rurais."*³²¹.

São muitos os fatores de atração e valorização do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens que o constituiriam como uma estância ímpar:

- A ambiência rural alentejana: a tranquilidade e serenidade;

³¹⁶ Carta do Restauro, 1972, p. 7.

³¹⁷ *Idem*, p. 12.

³¹⁸ SILVA, 2005/2006, p. 310.

³¹⁹ *Idem*, p. 298.

³²⁰ ARRIBA, 2006, p. 78.

³²¹ SILVA, 2005-2006, p. 296.

- A natureza: fauna e flora típicas, o montado de sobro e azinho, o olival, o *habitat* natural das espécies;
- Paisagem enquanto marco identitário: paisagem de planície e a Albufeira do Maranhão;
- A mística patrimonial: partilhando o quotidiano com um monumento;
- Os recursos endógenos: produção vitivinícola e olivícola, a gastronomia, o artesanato;
- Valências culturais no concelho: monumentos religiosos, a Ordem de Avis, estruturas museológicas (CIOA, MUSCA, CAA, etc.);
- A proximidade de cidades classificadas como Património da Humanidade, como Évora (centro histórico) ou Elvas (circuito amuralhado);
- A abundância e proximidade de património arqueológico no Alentejo (ex.: cidade da Ammaia).

Neste sentido, podiam ser desenvolvidas várias modalidades de turismo, aliadas ao turismo de aldeia e/ou casas de campo:

- Turismo de natureza e/ou náutico³²² - atividades radicais centradas nas valências naturais do local, a Barragem e a orografia do terreno (remo, canoagem, passeios de barco, ski aquático, BTT, corta-matos, peddy-pappers, provas de orientação);
- *Touring* cultural³²³ - visitas guiadas a monumentos marcantes da história local e regional, recriação de atividades agrícolas e/ou típicas das populações autóctones (apanha da azeitona, a retirada da cortiça, a monda, a poda, o fazer o pão);
- Gastronomia e vinhos³²⁴ - visitas aos principais centros de produção vitivinícola locais (Abreu Callado, Rovisco Garcia, Fonte Paredes).

Estas são opções de valorização e que o constituem como local de preferência. Porém, o mais importante é a integridade do local e o garante da sua longevidade. Não obstante, qualquer ação desenvolvida no local deverá ter o aval da população autóctone e a sua presença enquanto interveniente em todo o processo, pois um projeto em que a população não se revê é um projeto falhado. Há que ter em conta também a sensibilidade ambiental e ecológica em qualquer intervenção a desenvolver, pois o local manteve-se incólume durante décadas, e deve preservar-se ao máximo a sua autenticidade e integridade. Não esquecer ainda que o móbil da fixação da população do local foi a

³²² Plano de Ação Regional - Alentejo 2020. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural, 2013, p. 90.

³²³ *Idem*, p. 90.

³²⁴ *Idem*, p. 90.

dimensão espiritual, religiosa e sagrada do mesmo, que deve continuar a ser respeitada e mantida.

No que toca ao financiamento para um projeto deste tipo, o Documento Estratégico Turismo do Alentejo³²⁵ prevê o estabelecimento de protocolos com instituições de crédito e financiamento, de modo a assegurar sustentabilidade dos negócios turísticos bem como o apoio à criação empresarial para facilitação de recursos financeiros junto de entidades publicas ou privadas.

A procura deste tipo de alojamento e a sua rentabilização dependeria da divulgação dada do mesmo, que teria de passar certamente pelo "turismo online" e pelos "pacotes de turismo". Do mesmo modo, deveriam ser firmadas parcerias, por exemplo, com o Turismo de Portugal, o Município de Avis e os proprietários do terreno, entre outras. Contudo, não se pretende com esta investigação a constituição de um projeto turístico, nem para tal se possuem conhecimentos. Pretende-se apenas o levantamento de hipóteses de valorização e salvaguarda de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que têm de passar indubitavelmente por este sector, de forma a atrair visitantes e a garantir a sustentabilidade e vitalidade do local.

Parece-nos fazer sentido ainda uma reflexão final acerca da rentabilização do património. Pegando nas palavras de Maria Filomena Barata (2002, p. 103): *"(...) embora sabendo que a sobrevivência das comunidades está dependente da sua saúde económico-financeira, da qual não podemos isolar a sua componente cultural, como se de um elemento distanciado se tratasse, não devemos perder de vista que a visão estritamente economicista do Património assenta em pressupostos que, do meu ponto de vista, podem ser antagónicos à valorização do mesmo."*³²⁶, e chegando mesmo a poder esbater o conceito de Património Cultural, pelo que se deve ter atenção aos novos usos do património. Assim, deve apostar-se em programas de promoção turística que protejam e valorizem as características do património cultural e natural³²⁷ e que assentem não apenas na rentabilização mas também no desenvolvimento social, por meio de programas educativos, formação de guias, criação de postos de trabalho efetivos, desenvolvimento rural, manutenção dos locais, interação entre a população autóctone e os visitantes, entre outros. Pretende-se que o turismo seja *"(...) simultaneamente respeitador do passado e virado ao futuro."*³²⁸ e que a sua relação com os conjuntos patrimoniais ultrapasse os conflitos de valor em benefício das gerações atuais e futuras³²⁹.

³²⁵ Documento Estratégico Turismo do Alentejo 2014-2020 - Visão, Prioridades Estratégicas e Eixos de Intervenção, 2013, p. 8.

³²⁶ BARATA, 2002, p. 103.

³²⁷ Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, 1999, Princípio 6.

³²⁸ Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, 1999.

³²⁹ *Idem*, Princípio 2.

No que toca à gestão do património, neste caso particular, de Nossa Senhora Mãe dos Homens, constitui-se aqui o principal impedimento à concretização de um projeto deste tipo: as dependências pertencem à Igreja num sentido lato, e em específico à Paróquia de Avis. Apesar dos esforços para uma colaboração eficiente entre o Estado e a Igreja para a defesa e conservação dos bens culturais eclesiais³³⁰, são as entidades privadas quem mais contribui. Veja-se o caso de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Azambuja, Évora:

"O Monte do Carmo está situado na (...) antiga Herdade da Azaruja, extensa propriedade pertencente a Martins Lopes Lobo de Saldanha, alcaide-mor de Castelo Ventoso, comendador da Ordem de Cristo, governador e capitão general da capitania brasileira de São Paulo e fundador, na segunda metade do século XVIII, da vila de Azaruja. No local terá existido uma pequena ermida anterior às construções setecentistas que hoje podemos ver, habitada por eremitas e onde pontuava uma imagem pintada de Nossa Senhora do Carmo. Segundo as lendas locais, já após o abandono desta ermida e ermitério pelos ascetas, deu-se a cura milagrosa de uma mulher que invocara o auxílio da imagem, após o que esta se tornou destino de peregrinação regional. Martins Lopes Lobo de Saldanha cedeu então o terreno para a construção de um novo templo, reservando para si e seus descendentes o respectivo padroado.

A estrutura, cuja obra foi ordenada em 1757 por D. Frei Miguel de Távora, arcebispo de Évora, estavam terminadas no ano seguinte, embora os acabamentos interiores ainda se tenham prolongado por alguns anos. Dentro do recinto da ermida foram ainda erguidos quatro edifícios térreos ou de dois pisos, alguns com cave, destinados a albergar um eremita, zelador da capela, e os peregrinos que aí acorriam. Na realidade, a ermida tornou-se um importante centro de romaria desde a sua construção e durante todo o século XIX, atraindo ainda hoje muitos visitantes.

A ermida, de nave única, mantém-se aberta ao culto. Possui planta octogonal, típica dos santuários de peregrinação, acessível através de portal em mármore encimado por janelão rectangular. O interior encontra-se integralmente revestido a estuque policromado, com altares em talha dourada de estilo rococó. As paredes exibem cerca de 1500 ex-votos, testemunhos da devoção dos romeiros.

Os restantes edifícios, datados do último terço do século XVIII e adaptados para receber turistas, incluem a Casa dos Caseiros e a Pousada pequena, ambas térreas e dotadas de cave, e ainda a Pousada Grande e a Casa Grande, esta última acrescentada de uma construção moderna. No

³³⁰ Carta de Vila Vignoni, 1994, Art.º 3º.

conjunto foram conservados muitos elementos arquitectónicos originais, como arcos, abóbadas, janelas e algumas carpintarias, entre outros."³³¹

Em tudo muito semelhante ao caso de Nossa Senhora Mãe dos Homens, dele difere ao ter vingado, sendo hoje uma estância de turismo rural, ao passo que o caso avisenense encontra ao abandono. Esta diferença deve-se essencialmente às questões de posse e de detenção legal do local: no caso de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Azaruja, a propriedade é privada, havendo uma maior liberdade para reinventar o local, o que torna tudo possível³³², enquanto Nossa Senhora Mãe dos Homens pertence à Paróquia de Avis, entidade conservadora no que toca ao património e aos novos usos do mesmo. Apesar do disposto na Carta de Vila Vignoni, que nos diz que "*Os esforços da Igreja na protecção e manutenção dos seus bens culturais móveis e imóveis são particularmente urgentes no momento histórico actual (...)*"³³³ e que "*A continuidade da utilização, segundo a primitiva finalidade, constitui também a melhor garantia para a conservação dos bens culturais.*"³³⁴, muito caminho há ainda a percorrer para uma maior abertura por parte da Igreja, sobretudo no que toca à reutilização do seu património.

Para a gestão de um empreendimento turístico em Nossa Senhora Mãe dos Homens, e atendendo ao disposto acima, apontar-se-ia como forma de exploração mais eficiente uma parceria entre os detentores da propriedade, a União de Freguesias de Alcorrego e Maranhão, os detentores do património, a Paróquia de Avis, e os proprietários dos terrenos adjacentes, devido à devassa quase contínua da sua propriedade como consequência da afluência de turistas. Estes últimos poderiam ter uma participação ativa, nomeadamente no que toca à realização de atividades agrícolas e vitivinícolas, e poderiam recolher lucros para si através da venda dos seus produtos, uma vez que se tratam de produtores de vinho e azeite, vendo simultaneamente a sua marca divulgada.

³³¹ Segundo <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/17194644>, consultado dia 05 de Julho de 2016.

³³² À semelhança do caso eborenense, há no concelho de Avis uma situação semelhante, com a Igreja e local de Nossa Senhora da Rabaça, na freguesia de Aldeia Velha. Este local encontra-se em propriedade privada e, apesar de não estar reaproveitado como o caso acima abordado, há constantes ações de conservação e manutenção do local, que se encontra em bom estado de conservação. Para além da Igreja e das habitações contíguas, possui também uma escola primária, alugada a uma Associação de Caçadores, que dinamiza o local. Devido à abertura dos acessos a toda a população, e o risco que este facto traz para um local de culto, a santa padroeira do local encontra-se à guarda dos proprietários das terras, que nisto fazem questão.

³³³ Carta de Vila Vignoni, 1994, Art.º 5º.

³³⁴ *Idem*, Art.º 7º.

Este projeto de turismo rural podia alargar-se a outros locais de culto semelhantes a Nossa Senhora Mãe dos Homens, como Santo António de Alcórrego³³⁵, Nossa Senhora de Entre Águas, em Benavila, Nossa Senhora da Rabaça, em Aldeia Velha e São Domingos de Bembelide, no Maranhão Todos estes locais religiosos, com as suas especificidades, possuem habitações às quais se podia adequar o exemplo de proposta para Nossa Senhora Mãe dos Homens, podendo até ser criada uma pequena rede de alojamento turístico cultural e religioso, dinamizando e divulgando os mesmos, contribuindo de igual forma para a sua manutenção e preservação.

4.1.2. - Habitação Social

Pegando nos pressupostos acima indicados, bem como nas etapas de restauro das habitações e contrariando a tendência da valorização excessiva, as habitações de Nossa Senhora Mãe dos Homens podiam ser aproveitadas de igual forma para servirem enquanto forma de apoio social. Na verdade, o objetivo da sua criação esteve intimamente ligado com esta missão, servindo inicialmente para albergar os romeiros e peregrinos que se dirigiam ao local e ali pernoitavam para assistir aos festejos da sua protetora. Posteriormente, tornaram-se habitações comuns, porém, arrendadas pela Confraria, certamente por um preço mais baixo que o comum das casas. Porque não manter essa missão inicial? Saliente-se que as habitações são propriedade da Igreja, cuja missão de solidariedade e caridade são expectáveis. Ainda, existem associações de solidariedade social no Município que podiam aliar a sua missão a este possível projeto. Para famílias carenciadas, minorias ou mesmo servindo enquanto campos de férias de crianças desfavorecidas. Esta última hipótese parece-nos muito aliciante devido à panóplia de atividades passíveis de desenvolver e já referidas anteriormente, constituindo-se assim outra forma de valorizar, salvaguardar e garantir vitalidade no local, sem a componente económico-financeira. Uma das formas de pagamento pelos serviços prestados poderia ser a conservação e manutenção do local.

³³⁵ Composto por Igreja, cemitério e conjunto de habitações, foi recentemente alvo de um projeto de recuperação das últimas, proposto pela União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão, detentora da propriedade. Aguarda agora o projeto de conservação para a Igreja.

4.2. - VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURAL

4.2.1. - Centro Interpretativo de Nossa Senhora Mãe dos Homens

Com o dominante desconhecimento da história e antiguidade do local de Nossa Senhora Mãe dos Homens, seria importante a criação de uma estrutura cultural que apelasse a uma experiência intelectual, a um absorver de conhecimentos, de modo a promover um maior respeito pelo local.

Pensar na hipótese da criação de um museu é algo de megalómano. No entanto, sob a forma de coleção visitável ou centro interpretativo, materializar-se-ia a estrutura cultural que se pretende, atendendo em especial à localização do conjunto edificado. Esta estrutura, cuja sede apenas faria sentido ser no local, mesmo até pelo seu *genius loci*, podia instalar-se inicialmente no interior da Igreja, por exemplo na divisão de arrumos, possibilitando um percurso pelo corpo da Igreja antes de aceder à dependência. Uma outra possibilidade seria o aproveitamento das estruturas de habitação - que outrora tiveram também uma função lúdica e cultural, como se verifica pela existência de um Teatro de Comédias já referido - e a instalação nas mesmas de um ecomuseu. Um ecomuseu, estrutura que pressupõe a participação da comunidade autóctone e a interdisciplinaridade, seria o modelo cultural indicado para implantar no local, permitindo assim a exploração dos diversos campos que confluem em Nossa Senhora Mãe dos Homens. Esta definição de museu permitiria também a criação e manutenção de oficinas variadas:

- Atividades agrícolas e/ou pecuárias: apanha da azeitona, apanha da uva, monda, descortiçamento, poda, ceifa, tosquia, etc., aproveitando a valência que é o Museu do Campo Alentejano, na freguesia de Avis, com um acervo de alfaias agrícolas considerável, que possibilitaria vários workshops temáticos sobre a sua utilização;
- Práticas tradicionais e o saber-fazer: apanha de beldroegas, espargos, cogumelos, labças, entre outros, confeção de pão na forma tradicional, confeção de compotas, preparo da azeitona para consumo, entre outros;
- Oficinas de artesanato;
- Provas gastronómicas, vínicas e olivícolas.

Aliadas estas atividades a um pequeno núcleo explicativo da essência e legado histórico, religioso e social do local, com recurso às novas tecnologias (recursos audiovisuais) para uma maior atratividade, concretizar-se-ia um espaço cultural e lúdico simultaneamente, que respeitaria a autenticidade do local - um atrativo a todas as faixas

etárias! Uma "*patrimonialização de recursos*", nas palavras de Luís Silva³³⁶, abarcando em si história, cultura, agricultura, arquitetura, romarias, procissões, paisagem, entre muitos outros registos patrimoniais.

O que se pretende com este tipo de instituição e neste caso concreto? Sobretudo, a preservação do legado material e imaterial. Assim, seriam expostos materiais diversos relacionados com as festas e tradições locais: arquivos, cartazes, fotografias, alfaias domésticas, alfaias religiosas, ex-votos, tudo o que permitisse ilustrar os dois séculos e meio de história, acompanhados das explicações essenciais à compreensão do visitante. Claro, esta estrutura só funcionaria em associação com o AHCMA e com a Paróquia de Avis, detentores da maioria do acervo. Tentar-se-ia cumprir a maioria das funções museológicas³³⁷, como o estudo e investigação, o inventário e documentação, a conservação, interpretação e exposição e também a educação. O Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades - CIDEHUS -, centro de investigação da Universidade de Évora, podia ser uma boa valência para o desenvolvimento científico do local, nomeadamente com a candidatura de Nossa Senhora Mãe dos Homens ao projeto Aldeias Abandonadas e Preservação do Património.

Os objetivos da criação de um pequeno centro de interpretação seriam: "*Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos e lúdicos.*"³³⁸ e "*Facultar o acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.*"³³⁹.

4.2.2. - Rota das Igrejas de Nossa Senhora Mãe dos Homens

Como foi já referido, o culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens surgiu em Portugal e foi difundido em meados do século XVIII. Mas onde chegou? Quais as suas manifestações? Inserindo o caso avisense numa escala nacional, uma rota das igrejas do culto de Nossa Senhora Mãe dos Homens permitiria o estabelecimento de paralelismos, paradigmas e um itinerário a seguir que divulgaria e certamente fomentaria o estudo desta manifestação religiosa. Porém, o levantamento efetuado não sugeriu a existência de muitos exemplares - talvez pela confusão entre Nossa Senhora Mãe dos Homens e Nossa Senhora com o Menino. Foi possível fazer um levantamento total de 5 exemplos do culto: o caso

³³⁶ SILVA, 2005-2006, p. 296.

³³⁷ Previstas no Art.º 7º da Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto.

³³⁸ Lei nº47/2004 de 19 de Agosto, Art.º 3º, §1 a).

³³⁹ *Idem*, Art.º 3º, §1 b).

Mapa 6



Legenda: Rota das Igrejas de Nossa Senhora Mãe dos Homens. De Norte para Sul: Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Maia; Capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Castelo Branco; Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Portalegre; Nossa Senhora Mãe dos Homens, Avis; Capela de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, Almada.

Fonte: Google Maps.

avise; a Capela de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens³⁴⁰, na União de freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas; a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens³⁴¹, em Oleiros, Castelo Branco; a Igreja de Nossa Senhora da Mãe dos Homens³⁴², na União de freguesias de Gavião e Atalaia, Portalegre; e as Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens³⁴³, em Moreira e Vila Nova da Telha, Maia (não foi possível confirmar a existência de um templo dedicado ao culto em especial). Temos assim, pelo menos, um exemplar para cada região do país, à exceção das Regiões Autónomas e do Algarve. Porém, também nesta última região terá havido uma Igreja em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens³⁴⁴, em Silves, destruída aquando da construção da Estrada Nacional 124³⁴⁵. A falta de localização concreta levou à não inserção na rota apresentada.

Para além da datação do século XVIII, coincidente com o surgimento do culto, nada mais foi possível concluir de comum. Contudo, levantam-se as bases para um futuro estudo comparativo.

Na hipótese da constituição desta rota, a mesma devia ser dinamizada e divulgada por meio de recursos digitais, sobretudo, por meio de percursos de Geocaching, modalidade desportiva de aventura que permite que os seus utilizadores criem as suas próprias rotas

³⁴⁰ Segundo http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=33440, consultado dia 14 de Junho de 2016.

³⁴¹ Segundo http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10034, consultado dia 14 de Junho de 2016.

³⁴² Segundo http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28545, consultado dia 14 de Junho de 2016.

³⁴³ Segundo <http://www.primeiramao.pt/2011/06/27/festas-em-honra-de-nossa-senhora-mae-dos-homens-animam-moreira-e-vila-nova-da-telha/>, consultado dia 14 de Junho de 2016.

³⁴⁴ Segundo http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29471, consultado dia 14 de Junho de 2016.

³⁴⁵ Segundo http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29471, consultado dia 14 de Junho de 2016.

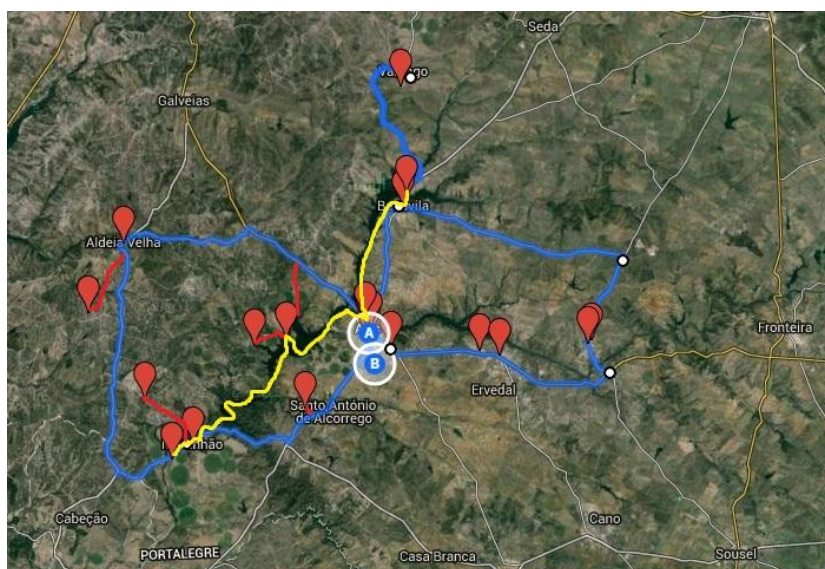
temáticas, nas quais se poderia inserir esta que propomos. O objetivo seria a divulgação da história e iconografia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, ponto comum de todas as Igrejas contempladas e, a longo prazo, um intercâmbio entre os romeiros e peregrinos dos vários locais, dinamizando simultaneamente todos os espaços. Quem sabe até esta divulgação não traria a descoberta de outros locais de culto consignados à Virgem Mãe dos Homens, estendendo a rota a mais Igrejas do país ou de fora dele.

4.2.3. - Rota das Igrejas do Concelho de Avis

Os testemunhos da presença de uma Ordem Militar Religiosa, extinta desde 1834, proliferam ainda na região de Avis sob várias formas, incluindo igrejas. A documentação existente permite o levantamento de 28 edifícios religiosos divididos pelas 8 freguesias, entre edificados e destruídos. Nesse sentido, com tão vasto património, de várias influências e datações, a melhor forma de o valorizar e divulgar é por meio do estabelecimento de uma rota. Contam-se alguns municípios que já apostaram neste tipo de divulgação e valorização do seu património, como Peniche³⁴⁶ ou Penafiel³⁴⁷, e porque não Avis seguir as suas pisadas?

Dentro deste âmbito, o concelho de Avis tem investido na criação de percursos temáticos desenvolvidos pelo Centro Interpretativo da Ordem de Avis. Existem 7 percursos

Mapa 7



Legenda: Rota das Igrejas do concelho de Avis. A azul a rota automóvel, a amarelo a rota de barco, e a vermelho os itinerários a realizar a pé ou de bicicleta.

Fonte: Google Maps.

³⁴⁶ http://www.cm-peniche.pt/RotaIgrejas_concelhopeniche, consultado dia 8 de Março de 2016.

³⁴⁷ <http://www.cm-penafiel.pt/pt-pt/visitar-penafiel/a-visitar/rota-das-igrejas.aspx>, consultado dia 8 de Março de 2016.

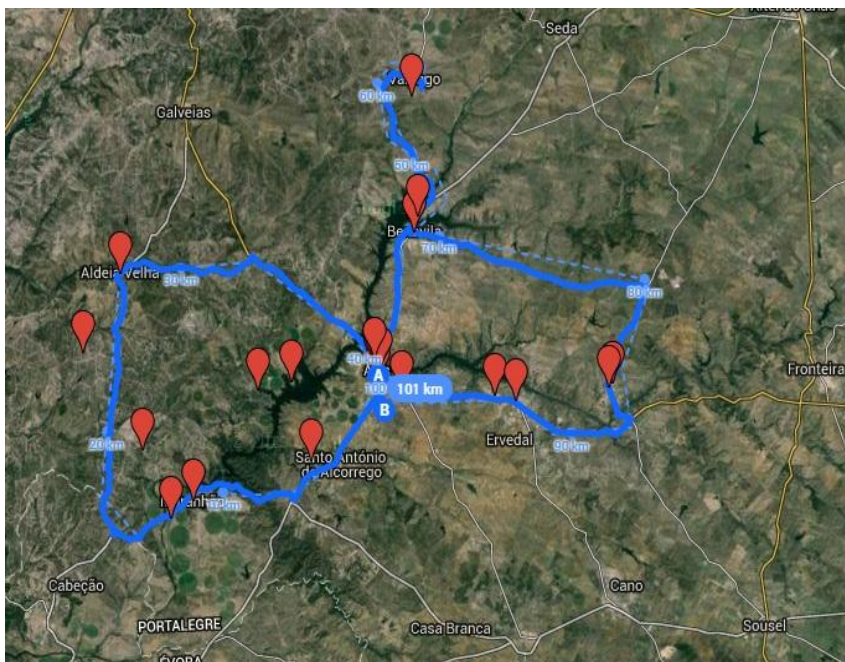
distintos:

- Convento;
- A marca do canteiro em Avis;
- Da Avis Medieval à Avis Moderna;
- Arte Sacra;
- Culto dos Mortos;
- Cursos e Percursos de água: do engenho à necessidade;
- A Ordem de Avis no Concelho.

Apesar da possibilidade de integração de alguns edifícios religiosos nos percursos acima enumerados, ressalva-se a criação de uma rota exclusiva das Igrejas do Concelho de Avis³⁴⁸.

Devido à localização erma ou em propriedades privadas, não foi possível a criação de uma rota única, que unisse todos os edifícios. Assim, é apresentado um conjunto de 3 rotas, para automóvel, barco e trilhos para percorrer a pé ou de bicicleta, partindo do

Mapa 8



Legenda: Mapa da rota automóvel das Igrejas do concelho de Avis com a distância fixada.

Fonte: Google Maps.

percurso automóvel.

Outra opção, não inserida no mapa, é o trajeto em veículo todo-o-terreno, que permite unir o itinerário automóvel ao itinerário para realizar a pé ou de bicicleta.

A rota automóvel, de maior destaque por abarcar mais edifícios, possui cerca de 100km. A rota que se propõe poderia funcionar em sistema

³⁴⁸ Não foi possível localizar no mapa das rotas a Igreja de Santa Catarina, a Capela de São Domingos de Serrazola, a Ermida de São Sebastião e a Ermida de São Pedro, todas elas em Benavila, nem a Ermida do Monte Alto em Figueira e Barros. Salienta-se ainda que, em alguns casos, a localização dos edifícios religiosos é aproximada e/ou duvidável. É o caso da Igreja de São Saturnino, de Valongo, de São Martinho de Bembelide, de Maranhão, e Igreja de São Sebastião, de Ervedal.

de Geocaching, enriquecendo a experiência, através de GPS, por meio de aplicações de telemóvel ou por meio dos tradicionais roteiros e mapas disponibilizados no Posto de Turismo ou em outro estabelecimento semelhante, ficando a escolha ao critério do usuário. Estabelecida a rota, deveria ser também utilizada em prol de atividades a nível local, nomeadamente os cicloturismos ou os passeios todo-o-terreno organizados por associações culturais locais, dinamizando ambos: a rota e a associação ou instituição organizadora do evento.

Quanto à rota parcial de barco, justifica-se pela proximidade de alguns edifícios das margens da Albufeira do Maranhão e porque permite aliar o património religioso ao património paisagístico e natural. Os edifícios comportados por esta rota são: São Domingos de Bembelide, Nossa Senhora Mãe dos Homens, São Pedro de Alcórrego, Santa Luzia, Igreja Paroquial de Benavila e Nossa Senhora de Entre Águas, num percurso Maranhão - Alcórrego - Avis - Benavila.

O exercício que desenvolvemos está ancorado no princípio de que para que uma ação de salvaguarda e valorização seja bem sucedida, deve assentar em várias componentes, a saber³⁴⁹:

- A conservação preventiva e programada;
- A pesquisa e a investigação;
- A proteção e valorização da paisagem;
- O acesso e fruição;
- A divulgação, sensibilização e animação;
- A utilização, o aproveitamento, a rentabilização e a gestão.

Assim, no presente capítulo, através da apresentação de diversas sugestões de valorização de Nossa Senhora Mãe dos Homens, tocámos em todas as componentes apresentadas. A conservação foi o primeiro tópico a ser abordado, dada a sua importância na manutenção dos sítios e devido à periodicidade com que deve ser levada a cabo. A proteção e valorização da paisagem pode inserir-se no processo de inventariação e/ou classificação do conjunto edificado. O acesso e fruição, tal como a utilização, aproveitamento, rentabilização e a gestão encontram-se subentendidos por meio da proposta de habitações sociais ou turísticas para o local. A pesquisa, investigação, divulgação e sensibilização passam pelas propostas de constituição de um centro interpretativo do local, bem como a sua inserção em rotas temáticas. Quanto à animação,

³⁴⁹ Segundo o Art.º 70º da Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, com supressões.

pretende-se que seja proporcionada pelo aumento da afluência e vitalidade do lugar, quiçá como consequência desta investigação, num futuro próximo.

Refere-se de novo que são apresentadas apenas opções de valorização e salvaguarda do património material e imaterial de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e que todo e qualquer projeto deve ter o aval da população autóctone, para a qual o local se assume como um marco identitário. Em todos os projetos se deve ter em conta que o património não surge isolado, mas sim num contexto, pelo que todas as propostas devem ser integradas neste sentido. Vale ainda a referência ao facto de que "*Todos têm o dever de defender e conservar o património cultural, impedindo, no âmbito das faculdades jurídicas próprias, em especial, a destruição, deterioração ou perda de bens culturais.*"³⁵⁰, bem como "*Todos têm o dever de valorizar o património cultural, sem prejuízo dos seus direitos, agindo na medida das respectivas capacidades, com o fito da divulgação, acesso à fruição e enriquecimento dos valores culturais que nele se manifestam.*"³⁵¹. Em suma, a preservação do Património Cultural está nas mãos de todos, em especial das comunidades a que dizem respeito.

³⁵⁰ Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, Art.º 11º §2.

³⁵¹ Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, Art.º 11º §3.

CONCLUSÃO

O território avisense, marcado desde o século XIII pela presença de uma Ordem religioso-militar, apresenta-se rico em testemunhos deste domínio cristão. Contam-se cerca de 28 igrejas, algumas em estado ruinoso, das mais variadas datações, cultos e influências, marcando as 6 freguesias do concelho - Avis, União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão, União de Freguesias de Benavila e Valongo, Aldeia Velha, Ervedal e Figueira e Barros. Entre aquelas encontra-se Nossa Senhora Mãe dos Homens, o nosso objeto de estudo, na União de Freguesias de Alcórrego e Maranhão.

Apesar de não se saber ao certo a data e a origem da sua fundação, presume-se que esta tenha sido ainda durante o período medieval, uma vez que a primeira referência levantada no decorrer desta pesquisa é de 1556³⁵². Assim, sabemos que o local possui cerca de 5 séculos de história, o que só por si o torna num legado histórico, patrimonial e mesmo arqueológico relevante.

Inicialmente, tratar-se-ia de um ermitério, votado a São Miguel, época sobre a qual nada foi possível reconstruir a nível de testemunhos históricos. Porém, a partir de meados do século XVIII, torna-se mais claro o carácter social e religioso do local. Clarifica-se a história do local com a mudança de culto, para Nossa Senhora Mãe dos Homens, e com o surgimento da Confraria do mesmo nome, cujo objetivo, para além da missão solidária, era a organização dos festejos, que contavam com um crescendo de fiéis, venerando a santa. A análise dos documentos obrigatórios previstos nos *Estatutos* da Confraria, permitiu a elaboração de uma linha evolutiva desta associação, das atividades a si associadas, nomeadamente as festividades, e dos seus bens. Constitui-se assim a memória histórica e arquitetónica do local em estudo, a que se junta uma menção aos testemunhos da religiosidade popular do local e uma proposta de salvaguarda e valorização deste vasto conjunto patrimonial.

O que se permite concluir desta investigação consta das seguintes preposições:

- A vivacidade e sociabilidade do local apenas se inicia com a mudança de culto de São Miguel para Nossa Senhora Mãe dos Homens. O local transforma-se então, talvez fruto da campanha propagandista levada a cabo por Frei João de Xabregas, criador da imagem, num local de grande culto, romagem e peregrinação;
- A constituição da Confraria derivou desta crescente afluência e pela necessidade de organização e gestão do local: o que fazer com as esmolas? Como organizar as festas? Como controlar os crentes? Como responder às suas necessidades? Para

³⁵² LOPES, 1556, p. 45.

além destes pressupostos, há que ter em conta que os movimentos de associações de fiéis estavam em ascensão e eram algo de comum no século XVIII;

- Por consequência ainda das peregrinações e romarias, crescentes, houve necessidade de providenciar abrigos para os romeiros, bem como a criação de atrativos. Surgem então as primeiras casas, abarracadas, e um Teatro de Comédias. Ainda, havia lugar para abrigar o gado muar, meio de locomoção da população no século XVIII, XIX e parte do XX;
- Com o passar dos anos, a Confraria, de composição elitista, foi-se consolidando, o que se verifica pela evolução dos seus *Estatutos*. Os seus bens foram também aumentando e melhorando: as casas abarracadas deram lugar a habitações, inicialmente para romeiros e posteriormente alugadas a locais, e, conseqüentemente, surgiram estruturas de apoio à habitação, como o forno, os caminhos e a fonte, mais tarde substituída pelo poço;
- Com a publicidade e destaque regional das festividades, que no século XX chegaram a ter honras de primeira página nos jornais locais e regionais, mandou-se erigir um coreto onde atuavam as bandas contratadas para abrilhantar as festas. Destas faziam parte ainda torneios desportivos e touradas, constituindo-se assim a parte profana das mesmas;
- A religiosidade foi sempre o móbil da afluência e vitalidade do local. Ali se dirigiam - e dirigem - devotos e familiares, cumprindo ou fazendo promessas, suas ou de outrem, ou apenas por crença e paz de espírito. Neste sentido, ainda se podem encontrar no local pinturas votivas do século XVIII, uma pequena amostragem face ao dados que se conhecem do início do século XX, que nos indicam que seriam 4 dezenas e não apenas 4 como atualmente, algumas fitas sacramentais e ex-votos de cera. Estes têm como principais motivos o pedido de regresso de entes queridos das guerras que caracterizaram o século XX, o pedido de cura de doença pessoal ou animal;
- Quanto à evolução arquitetónica do local, devido à falta de estudos e documentação - saliente-se que se tratava de uma época em que as causas patrimoniais não eram relevantes - não é possível a constituição de uma linha evolutiva do edifício;
- A epigrafia é algo que também se faz notar no local, enobrecendo-o e constituindo-se como testemunho da história e da arquitetura do local, com a presença de 4 lápides: uma funerária, uma de agradecimento e duas de informação. Todas elas são de mármore, branco ou cinzento. Quanto à datação, duas são do período tardo-moderno, onde se inclui o epitáfio, deslocalizado, e a epígrafe informativa da

localização da caixa das esmolas, e as restantes, uma epígrafe votiva de agradecimento pela salvação dos povos da região do terramoto de 1909 e uma epígrafe informativa sobre as obras no local à data de 1958, do período contemporâneo.

Tratando-se de um objeto de estudo do Mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, importa justificar que a sua escolha foi movida pelo seu risco de perda. Acontece que o local, que se veio a constituir como um aglomerado rural, se encontrava a cerca de 5km da vila de Avis ou da freguesia de Alcórrego, a que pertence territorialmente, foi isolado pela construção da Albufeira do Maranhão, que submergiu os acessos, tornando a propriedade numa ilha, envolta por propriedades privadas, as quais se têm que cruzar para lá chegar. Assim, os acessos passaram de 5km para 18km, e os moradores viram-se forçados a abandonar o local, com vista a melhores condições de vida, deslocando-se para as localidades mais próximas - a saber que o local não possui eletricidade, os acessos eram rudimentares e não possuía quaisquer serviços a menor distância, agravada pelos meios de locomoção da época. Pouco a pouco, o local foi abandonado, obtendo vestígios da sua anterior vitalidade no último domingo de Agosto, data da celebração em honra da Virgem Mãe dos Homens. Por razões de segurança, os acessos pelas propriedades privadas foram gradualmente fechados e cada vez se torna mais difícil aceder ao local, senão aquando da data acima indicada. Este isolamento e abandono tem posto em causa as estruturas ali existentes e, conseqüentemente, a integridade do local, que a agravar não consta de nenhum inventário patrimonial consultado durante a fase de investigação. Devido a todo o potencial histórico, patrimonial e também paisagístico de Nossa Senhora Mãe dos Homens, inserido na paisagem alentejana e emoldurado pela Albufeira do Maranhão, reúne em si todas as condições para ser alvo de uma proposta de salvaguarda e valorização, inserindo-se na totalidade nos requisitos deste mestrado.

Justificada a escolha do tema e o seu enquadramento científico e académico, importa também referir que a elaboração desta investigação não foi de todo um processo fácil.

Numa primeira ótica, o tema suscitou algumas dúvidas quanto à importância da sua concretização. Tratando-se de um edifício religioso sem qualquer aparato e da mais simples arquitetura, sem elementos documentais de fundamentação da sua fundação e antiguidade e com uma importância histórica que se esgota nas localidades periféricas ao concelho de Avis, esperava-se que a sua essência, a nível académico, fosse reduzida. Porém, apraz-nos dizer que esta investigação foi uma conquista e descoberta a cada passo. Aquela que era uma ermida rural em risco assumiu-se como um testemunho da cultura,

tradição, religiosidade e história das gentes autóctones, gerando um estudo de caso que passa pelas mais diversas áreas, como a arquitetura, a história, a história de arte, a religião, a sociologia, a etnografia, a paleografia, a epigrafia, entre outros. O arquivo da Confraria, principal fundo documental consultado, encontrava-se quase incólume no que toca ao seu estudo - ressaltando-se os documentos presentes no AHCMA - o que por si se tornou aliciante e apaziguou todas as dúvidas. Com informações interessantíssimas, riquíssimas e que possibilitaram fazer luz na escuridão que era a história do local, a pesquisa ganhou o seu rumo e os objetivos tornaram-se claros: havia que trazer toda a história do local à luz do dia, não só como meio de o preservar e impedir a sua perda, mas também para impulsionar outros estudos semelhantes, enaltecendo o facto de que todo o património tem o seu valor intrínseco e particular que vale a pena explorar.

Muito mais havia para explorar relativo a Nossa Senhora Mãe dos Homens... Porém, fechando um ciclo, retomamos a frase que antecede a apresentação desta investigação: *"Procurar a essência ou a 'verdade' das coisas e dos lugares e termos a pretensão de as ter atingido é veleidade demasiada. Arrogância essa quem julga ter entendido o tempo e o espírito dos vestígios com que se confronta. E, no entanto, temos que agir, porque o vazio é bem pior... Porque não podemos fugir ao remorso quando contribuímos para tudo desagregar ou mesmo destruir. Ficaria apenas um "buraco negro" onde ninguém se quer perder. Um gosto demasiado acre na boca e um sopro no coração.*"³⁵³.

³⁵³ BARATA, 2002, p. 105.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

Fontes Manuscritas

AHCMA, *Inventários (Livro de) da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1910.

AHCMA, *Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Livro da eleição dos irmãos da) 1855 a 1867*.

AHCMA, *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, 1778.

ANTT, *Instituição de Capelas e Administração dos Respectivos Bens, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis*, Liv. 3, 1596 a 1709.

ANTT, *Relação das Ordinárias dos Priorados e Benefícios Curados e Simples das Igrejas da Ordem de Avis para uso do Recebedor da Meias Anatas*, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, liv. 6, 1812.

IMA, *Registo de correspondência expedida da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens (encerrada em 1941) / Arrendamentos das casas da Confraria desde 1942, 1941-1954*.

IMA, *Editais para peditório aos devotos de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas*, c. de 1957/1958.

IMA, *Estatutos da Confraria ou Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Freguesia de Alcórrego, Concelho d'Aviz, Arquidiocese d'Évora*, 1938.

IMA, *Estatutos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens do Concelho d'Aviz*, 1887.

IMA, *Estatutos da Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens erecta na sua capela na Freguesia de Alcórrego, Concelho d'Aviz*, 1912.

IMA, *Fatura/recibo de indemnização recebida pela afectação dos terrenos de Senhora Mãe dos Homens pela Albufeira do Maranhão, Livro de Facturas*, 1958.

IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 11 de Outubro de 1957, Livro de Facturas, 1957.*

IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 24 de Abril de 1958, Livro de Facturas, 1958.*

IMA, *Fatura das obras da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 29 de Maio de 1958, Livro de Facturas, 1958.*

IMA, *Justificação da indemnização por parte dos Serviços Hidráulicos à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Livro de Facturas, 1958.*

IMA, *Inventário dos bens móveis e immoveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, 1910.*

IMA, *Inventário dos bens móveis e immoveis que pertencem à Confraria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, 1929.*

IMA, *Orçamento de pintura para a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens de 1 de Março de 1958, Livro de Facturas, 1958.*

INAG, *Despacho do Exm.º Eng.º Director-Geral dos Serviços Hidráulicos sobre a informação n.º. 52/55, 1955.*

INAG, *Planta da Albufeira do Maranhão, 1955.*

Fontes Impressas

CASTRO, João Batista de (1809). *Roteiro terrestre de Portugal: em que se expõem, e ensinão por jornada, e summarios não só as viagens, e as distancias, que ha de Lisboa para as principaes terras das provincias deste reino, mas as derrotas por travessia de humas e outras povoações delle.* Lisboa: Nova Officina de João Rodrigues Neves.

COSME, João, VARANDAS, José (introdução, transcrição e revisão) (2010). *Memórias Paroquiais (1758-1759).* Vol. II (p. 69-72). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa e Editora Caleidoscópio. Acedido a 24 de Novembro de 2015 em <http://portugal1758.di.uevora.pt/component/customproperties/tag/Tipo%20de%20Mem%C3%B3ria-Mem%C3%B3ria%20Completa?start=115>.

COSTA, António Carvalho da (1708). *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal com as Noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém; Varões illustres, Genealogias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Tomo II. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1875). *Portugal Antigo e Moderno ou Diccionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal de Grande Numero de Aldeias...*Vol. 1. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia.

LOPES, Jorge (1556). *Direitos, Bens e Propriedades da Ordem de Avis nas suas três vilas de Avis, Benavila e Benavente e seus termos*.

NIZA, Paulo Dias de (1768). *Portugal sacro-profano ou serie particular de todos os padroeiros das igrejas deste Reino, e de todas as que casa hum delles apresenta: Noticia das terras do Reino, que tem Correio, e as que o não tem, de que Correios se servem*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal.

NORONHA, Carlos de (1631). *Regra de cavallaria e Ordem Militar de S. Bento de Avis*. Lisboa: Yorge Roijz.

REGO, Francisco Xavier do (1730). *Descrição geographica chronologica, historica, e critica da villa, e real Ordem de Avis estudo que D. Francisco Xavier do Rego Clerigo Regular do Conselho de sua Magestade Comissário Geral... oferece ao Senhor D. Manoel Caetano de Souza*.

SANTA MARIA, Agostinho de (1716). *Santuário Mariano e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, em graça dos prègadores, & dos devotos da mesma Senhora*. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram.

CARTAZES

Cartaz desportivo das festas em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens. [Ponte de Sôr]: Gráfica Sorensen, Lda., 1959.

Grandioso Torneio de Tiro aos Pratos em Avis. 1959.

Solenes Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens em Avis. [Ponte de Sôr]: Tipografia Mário de Almeida, 1963.

Peregrinação a Nossa Senhora Mãe dos Homens. [Avis]: Município de Avis, 2015.

Programa Desportivo das Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens em Avis. [Ponte de Sôr]: Tipografia Mário de Almeida, 1963.

LEGISLAÇÃO

Carta de Cracóvia, 2000.

Carta Internacional sobre o Turismo Cultural, 1999.

Carta do Restauro, 1972.

Carta de Veneza, 1964.

Carta de Vila Vigoni, 1994.

Código de Direito Canónico, 4ª Edição (revista). Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa. 7 de Maio de 1940.

Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, 2003.

Decreto nº 11:886 de 15 de Julho de 1926. *Diário de Governo* nº152 - I Série. Presidência do Ministério.

Decreto-Lei nº54/2002 de 11 de Março. *Diário da República* nº59 - I Série - A. Ministério da Economia.

Decreto-Lei nº139/2009 de 15 de Junho. *Diário da República* nº 113 - I Série - A. Ministério da Cultura.

Documento Estratégico Turismo do Alentejo 2014-2020 - Visão, Prioridades Estratégicas e Eixos de Intervenção, 2013.

Lei nº47/2004 de 19 de Agosto. *Diário da República* nº 195 - I Série. Assembleia da República.

Lei nº 92/11 de 21 de Abril. *Diário da República* nº 92 - I Série. Ministério da Justiça.

Lei nº107/2001 de 8 de Setembro. *Diário da República* nº 209 - I Série - A. Ministério da Cultura.

Normas Gerais das Associações de Fiéis, 2008.

Plano de Ação Regional - Alentejo 2020. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural, 2013.

Plano Estratégico Nacional de Turismo Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal, 2007.

Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Avis, 2004.

Resolução da Assembleia da República nº 74/2004 de 18 de Maio. *Diário da República* nº269 - I Série - A. Assembleia da Republica.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Avisense, nº 65, 1969.

Distrito de Portalegre, de 24/8/1904.

O Evolucionista, nº 41 de 5/8/1914; nº 44 de 26/8/1914; de 17/8/1916.

Semanário Alto Alentejo, nº 342, de 4/9/2013.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Jean Luiz Neves (2005). Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. *Revista Brasileira de História*, vol. 31-32, p. 197-214.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (1984). Religiosidade Popular. *Studium Generale: Estudos Contemporâneos*, nº6.

ALMEIDA, Fortunato (1971). *História da Igreja em Portugal*. Vol. IV. Porto: Portucalense Editora.

ALMEIDA, Maria Antónia de Figueiredo Pires de (1997). *Família e Poder no Alentejo (Elites de Avis: 1886-1941)*. Lisboa: Edições Colibri.

ALVES, Jorge Fernandes (2012). Liberdade de consciência, liberdade de cultos: o papel da Lei de Separação do Estado das Igrejas (1911). *Cultura, Espaço e Memória*, nº 3, p. 13-28.

ANDRADE, António Alberto Banha de (1980). *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Editorial Resistência.

ARAÚJO, Agostinho (1979). *Gratulações e Proselitismo na Pintura dos "Milagres"*. Viseu.

ARAÚJO, Agostinho (1979). *A Pintura Popular Votiva no Século XVIII: reflexões a partir da colecção de Matosinhos*. Porto: Oficinas Gráficos Reunidos.

ARRIBA, Carmen Gil (2006). Turismo religioso y el valor sagrado de los lugares: simbología identitaria y patrimonialización del monasterio de Santo Toribio de Liébana (Cantabria). *Cuadernos de Turismo*, nº18. p.77-102.

Arquivo Distrital de Portalegre: Paróquia de Santo António de Alcórrego. História Administrativa - <http://digitalq.adptg.arquivos.pt>.

AZEVEDO, Carlos Moreira (2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

AZEVEDO, Carlos Moreira (2002). *História Religiosa de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

BAPTISTA, Maria João (2002). Carta de Cracóvia 2000. Os princípios de restauro para uma nova Europa. *Estudos de Património*, nº 3, p. 93-99.

BARATA, Maria Filomena (2002). Algumas reflexões sobre Património. *Estudos de Património*, nº 3, p. 100-105.

BARROCA, Mário Jorge (2000). *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. I. Porto: ORGAL Impressores.

BORGES, Ana Maria de Mira & MARINO Luís (2001). A ermida de Nossa Senhora da Assunção de Messejana: Conjugação de influências num exemplar arquitectónico da 2ª metade do século XVIII. In *Actas do II Congresso Internacional do Barroco* (p. 71-81). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto. Acedido a 30 de Novembro de 2015 em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7500.pdf>.

BRIGOLA, João (2006). *II Encontro da Rota do Fresco*. Alvito.

CAETANO, Joaquim Oliveira (2007). *Normas de Inventário. Pintura. Artes Plásticas e Decorativas*. Lisboa: DPI Cromotipo.

Câmara Municipal de Penafiel: Rota das Igrejas - <http://www.cm-penafiel.pt/pt-pt/visitar-penafiel/a-visitar/rota-das-igrejas.aspx>.

Câmara Municipal de Peniche: Rota das Igrejas do concelho de Peniche - http://www.cm-peniche.pt/RotaIgrejas_concelhopeniche.

CARVALHO, Maria João Vilhena de (2004). *Normas de Inventário. Escultura. Artes Plásticas e Decorativas*. Lisboa: Cromotipo, Artes Gráficas, Lda.

CARVALHO, Paulo Jorge Rodrigues de (2008). *Evolução da Oferta e da Procura de Alojamento Turístico no Alentejo: o caso do Convento do Espinheiro Heritage Hotel & SPA*, Relatório de Estágio de Licenciatura, Universidade de Évora, Évora.

COMPLETO, Fernando, et al (2015). *Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Touring Cultural e Paisagístico no Alentejo e Ribatejo*. Lisboa: Panóplia Numérica.

COSME, João & VARANDAS, José (2010). *Memórias Paroquiais (1758-1759)*. Vol. II. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa e Caleidoscópio.

COSTA, Alexandre de Carvalho (1983). *Avis: suas freguesias rurais: Aldeia Velha, Alcórrego, Benavila, Ervedal, Figueira e Barros, Maranhão, Valongo*. Estremoz: Tipografia Progresso.

COSTA, Maria Clara Pereira da (1982). *A Vila de Avis Cabeça de Comarca e da Ordem. Século XVI a XVIII. Tombos, Direitos, Bens e Propriedades*. Lisboa.

COSTA, Paulo Ferreira de (2014). *MatrizPCI. Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial: Manual de Utilização*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.

DIAS, João José Alves (1996). *Gentes e Espaços: em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Direção Geral do Património Cultural - <http://www.patrimoniocultural.pt>.

GAMA, Eurico (1972). *Os Ex-votos do Senhor Jesus da Piedade de Elvas*. Braga: Editorial Franciscana.

GASPAR, Jorge (1969). A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média. *Finisterra*, nº8, p. 198-215.

GOMES, J. Pinharanda (1996-1997). Confrarias, Misericórdias, Ordens Terceiras, Obras Pias e outras associações de fiéis em Portugal nos séculos XIX e XX: bibliografia institucional (contributo). *Lusitânia Sacra*, 2ª série, nº 8/9, p. 611-648.

GONÇALVES, Flávio (1973). *Breve Ensaio sobre a Iconografia da Pintura Religiosa em Portugal*. Lisboa.

GONZALO, María Cruz Porcal (2006). Turismo cultural, turismo religioso y peregrinaciones en Navarra. Las Javieradas como caso de estudio. *Cuadernos de Turismo*, nº18, p. 103-134.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s. d.). Vol. XXXVII. Lisboa: Enciclopédia.

Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora - www.inventarioaevora.com.pt.

KEIL, Luís (1943). *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*. Vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

LAPA, Albino (1967). *Livro de Ex-votos Portugueses*. Lisboa: Estampas.

LOURO, Henrique da Silva (1974). *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: Século XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense.

MARQUES, A. H. de Oliveira & SERRÃO, Joel (1996). *Nova História de Portugal: Portugal em definição de fronteiras (1096-1325)*. Lisboa: Editorial Presença.

MATIAS, Cecília, VIEIRA, João, LACERDA, Manuel, et al (2010). *Kits Património. Património Arquitectónico - Geral*. IHRU/IGESPAR.

MATTOSO, José (1970-1971). Eremitas portugueses no século XII. *Lusitânia Sacra*, nº 9, p. 7-40.

MENEZES, Renata de Castro (2005). Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo António num convento carioca. *Revista Universidade de São Paulo*, nº 67, p. 24-35.

OLIVAL, Fernanda (1999). O clero da Ordem de Avis na região alentejana (1680-1689): concursos e provimentos. *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura - Actas do III Encontro sobre Ordens Militares* (p. 182-221). Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

OLIVAL, Fernanda & OLIVEIRA, Luís Filipe (2010). AVIS, Ordem de. In *Ordens Religiosas Militares* (p. 557-562). Acedido a 8 de Março de 2016 em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2571/1/OLIVAL%20AvisDic2010.pdf>.

OLIVAL, Fernanda (1997). As Ordens Militares na historiografia portuguesa (séculos XVI-XVIII): notas de balanço. *Penélope*, nº17, p. 97-108.

OLIVEIRA, Miguel de (1956). A milícia de Évora e a Ordem de Calatrava. *Lusitânia Sacra*, 1ª série, p. 51-64.

PANOFSKY, Erwin (1976). *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva.

PENTEADO, Pedro (1995). Confrarias portuguesas da Época Moderna: problemas, resultados e tendências de investigação. *Lusitânia Sacra*, 2ª série, nº 7, p. 15-25.

PEREIRA, Armando de Sousa (1998-1999). Avis, viagem a uma vila medieval. *A Cidade de Évora*, II série, nº3, p. 9-35.

PEREIRA, Emanuel Cardoso (2013). *Concelhos e Ordens Militares na Idade Média. Relações de dependência e de confronto dos séculos XII a XIV*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto.

PERICÃO, Maria da Graça (1990). Bibliografia Mariana Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII. *Didaskalia*, vol. XX, 2ª fase, p. 249-464.

PINHO, Elsa Garrett & FREITAS, Inês da Cunha (2000). *Normas de Inventário. Normas Gerais. Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Lisboa: Tipografia A. Coelho Dias.

PONTE, Maria Manuel Correia Costa da (2012). *Arquitetura de terra: o desenho para a durabilidade das construções*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Primeira Mão - Maia: Festas em Honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens - <http://www.primeiramao.pt/2011/06/27/festas-em-honra-de-nossa-senhora-mae-dos-homens-animam-moreira-e-vila-nova-da-telha/>.

REIS, Maria da Conceição (2002). *O Monte Alentejano. A Transformação no Século XX: O Caso da Amoreira de Cima*. Lisboa: Associação de Estudos Rurais da Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, Ana Maria S. A. (2006). A formação da rede paroquial no Portugal medievo. *La Península Ibérica Entre el Mediterráneo y el Atlántico, Siglos XIII-XV. V Jornadas Hispano-Portuguesas de Historia Medieval* (p. 71-84). Cádiz: Sociedad Española de Estudios Medievales.

RODRIGUES, Olinda Maria de Jesus (2010). *As Alminhas em Portugal e a Devolução da Memória. Estudo, recuperação e conservação*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

SALDANHA, Sandra Costa (2011). Santa Maria, Mãe dos Homens. Difusão do culto pela imagem: arte iconográfica. *Invenire*, nº3.

SANCHIS, Pierre (1983). *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

SANCHIS, Pierre (2006). "Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso". *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, ano 8, nº8, p. 85-97.

SILVA, Luís (2005/2006). Os impactos do turismo em espaço rural. *Antropologia Portuguesa*, nº 22/23, p. 295-317.

SILVA, Maria João Monteiro Torres da (2012). *O Estado e o (seu) Património: Práticas administrativas de aquisição e afectação do património edificado*. Dissertação de mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

SILVEIRA, Luís Espinha (1991). Venda de bens nacionais, estrutura da propriedade e estrutura social na região de Évora na primeira metade do século XIX. *Análise Social*, vol. XXVI, nº 112-113, p. 585-612.

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico - www.monumentos.pt

Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos - <http://snirh.apambiente.pt/>.

SOEIRO, Teresa (2010-2011). A propósito de um lagar de cera e da actividade dos cerieiros em Penafiel. *Portvgalia*, vol. 31-31, p. 183-213.

VASCONCELLOS, José Leite de (1980). *Etnografia Portuguesa: tentame de sistematização* (2ª Edição). Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VASCONCELLOS, José Leite de (1936). *Etnografia Portuguesa: tentame de sistematização*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.